



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**MARDEN CRISTIAN FERREIRA CRUZ**

**INTERAÇÕES E APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM UMA COMUNIDADE  
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM DE UM CURSO DE LICENCIATURA  
SEMIPRESENCIAL: UMA ANÁLISE REFERENCIADA NO PARADIGMA  
TEÓRICO DA CIBERCULTURA**

**FORTALEZA**

**2015**

MARDEN CRISTIAN FERREIRA CRUZ

INTERAÇÕES E APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM UMA COMUNIDADE  
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM DE UM CURSO DE LICENCIATURA  
SEMIPRESENCIAL: UMA ANÁLISE REFERENCIADA NO PARADIGMA TEÓRICO DA  
CIBERCULTURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Santos Junqueira Rodrigues.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

C963i

Cruz, Marden Cristian Ferreira.

Interações e aprendizagem colaborativa em uma comunidade virtual de aprendizagem de um curso de licenciatura semipresencial : uma análise referenciada no paradigma teórico da cibercultura / Marden Cristian Ferreira Cruz. – 2015.

104 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Educação brasileira.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Santos Junqueira Rodrigues.

1. Computadores e civilização. 2. Ambientes virtuais compartilhados. 3. Análise de interação em educação. 4. Aprendizagem. 5. Tutoria entre pares estudantes – Fortaleza (CE). 6. Ensino à distância – Fortaleza(CE). 7. Ensino semipresencial – Fortaleza (CE). 8. Universidade Aberta do Brasil. 9. Instituto UFC Virtual. I. Título.

CDD 378.17344678098131

---

MARDEN CRISTIAN FERREIRA CRUZ

INTERAÇÕES E APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM UMA COMUNIDADE  
VIRTUAL DE APRENDIZAGEM DE UM CURSO DE LICENCIATURA  
SEMIPRESENCIAL: UMA ANÁLISE REFERENCIADA NO PARADIGMA TEÓRICO DA  
CIBERCULTURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Eduardo Santos Junqueira Rodrigues (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Gerardo Viana Júnior  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Priscila Barros David  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Aos meus pais, Bismanio e Socorro, credores  
de minha existência.

Aos meus garotos, Raul, Gabriel e Miguel,  
combustível de tudo que faço.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela amorosidade, generosidade e governança de minha vida.

Ao Prof. Dr. Eduardo Junqueira, pela orientação no percurso de toda esta pesquisa, pelo exemplo de dedicação e disciplina, pela paciência e compreensão nos percalços desta caminhada.

Aos professores participantes da banca examinadora Gerardo Viana Júnior, Priscila Barros David e Luiz Fernando Gomes pelo tempo e disposição.

Ao professor Luiz Tadeu Feitosa, por suas contribuições e sugestões no exame de qualificação do projeto desta pesquisa.

Aos alunos entrevistados, pela colaboração na realização desta pesquisa.

Aos professores e alunos da Linha Educação, Currículo e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira-UFC, pelo aprendizado e laços criados.

A minha diletta irmã, Marnye Cristina, pela dedicação e cuidados e, ao meu sobrinho Henrique, pela admiração.

Ao meu irmão e camarada, Marney Eduardo, pelas ajudas emergenciais nos momentos mais necessários.

Aos amigos (as) do Grupo de Estudos Cibercultura, Rodrigo Lacerda, Tatiana Paz, Mércia Figueiredo, Ellen Lacerda, Selma Bessa, Jaiza Helena, Karla Mendonça, Wyssylanya Silva, Zilmara Silva, pelo companheirismo e aprendizado.

Aos (as) companheiros (as) da E.E.F.M. Estado do Paraná, Amauri Frota, Ana Francisca, Ana Cláudia, Amanda Girão, Alcilene, Adriana Ferreira, Bruna, Giselia Carlos, Pérpetua da Silva, Emanuelle Medeiros, Beto Paiva, Nazaré Guedes, Gláucia Duarte, Elayni Costa, Marcelo Oliveira, Cíntia Brasil, Daniel Lima, Dantas, Guto, Milaid, Hildegartón, Tânia Maia, Carminha, Maria Idismar, Maria Peixoto, por fazerem deste espaço lugar de muitos saberes e de fortes laços.

Ao camarada Yuri Uchoa, pelo companheirismo e amizade.

Aos (as) professores (as) Beto Paiva, Emanuelle Medeiros, Gláucia Duarte, Elayni Costa, pelas traduções, correções e especialmente, pela amizade e companheirismo.

Aos meus camaradas Huston Dantas, Roberto Vieira, Tiago Marinho, Marcelo Falcão, Célio Ribeiro, Hermano Vieira, Ítalo de Carvalho, Dr. Luiz Teixeira Neto, Francisca Barbosa, pelos laços que nos unem.

“A cibercultura está inscrita no nosso dia a dia, presente em todas as atividades, sejam elas de trabalho, lazer ou vida privada. Se antes se pensava em áreas específicas em tensão (a técnica, a sociedade, a cultura, a comunicação...), agora a cibercultura é o mundo.” (André Lemos)

## RESUMO

A contemporaneidade é marcada por transformações provocadas por inovações tecnológicas que se refletem em novas formas de viver, de se comunicar, de aprender e ensinar por meio das mudanças geradas por avanços na área computacional. As sociedades organizam novas formas de comunidade e, na denominada Sociedade da Informação, estas se constituem como meio de organização e de sociabilidade no ciberespaço. Essas novas formas de viver e de se comunicar também vêm influenciando os contextos de ensino e de aprendizagem onde as interações nas Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA) podem se articular a partir dessas novas formas de sociabilidade e de aprendizagem. O presente estudo analisou as interações de participantes (alunos e tutora) em um curso de licenciatura semipresencial de uma Universidade Federal e o processo de Aprendizagem Colaborativa presente nestas ações de interação. Foram analisadas características destas novas práticas e vivências sociais no contexto das práticas educativas e no aprendizado, incluindo as relações entre os estudantes, a partir de pressupostos teóricos da Cibercultura. A metodologia utilizada baseou-se na tradição teórica da Etnografia. Tendo-se em vista que parte da coleta de dados ocorreu no ciberespaço, recorreu-se aos métodos da Etnografia Virtual. A análise das interações dos participantes no ambiente virtual de aprendizagem indicou a ocorrência de um processo de Aprendizagem Colaborativa e a formação de uma Comunidade Virtual de Aprendizagem. Conclui-se que, através das interações mediadas por computador, foram criados laços sociais entre os participantes e desenvolveu-se o sentimento de pertencimento a uma comunidade. Entretanto tais ocorrências não corroboram alguns conceitos e práticas da cibercultura que constituem as Comunidades Virtuais no ciberespaço, tendo-se em vista os procedimentos didático-pedagógicos e os objetivos e aprendizagem que nortearam as interações no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

**Palavras-chave:** Cibercultura. Comunidades Virtuais de Aprendizagem. Interações Virtuais. Aprendizagem Colaborativa.

## ABSTRACT

The contemporary is marked by changes caused by technological innovations which reflect in new ways to live, to communicate, to learn and to teach, through changes caused by advances in the computational area. Societies organize new forms of community, and in the so-called information society, they constituted as a mean of organization and sociability in cyberspace. These new ways of living and communicating also affect the teaching and learning contexts, where the interactions in Virtual Learning Communities (VLC) can be articulated from these new forms of sociability and learning. The present study analyzed the interactions of participants (students and a course instructor) in on line degree course at a Federal University and Collaborative Learning process present in these interactive actions. Some characteristics of these new practices and social experiences were analyzed in the context of educational practices and learning, including relation among students, from theoretical formulations in Cyberculture. The methodology was based on the theoretical tradition of Ethnography. Considering the part of the data collection occurred in the cyberspace, called upon the methods of Virtual Ethnography. The analysis of the interactions of the participants in the virtual learning environment indicated the occurrence of a Collaborative Learning Process and the formation of a Virtual Learning Community. It was concluded that, through interactions by computer, were created social links among participants and were developed the sense of belonging in a community. However such occurrences do not corroborate some concepts and practices of Cyberculture which constitute the Virtual Communities in cyberspace, with a view of didactic and pedagogical procedures and objectives and learning which guided interactions in the Virtual Learning Environment (VLE).

**Keywords:** Cyberculture. Virtual Learning Communities. Virtual Interactions. Collaborative Learning.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro comparativo entre a Aprendizagem Tradicional e a Aprendizagem Colaborativa .....	48
Figura 2 – Publicações no Fórum de discussão referentes ao comentário do aluno A4 sobre as interações entre os alunos .....	61
Figura 3 – Publicações no Fórum de discussão sobre o tema Interdisciplinaridade .....	61
Figura 4 – Publicações no Fórum de discussão sobre o tema Interdisciplinaridade .....	62
Figura 5 – Publicação no Fórum de discussão referente à pesquisa feita por um aluno com o intuito de aprofundar a discussão sobre o tema proposto .....	68
Figura 6 – Publicação no Fórum de discussão relacionada ao comentário do aluno A1 sobre as expectativas dos comentários nas discussões no Fórum .....	79
Figura 7 – Publicação do tutor no Fórum de discussão e comentários dos alunos sobre o tema proposto .....	83
Figura 8 – Demonstração de interação entre tutor e aluno a partir de um publicação no Fórum de discussão.....	83
Figura 9 – Publicação no Fórum de discussão relacionada às pesquisas dos alunos e experiências anteriores .....	84
Figura 10 – Publicação no Fórum de discussão relacionada às pesquisas dos alunos e experiências anteriores .....	86

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CV	Comunidade Virtual
CVA	Comunidade Virtual de Aprendizagem
EaD	Educação a Distância
n.p.	Documento não paginado
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	21
<b>2.1</b>	<b>Cibercultura</b> .....	27
<b>2.1.1</b>	<i>Ciberespaço: novas compreensões de tempo e espaço</i> .....	28
<b>2.2</b>	<b>Comunidade e Comunidades Virtuais de Aprendizagem: do pertencimento ao ciberespaço</b> .....	31
<b>2.2.1</b>	<i>Comunidade</i> .....	31
<b>2.2.2</b>	<i>Comunidade Virtual de Aprendizagem</i> .....	34
<b>2.3</b>	<b>Interações e Aprendizagem Colaborativa</b> .....	40
<b>2.3.1</b>	<i>Interações</i> .....	40
<b>2.3.2</b>	<i>Aprendizagem Colaborativa</i> .....	43
<b>2.3.3</b>	<i>Comunidades, AVA e Cibercultura</i> .....	48
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	51
<b>3.1</b>	<b>Local e sujeitos pesquisados</b> .....	54
<b>3.2</b>	<b>Coleta e análise de dados</b> .....	54
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	56
<b>4.1</b>	<b>Interação</b> .....	56
<b>4.1.1</b>	<i>Compreensão de Interação</i> .....	56
<b>4.1.2</b>	<i>Interações e ações do tutor</i> .....	65
<b>4.1.3</b>	<i>Interação e encontros presenciais</i> .....	69
<b>4.2</b>	<b>Comunidade</b> .....	71
<b>4.3</b>	<b>Aprendizagem Colaborativa</b> .....	77
<b>4.4</b>	<b>Interação, Aprendizagem, Comunidades e a Cibercultura</b> .....	87
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	
	<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	103
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	104

## 1 INTRODUÇÃO

Em minha trajetória docente, as experiências dos 14 anos iniciais no magistério estiveram voltadas para a educação básica na rede privada, em cursos pré-vestibulares e cursos preparatórios para concursos públicos. Com formação em História-Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) dediquei-me, além do magistério, a pesquisa sobre o Abolicionismo no Ceará por alguns anos. Embora esta pesquisa fosse de forma acanhada e solitária, me gerava uma certa satisfação. Entretanto, duas experiências formativas ao longo dos últimos anos contribuíram, de forma decisiva, para as mudanças de minhas práticas docentes e no meu interesse em novas temáticas para pesquisas. Estas temáticas eram voltadas aos estudos sobre formação e práticas docentes, a Aprendizagem Colaborativa e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em sala de aula. Estas experiências foram: o Curso de Especialização em Metodologias do Ensino das Ciências Humanas e Sociais e a formação do Programa UCA (Um Computador por Aluno).

O Curso de Especialização em Metodologias do Ensino das Ciências Humanas e Sociais – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada para as Humanidades - HUMANAS-UFC, foi oferecido aos professores da rede pública e voltado para professores da educação básica que atuavam como professores de Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Neste período, como professor substituto da SME de Fortaleza, intencionava me desvincular da rede privada de ensino. Considerava necessário reavaliar minhas práticas enquanto docente e desejava um aprofundamento teórico em algumas temáticas que pudessem me gerar interesses para pesquisas futuras, pois neste período desejava prestar seleção a um curso de mestrado. O Curso de Especialização em Metodologias do Ensino das Ciências Humanas e Sociais propôs uma abordagem interdisciplinar a partir do entendimento das necessidades dos docentes da educação básica nestas áreas.

Este curso de especialização foi criado na modalidade de ensino semipresencial e, proposto o uso da metodologia de trabalho em Células de Educação Continuada para as Humanidades ou Células de Pesquisas e Estudos (CEPs). Esta metodologia estruturava-se na formação de pequenos grupos de trabalho composto por agentes de uma mesma comunidade escolar, que se comunicasse sistematicamente para trocar informações acerca da prática de ensino, bem como realizar projetos e fazer estudos e pesquisas. Como um curso na modalidade semipresencial o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) utilizado foi o Sócrates.

Além das questões que suscitavam as práticas e metodologias de ensino das Humanidades, três aspectos importantes foram realçados em minha formação e trajetória docente: a apropriação tecnológica, dado o uso recorrente do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Sócrates e a imersão no ciberespaço para as pesquisas propostas e, o meu interesse nas questões teóricas relacionadas à formação docente. Também percebemos uma volumosa aquisição de leituras teóricas que envolviam as questões metodológicas nas quatro áreas do conhecimento envolvidas no curso.

Posteriormente, dado o envolvimento e dedicação no curso de especialização e às temáticas anteriormente citadas, passei a compor o quadro de tutores do Núcleo HUMANAS-UFC nos cursos de formação docente oferecidos aos professores da educação básica a partir da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica (Rede), vinculada à Secretaria de Educação Básica do MEC, que tinha como objetivo contribuir para a melhoria da formação continuada dos professores nos Sistemas Estaduais e Municipais de Educação.

As experiências formativas e integradoras como tutor nestes cursos de formação docente aguçaram meu interesse pelas temáticas que envolviam a Aprendizagem Colaborativa, dado a natureza da metodologia proposta, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) pelos docentes e suas dificuldades na apropriação tecnológica e, ainda, o uso destas em sala de aula. Estas experiências como tutor ocorreram nos municípios de Guaraciaba do Norte, Quixeramobim e Aquiraz. Observava que boa parte das dificuldades dos docentes em relação à composição das células de estudo, do trabalho colaborativo e da apropriação tecnológica eram as mesmas nos municípios em que havia trabalhado. Porém, considerava bastante interessante as possibilidades de uso do trabalho colaborativo, o planejamento e estudos dos professores possibilitariam a elaboração de atividades e projetos de forma interdisciplinar, enriquecendo suas aulas e conseqüentemente melhorando o interesse e envolvimento de seus alunos. O mesmo se aplicaria às minhas atividades.

Concomitante a esta experiência, ingressava, através de concurso público, na rede oficial de ensino do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Lotado na E.E.F.M. Estado do Paraná, esta Escola foi escolhida para participar do Programa UCA (Um Computador por Aluno). Inicialmente exercia a função de professor de História e Filosofia e, posteriormente, PCA de Ciências Humanas (Professor Coordenador de Área), acompanhando e auxiliando no planejamento de aulas, avaliações e projetos dos professores de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Com a implantação deste Programa foi oferecida uma formação continuada que visava, dentre outros objetivos, a apropriação tecnológica voltada para o uso

do *laptop* educacional utilizado no Programa, o uso de interfaces *online* e *off-line* com fins didáticos e ainda atividades que envolvessem a Aprendizagem Colaborativa. Mais uma vez a minha formação se relacionava com meus interesses pessoais e profissionais, de mudanças nas minhas práticas enquanto docente e do interesse nas questões relacionadas às TIC, a formação docente e a Aprendizagem Colaborativa.

Por meio do Programa UCA foram desenvolvidos vários projetos que envolviam professores e alunos em atividades interdisciplinares, colaborativas e de uso do *laptop* educacional. Tais experiências nos estimularam à criação de vários projetos interdisciplinares e também no aprofundamento teórico das áreas de nosso interesse.

Um destes projetos executados foi o “Sem Fronteiras: Ponte Atlântica Brasil e Portugal”. Realizado em conjunto pela E.E.F.M. Estado do Paraná, Fortaleza, Brasil; Escola Secundária Carlos Amarante, Braga, Portugal e, Grupo de Pesquisa e Produção de Ambientes Interativos e Objetos de Aprendizagem (PROATIVA – UFC). A iniciativa deste Projeto partiu da realidade da E.E.F.M. Estado do Paraná, escola inserida no Programa UCA (Um Computador por Aluno) e, da necessidade de aplicação das instituições envolvidas na aprendizagem colaborativa. A opção de utilizar a aprendizagem colaborativa veio da intenção de colocar os alunos das duas comunidades envolvidas, Brasil e Portugal, na busca, compreensão e interpretação de suas realidades e contribuir reciprocamente na troca de informações direcionadas pelo corpo docente envolvido no planejamento e execução do Projeto, procurando compreender as alterações provocadas pela inserção de novas tecnologias da informação no cotidiano escolar. As práticas colaborativas desenvolvidas pelos alunos dos dois países durante as atividades propostas no desenvolvimento do Projeto “Sem Fronteiras: Ponte Atlântica Brasil e Portugal” visavam a interação cultural entre estes alunos, dando ênfase aos aspectos históricos, geográficos, linguísticos, hábitos e tradições locais. Estas atividades foram desenvolvidas por meio do uso do *laptop* educacional (Programa UCA), do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) Sócrates, da rede social Facebook, de webconferências e, ainda, da interface GoogleDocs.

Iniciava-se em minhas práticas, além da sala de aula, a imersão no ciberespaço na tentativa de aprofundar tais conhecimentos, dinamizar nossas atividades, procurar novas informações e eventos relacionados a estas temáticas e, as trocas de experiências com outros professores envolvidos em atividades que se relacionavam ao uso das tecnologias computacionais em sala de aula. Uma das nossas experiências em trocar informações com nossos pares está diretamente relacionada ao Projeto “Sem Fronteiras: Ponte Atlântica Brasil e Portugal”, por meio deste, passamos a manter contato com docentes em Portugal, estas

trocas eram feitas através de emails, redes sociais e webconferências. Neste período também participei de algumas formações nas modalidades de ensino a distância e semipresenciais que se constituíam como Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

Diante disto, em 2013 me propus a elaborar um projeto de pesquisa para a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC na Linha de Educação, Currículo e Ensino e no eixo de Tecnologias Digitais na Educação. O projeto intitulado *O uso das ferramentas digitais no AVA Sócrates e a aprendizagem colaborativa nas formações de professores do Núcleo HUMANAS/UFC* trazia à tona as temáticas que me interessavam nos últimos quatro anos. Por meio desta seleção ingressei neste Programa de Pós-Graduação.

O ingresso neste curso de mestrado me possibilitou, através do professor-orientador Dr. Eduardo Santos Junqueira Rodrigues, um aprofundamento nas questões relacionadas às teorias da Cibercultura. Este aprofundamento pôde ser melhor explorado a partir da criação e organização de um grupo de estudos sobre Cibercultura, integrando as ações do grupo de pesquisa Linguagens e Educação em Rede (LER), coordenado por nosso orientador e formado inicialmente por mim e pelo doutorando Rodrigo Lacerda. Posteriormente houve o ingresso de outros pesquisadores neste grupo de estudos.

Os estudos deste grupo intencionavam o aprofundamento das temáticas relacionadas aos principais conceitos e teóricos que tratam das teorias da Cibercultura. A organização dos estudos era feita a partir da leitura dos textos, fichamentos e comentários coletivos, sessões de vídeos e discussões em grupo. Dos autores estudados, destacamos: André Lemos, Marco Silva, Francisco Rüdiger, Manuel Castells, Lúcia Santaella, Pekka Himanen e Nicholas Burbules.

A partir das primeiras sessões de orientação, acordamos escolher uma temática que fosse calcada no paradigma teórico da Cibercultura. O percurso de escolha desta pesquisa iniciou-se nas questões que abordassem a compreensão de Comunidade na contemporaneidade, abarcada por autores como Giorgio Agamben (2009, 2013) e Zygmunt Bauman (2003, 2005). Estes estudos possibilitaram a compreensão de profundas transformações que marcam as sociedades contemporâneas, onde os laços e sentimento de pertencimento se alteram à medida que ocorrem avanços nas práticas computacionais e sociais na Sociedade da Informação (CASTELLS, 1999).

Estas mudanças que emergem do ciberespaço foram inicialmente estudadas a partir da ótica dos principais expoentes dos estudos que envolvem a Cibercultura, como: André Lemos (2007, 2008), Pierre Lévy (2010), Manuel Castells (1999, 2003, 2009) e

Francisco Rüdiger (2013). A compreensão dos conceitos mais relevantes sobre estes fenômenos sociais que emergem do ciberespaço, foram tratados com bastante acuidade na intenção de escolhermos o objeto central de nossa pesquisa a partir do paradigma teórico da Cibercultura.

Diante dos diálogos ocorridos em algumas sessões de orientação decidimos optar na escolha de um objeto que envolvesse a compreensão de Comunidade, Comunidade Virtual de Aprendizagem, Interações e Aprendizagem Colaborativa.

A primeira opção escolhida foi uma Comunidade Virtual de Aprendizagem formada a partir dos alunos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Ceará participantes da disciplina presencial ofertada pelo Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) – UFC Virtual, intitulada Cibercultura e Educação. A partir das observações iniciais e da intenção de coletar dados na Comunidade Virtual criada na rede social Facebook, percebemos que estes dados não seriam suficientes para realizarmos a pesquisa, pois, a participação dos alunos não estava à contento diante do número mínimo de publicações realizadas por eles durante o semestre.

Percebendo tal obstáculo alteramos nosso objeto de pesquisa. Escolhemos um grupo composto por alunos de uma disciplina didática de um curso de graduação da UAB/UFC-Virtual na modalidade de ensino semipresencial, que nos serviria para analisarmos suas Interações mediadas por computador.

Algumas indagações surgiram à medida que iniciávamos esta pesquisa e a coleta de dados empíricos. Como ocorrem as interações entre estes alunos? E entre os alunos e o tutor? Existe a possibilidade destes alunos aprenderem em grupo, de forma colaborativa? Ou o aprendizado é exclusivamente individual? Como ocorrem as ações destes alunos nos Fóruns de discussão? Este grupo se constitui como uma Comunidade Virtual de Aprendizagem? Estes alunos se sentem participantes de uma Comunidade? Como essas ações se localizam e adquirem sentidos no arcabouço teórico da Cibercultura?

Considerando o grupo escolhido a ser pesquisado, o contexto o qual estavam inseridos e, a modalidade de ensino semipresencial, traçamos como pergunta norteadora para nossa pesquisa: Como ocorrem as interações mediadas por computador entre os agentes envolvidos? E, a partir desta pergunta, pudemos elaborar o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa.

#### Objetivo Geral:

Compreender a natureza das interações em uma Comunidade Virtual no paradigma teórico da Cibercultura.

#### Objetivos Específicos:

1. Analisar a natureza das interações entre os participantes do grupo escolhido, formado por alunos de uma disciplina didática de um curso de graduação da UAB/UFC-Virtual na modalidade de ensino semipresencial, que utiliza os Fóruns de discussão de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), atentando para suas ações que possam se constituir no paradigma da cibercultura e em suas ramificações para experiências voltadas à aprendizagem formal;
2. Compreender a partir das ações e interações dos agentes envolvidos, alunos e tutor, elementos que identificam este grupo pesquisado como uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA).
3. Identificar e analisar, no contexto do paradigma teórico da Cibercultura e da aprendizagem na modalidade de ensino semipresencial, ações coletivas entre os participantes do grupo em questão que possam se apresentar como um processo de Aprendizagem Colaborativa.

Desta forma, optamos em acolher a condução teórico-metodológica da Etnografia e da Etnografia Virtual buscando compreender múltiplas camadas de sentido do objeto de estudos e abrindo espaço para conhecer melhor as visões dos alunos sobre as práticas na quais participavam. A pesquisa empírica ocupou-se em colher os dados em dois espaços a sala de aula nos encontros presenciais, através de entrevistas e, os Fóruns de discussão presentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem Solar, através da coleta e análise das publicações dos alunos e tutor nestes Fóruns.

O presente trabalho de dissertação se apresenta seguindo a seguinte ordem:

1. Introdução
2. Fundamentação teórica

Inicialmente fazemos uma abordagem sobre as mudanças na Sociedade da Informação (CASTELLS, 1999, 2003), as definições que envolvem o entendimento de Comunidade (ABBAGNANO, 2007; JOHNSON, 1997) e as transformações que as sociedades na contemporaneidade sofrem (AGAMBEN, 2013) (BAUMAN, 2003). Discorremos sobre as definições centrais que envolvem a Cibercultura, espaço, tempo e fluxos (LE MOS 2007, 2008), (LÉVY, 2010), (CASTELLS, 1999, 2003, 2009) e (RÜDIGER, 2013). Apontamos as características mais importantes das Comunidades Virtuais e das Comunidades Virtuais de Aprendizagem (BARBOSA; RABAÇA, 2001; BEHAR; FLORES;

MUSSOI, 2007; COLL, BUSTOS, ENGEL, 2010; MARCONDES FILHO, 2009; MATTAR, 2009; PALLOFF; PRATT, 2004; RHEINGOLD, 1993).

Como os fenômenos levantados nesta pesquisa estão relacionados às formas de comunicação ligadas as TIC, discorreremos inicialmente sobre o conceito de Ecosistema Comunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2000; SARTORI; SOARES, 2005). Como parte fundamental da compreensão das relações e da comunicação entre os alunos e, entre alunos e tutor, tratamos do conceito de Interação orientados pelos seguintes autores: (LÉVY, 2010; PRIMO, 2005, 2007, 2011,2013; WENGER, 1998).

Para a compreensão do processo de aprendizagem e sua relação com as interações, procuramos discorrer sobre os conceitos de ZDP e dialogicidade, para estes nos orientamos particularmente por (CAMPOS, 1980; VYGOTSKY, 2007; FREIRE, 1980, 1983). Nesta mesma seção, tratamos sobre as definições e abordagens da Aprendizagem Colaborativa (DILLENBOURG, 1996, 1999, 2002; KENSKI, 2003; SILVA, 2014; TORRES; IARLA, 2007)

Encerramos este capítulo relacionando o *hacking*, a *deviance*, o *outsider* e a apropriação tecnológica (LE MOS, 2008), como práticas da cibercultura, às práticas das CVA. Procurando articular estas práticas ciberculturais às suas adaptações no campo da EaD através do uso de AVA e CVA.

### 3. Procedimentos metodológicos

Neste capítulo discorreremos sobre o método que norteou esta pesquisa, a Etnografia (BOGDAN; BIKLEN, 1994; CANCLINI, 2009; GEERTZ, 2008), e a Etnografia Virtual (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2013; RIFIOTIS, 2010). Suscitamos os aspectos mais relevantes dos cuidados necessários ao emprego desta metodologia e de sua aplicação. Expomos a forma utilizada para a coleta e análise de dados a partir da Teoria Fundamentada (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2013), a forma como os dados empíricos foram categorizados e a construção das narrativas temáticas.

### 4. Resultados

Este capítulo possui quatro seções: na primeira seção analisamos os dados que evidenciam a compreensão de Interação na visão dos alunos, as Interações entre os alunos e, entre alunos e tutor, percebendo como as ações dos interagentes ocorreram nos Fóruns de discussão existentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem Solar e, nos encontros presenciais e analisamos as ações do tutor como mediador das ações dos alunos nos Fóruns de discussão.

Na segunda seção trazemos as análises feitas sobre a compreensão de Comunidade e de sentimento de pertencimento entre os alunos. E em seguida, analisamos os dados que puderam identificar o grupo como uma Comunidade Virtual de Aprendizagem.

Na terceira seção demonstramos as análises dos processos coletivos no AVA Solar que denotassem práticas da Aprendizagem Colaborativa.

Na quarta seção, procuramos articular as principais conclusões dos dados analisados acerca das interações e aprendizagem nos Fóruns de uma CVA e sua relação com os paradigmas teóricos da Cibercultura.

#### 5. Considerações finais

No último capítulo articulamos os principais conceitos levantados nesta pesquisa, orientados pela Teoria da Cibercultura com os resultados obtidos através da análise dos dados empíricos coletados. Intencionamos neste capítulo final confrontar estes resultados inseridos no contexto da EaD às práticas sociais existentes na cibercultura.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A trajetória da humanidade tem sido marcada por um sentimento de pertencimento, de sentir-se próximo a seus iguais e viver de forma segura. Desde as comunidades primitivas à Sociedade da Informação (CASTELLS, 1999), os seres humanos desenvolveram vários tipos de organização social baseadas em modos de produção que refletiam o jogo de interesses e as necessidades de cada grupo social. Deste sentimento de pertencimento, as comunidades surgidas ao longo da História demonstram o quanto as sociedades humanas necessitavam e ainda necessitam sentir-se próximas por afinidades, segurança, interesses comuns.

O termo comunidade possui vários significados, analisemos inicialmente na perspectiva sociológica. De acordo com Johnson (1997, p. 45),

A comunidade pode ser um grupo de indivíduos que têm algo em comum [...], sem necessariamente viver em um dado lugar. Pode ser um senso de ligação com outras pessoas, de integração e identificação [...]. E também um grupo de pessoas que realizam tipos de trabalhos relacionados entre si [...].

Neste sentido, comunidade está ligada a afinidade, a identidade e ao trabalho, o espaço geográfico não interfere nesta relação de ligação entre os membros da comunidade. Entretanto, com o passar do tempo o termo comunidade foi ganhando novos sentidos a partir de estudos e visões sociológicas distintas, como também a forma como as pessoas se relacionam.

As mudanças na forma como as pessoas se relacionam nas comunidades, ou seja, a ligação entre os membros de uma comunidade, foram se alterando diante das transformações na forma de se organizar socialmente, sobretudo nas sociedades industriais na contemporaneidade. De acordo com Abbagnano (2007, p.192), este termo, ligação, foi mudando seu significado “[...] de distinção entre relações de tipo *local* e relações de tipo *cosmopolita* [...]”, demonstrando a dinâmica que as sociedades humanas vivem, alterando suas formas de se organizar e de se relacionar.

No mundo contemporâneo as mudanças que decorrem dos avanços tecnológicos no mundo do trabalho, no entretenimento, nas formas de socialização e de aprendizagem fizeram surgir novas maneiras de ligação a partir de interesses comuns ou de afinidades, que passam a se constituir também no marco do desenvolvimento tecnológico, particularmente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), dando origem a novas formas de se comunicar, de interagir com os outros sendo mediados por meios tecnológicos computacionais. “Com o advento da tecnologia, novas formas de interação tem sido utilizadas

pelo homem [...]” (SOUSA, 2009, p.197). A interação presente no ciberespaço torna-se meio em que se constituem práticas sociais, incluindo relações de aproximação em tempos de distâncias geográficas possuem novas compreensões, tendo em vista que, tempo e espaço no ciberespaço tomam novas compreensões e vivências.

O ciberespaço é espaço sociodiscursivo, de uso de interfaces diversas que amplia as possibilidades de interação. A emissão e recepção de informações no ciberespaço possibilita ao indivíduo interferir de algum modo neste processo comunicacional e que, conseqüentemente, pode interferir em sua prática social através de suas interações, ocorrendo “[...] a ampliação da dialogicidade. Na internet, a interlocução pode se dar no sentido de todos para todos” (*Idem*, 2009, p.198), é possível receber e transmitir informações ao mesmo tempo.

Neste contexto de transformações, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vem promovendo novas formas de produção cultural, de socialização, de entretenimento e de comunicação através do ciberespaço, onde ocorre um contínuo processo de interações e informações compartilhadas e produzidas. O indivíduo não permanece mais como apenas receptor e sim como emissor de informações, de acordo com André Lemos (2008, p.79-80):

O modelo informatizado, cujo exemplo é o ciberespaço, é aquele onde a forma do rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A nova racionalidade dos sistemas informatizados age sobre um homem que não mais recebe informações homogêneas de um centro ‘editor-coletor-distribuidor’, mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada.

Por sua vez, os processos educativos e de aprendizagem também podem se alterar diante destas mudanças através das mídias computacionais e suas interfaces virtuais, as pessoas se relacionam e criam novas formas de construir e de viver em comunidades.

As formas de socialização presentes no ciberespaço possibilitaram a formação de Comunidades Virtuais que agregam pessoas por interesses comuns, afinidades e, ou ainda, por laços que constituem estas formas de socialização. Destas Comunidades Virtuais, as alterações também alcançam o ensino e a aprendizagem, inúmeras Instituições de Ensino Superior tanto no exterior como no Brasil passaram a utilizar as Comunidades Virtuais com a intenção de ampliar as possibilidades e alcance de cursos de extensão, graduação e de formação na modalidade de ensino a distância (EaD). Criaram-se plataformas com interfaces no intuito de possibilitar um ambiente propício à aprendizagem, constituindo assim, as Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

Neste trabalho analisamos os fenômenos presentes nestas mudanças na forma de aprender e de se relacionar no ciberespaço, através do estudo das interações de uma turma de graduação que utiliza os Fóruns de discussão de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), atentando para suas ações que possam se constituir no paradigma da cibercultura e em suas ramificações para experiências voltadas à aprendizagem formal, na tentativa de identificar a partir destas ações e interações elementos que identificam este grupo pesquisado como uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA). Compreendemos que a aprendizagem na modalidade a distância e a colaboração constituem-se em um fenômeno presente através das ações dos participantes de Comunidades Virtuais de Aprendizagem. Desta forma consideramos pertinente analisarmos este fenômeno tomando como base a Aprendizagem Colaborativa (DILLENBOURG, 1999).

O estudo foi conduzido com base em análise das interações entre os alunos participantes do grupo escolhido, composta por alunos de uma disciplina didática de um curso de graduação da UAB/UFC-Virtual na modalidade de ensino semipresencial.

A comunidade, como espaço onde os indivíduos que a ela pertencem através de suas práticas sociais, cria ligações por interesses, integração e identificação, se altera em meio a um acelerado processo de transformações vividas na contemporaneidade, pelas pessoas e pelas tecnologias. Vivemos um paradoxo assim questionado por Agamben (2013, p. 77): “Qual pode ser a política da singularidade qualquer, isto é, de um ser cuja comunidade não é mediada por nenhuma condição de pertencimento [...] nem pela simples ausência de condições [...], mas pelo pertencimento?”. Este paradoxo pode ser demonstrado nas fronteiras delimitadas pelo Estado, nesta fronteira existem laços culturais que agregam e geram identificação, portanto pertencimento. Entretanto, há interesses do Estado que interferem de forma direta aos interesses individuais. No ciberespaço, as fronteiras, a territorialização possuem outra conotação, e nesta os interesses individuais nem sempre são interferidos, tendo em vista que através do compartilhamento de informações ou da criação de comunidades por interesses comuns a interferência externa é limitada, portanto a esta participação na comunidade cabe este sentimento de pertencimento.

Entendemos que o indivíduo para sentir-se parte de uma comunidade, deve ter este sentimento de pertencimento, de unir-se ou sentir-se próximo daqueles que ali vivem. Entretanto esta condição no mundo globalizado, gerido por interesses diversos, gera uma emergência na criação de vínculos diante de nossas necessidades e possibilidades, que hoje são diversas frente às novas formas de comunicação e de interação. Mesmo com o controle das grandes empresas midiáticas, que tentam monopolizar até certo ponto as informações

geradas no ciberespaço, surgem novas formas de associação, de ligação, de pertencimento, como exemplo as informações geradas na Primavera Árabe que ocasionaram mudanças profundas no contexto político desta área do planeta ou nas manifestações ocorridas no Brasil em julho de 2013. Nos dois casos as informações partiam de pessoas com interesses comuns, mesmo que os laços entre estes fossem limitados. Todavia a condição de criação de novas formas de comunidade ou de agregação está diretamente ligada às novas possibilidades comunicacionais e interativas criadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), sobretudo aquelas de ordem computacional ligadas à rede mundial de computadores.

Em todo o processo histórico os seres humanos organizados em suas comunidades procuraram e ainda buscam, além da segurança para sua sobrevivência, identificar-se culturalmente ou por afinidades, ou ainda, estarem presentes no mesmo espaço geográfico. Compreender este processo histórico é perceber que “A história da sociedade é, entre outras coisas, a história de unidades específicas de pessoas que vivem juntas, unidades que são definíveis em termos sociológicos” (HOBSBAWN, 1998, p.92). Estas sociedades ligadas em comunidades perceberam a interdependência de seus membros, através das formas de organização social, modo de produção, de exploração de um grupo detentor do poder sobre outro, que ocasionalmente gera conflitos, “[...] a estruturação conflituosa da sociedade humana resultante das alterações nas relações econômicas que originaram a propriedade privada e as classes antagônicas [...]” (SILVA, 2011, p.5). Contudo, as sociedades atuais e os vínculos de ligação do tipo *cosmopolita* geram uma aparente sensação de independência aparente.

Nas perspectivas política, cultural e econômica as sociedades estão interligadas pelos mais variados interesses e estes podem ser demonstrados como parte desta interdependência, “Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza [...]” (BAUMAN, 2003, p.133). Um garoto da periferia de uma grande cidade, por exemplo, se diverte e se comunica em uma comunidade de uma rede social utilizando seu computador que é produzido por um conglomerado econômico, que necessita de mercado consumidor. O Estado arrecada impostos na compra do computador, o garoto necessita de frutas que são vendidas em seu bairro, que por sua vez foram produzidas em outro país, os dois países necessitam assinar acordos econômicos, assim, forma-se uma rede de interdependência, “Assim, capital e trabalho, os componentes-chave de todos os processos de negócios, são modificados em suas características, bem como no modo como operaram” (CASTELLS, 2003, p.57). Porém, neste contexto de interdependência, as relações de socialização, de ligação, de pertencimento, contidas no cotidiano e na vida privada, os

indivíduos possuem interesses diversos, procuramos, como seres sociais, vínculos de pertencimento, mesmo quando nossas mais recentes formas de ligação se alterem de forma tão rápida, de certa forma até efêmeras. Os vínculos formados no ciberespaço de certa forma não transgridem a nossa compreensão da cibercultura, pois a interdependência acima citada pode ser vista como exemplo de uma dinâmica social que vivemos, que por outro lado, em vista de produção de informação, compartilhamento e interação existentes no ciberespaço, a forma de vivermos e nos relacionarmos, baseia-se em uma perspectiva da liberdade e até certo ponto da ausência da censura.

No contexto da Era da Informação ou Sociedade da Informação, as relações e os laços entre as pessoas podem ser analisados a partir da ótica da cibercultura e do ciberespaço e, neste caso, estas relações através das interações foram analisadas no contexto em que esta pesquisa se inseriu. A cibercultura refere-se ao “produto social e cultural da sinergia entre a socialidade estética contemporânea [...] e as novas tecnologias” (LEMOS, 2008, p. 88). Este produto gera novas formas de comunicação e socialização, de produção artística e entretenimento, de ensinar e de aprender. Podemos citar como exemplos o uso das redes sociais como forma de socialização ou de manifestações e mobilizações de caráter político; os blogs como forma de compartilhamento de informação; sites especializados em músicas e outras formas de manifestações artísticas; os MOOCs (Massive Open Online Courses) que são ofertados em plataformas de grandes universidades ou em redes sociais e ainda cursos de extensão, de graduação ou de aperfeiçoamento profissional na modalidade de Educação a Distância (EaD) que utilizam Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Cabe destacarmos que estas formas de utilização de interfaces presentes no ciberespaço fazem de seus usuários parte de um complexo sistema que gera informações e interações e estas se constituem como parte importante deste processo de socialização e de criação de laços em comunidades.

Através do ciberespaço, definido por Lévy (2010, p.94) como “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, surgem compreensões e vivências de tempo e do espaço que divergem daqueles conceitos apreendidos pela ciência durante a modernidade. Estas formas de compreender o tempo e o espaço, não mais no sentido geográfico, nem tão pouco na forma cronológica de tempo, faz do ciberespaço “lugares” de emissão e recepção de informações que já não se limitam a interação de forma unilateral, compõe-se de “lugares” onde as pessoas se aproximam a partir de interesses diversos e que se agregam de formas diversas. Estes fenômenos sociais presentes no ciberespaço e que possuem uma dinâmica própria, devem ser analisados com certa acuidade frente às rápidas alterações que dela surgem e que tanto

alteram as formas de socialização. Diante disto, Stockinger (2001, p.105) alerta da seguinte forma:

Tais mudanças rápidas, ao mesmo tempo em que afetam a autopercepção do indivíduo no mundo social, requerem uma modificação do método de explicação para toda a gama de fenômenos sociais, entre outros para aqueles ligados à comunicação interpessoal a distância, como conhecemos hoje em dia no ciberespaço em geral e especificamente na internet ('rede').

Neste contexto paradigmático de novas relações sociais, de comunicação e de aprendizagem, a educação em seu sentido mais amplo é norteadada pelo constante discurso do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), todavia, a educação formal vem utilizando as TIC e o ciberespaço de variadas formas, tanto na educação básica como no ensino superior. A Educação a Distância (EaD) é um bom exemplo disto, várias Instituições de Ensino Superior do Brasil vêm oferecendo cursos de graduação e pós-graduação à distância, estes funcionam em plataformas e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), os alunos participam de chats, fórum, compartilham trabalhos de pesquisa e hipertextos, elaboram *wikis*, conseqüentemente, a comunicação e a interação entre os alunos se alteram se compararmos à educação formal restrita aos bancos escolares, como também a relação entre os alunos e o professor no processo de ensino e de aprendizagem, que geralmente é mediada pela figura de um tutor.

Outro exemplo pertinente são os MOOCs, cursos que são ofertados a um grande público, com fins específicos, que também utilizam AVA como interface para as trocas de informações, para o uso e construção de hipertextos, vídeos aulas. As interações e o aprendizado neste contexto também são alterados, pois, em MOOCs boa parte dos participantes mora em lugares diferentes e distantes e os vínculos que possam ser criados entre estes nascem neste contexto da presença no ciberespaço.

Diante das diversas formas de organização sociais já vivenciadas pela humanidade e das diversas maneiras de compreender a comunidade como espaço de vivência, socialização, de pertencimento e de criação de laços, quer seja por interesses comuns, por proteção e segurança, por afinidades e vínculos emocionais, ou ainda por ligações culturais, a Sociedade da Informação faz criar novas formas de ligações e vivências sociais em um contexto de acelerado desenvolvimento tecnológico, de acesso às informações de forma mais rápida e de interação dos usuários nas diversas interfaces existentes no ciberespaço. Com estas transformações na forma de se socializar e de se comunicar através do ciberespaço, criaram-se e criam-se novas formas de ligações sociais através das Comunidades Virtuais de Aprendizagem que são geradas a partir das interações entre os indivíduos.

## 2.1 Cibercultura

Compreender os atuais fenômenos emergentes que envolvem o uso das TIC, do ciberespaço e das formas em que as sociedades contemporâneas se relacionam, produzem e aprendem torna necessário pontuar alguns aspectos relevantes de uma sociedade em constante mutação, sobretudo em comunicação e maneiras de se socializarem. Os avanços das hipermídias, dos hiperlinks, do uso constante da rede mundial de computadores e ainda dos mais variados tipos de dispositivos computacionais, urge que a Sociedade da Informação fez surgir uma complexa e amalgamada maneira de viver, necessária, e que torna possível a humanidade alcançar e produzir informações e conhecimentos nunca antes vistos diante de tal velocidade em que os fluxos ocorrem.

A cibercultura emerge de um contexto que permite defini-la *a priori* como “[...] a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas da comunicação” (RÜDIGER, 2013, p.11). Os avanços nas tecnologias comunicacionais de ordem computacional e, sobretudo aquelas interligadas à rede mundial de computadores, colaboram na criação de novos conceitos de socialização e aprendizagem. O tempo, o espaço, a comunicação em si utilizam-se de interfaces diversas, a aprendizagem passam por processos de mudanças, de transformações constantes. As interações sociais que decorrem destas transformações também se modificam frente ao uso destas interfaces existentes no ciberespaço. O uso recorrente de redes sociais, de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), a formação de Comunidades Virtuais (CV) e de Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA) também se encontram inseridas neste contexto.

A natureza da cibercultura “[...] é essencialmente heterogênea (...) é também uma cultura descentralizada, reticulada, baseadas em módulos autônomos” (SANTAELLA, 2003, p. 103-104), possui como característica marcante o computador como interface imediata, que possibilita imergir e emergir no ciberespaço através dos fluxos, ou seja, “[...] uma interface ocorre quando duas ou mais fontes de informação se encontram face a face, mesmo que seja o encontro da face de uma pessoa com a face de uma tela” (*Idem*, 2003, p.91). Através desta, as nossas relações sociais e nossas interações no ciberespaço, tornaram-se inevitavelmente mediadas por computadores e outros dispositivos desenvolvidos pela tecnologia computacional.

O paradigma teórico da cibercultura permite a compreensão das transformações decorrentes dos avanços tecnológicos e das relações sociais que ocorrem no ciberespaço,

desta forma, como parte deste contexto, as interações sociais, as novas formas de ensinar e aprender também estão inseridas neste quadro. Consideramos ser necessário destacar que as bases da cibercultura como fenômeno social é pautada na cultura livre, na premissa da comunicação e da informação acessível a todos. Como sua origem é diretamente vinculada aos interesses coletivos surgidos da cultura hacker, os avanços tecnológicos são quase síncronos aos debates e mudanças que envolvem os interesses sociais. Disto, também destacamos as possibilidades do surgimento de novas maneiras de interagir e de se socializar, criando-se novas formas de agregações sociais.

### ***2.1.1 Ciberespaço: novas compreensões de tempo e espaço***

De acordo com o paradigma teórico da cibercultura, o ciberespaço resulta das relações existentes entre indivíduos que se mantém interligados e se socializando através de interfaces existentes com o uso das tecnologias computacionais em rede, ou ainda, “Os computadores e as redes que os ligam constituem o ciberespaço” (SANTAELLA, 2003, p.90). No ciberespaço as noções de espaço e tempo se alteram, esta transformação do tempo está diretamente ligada a duas questões: a simultaneidade e a intemporalidade (CASTELLS, 1999); as relações e laços entre as pessoas se modificam em grande velocidade tendo em vista que o ciberespaço tornou-se lugar de ações sociais, de convívio e de aprendizagem. Interagem através das mais variadas formas no ciberespaço, quer seja colaborando ou postando em alguma rede social ou mesmo utilizando-se de interfaces presentes em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (fórum, chat, lista de discussão), produzindo e reproduzindo informações, conhecimento, arte, cultura.

A compreensão de espaço e tempo no ciberespaço rompe com os conceitos apreendidos na modernidade e nos bancos escolares, no cotidiano daqueles que navegam no ciberespaço, criando novas formas de relacionamento e aprendizagem. O conhecimento disponível no formato de hipertextos, vídeos, imagens, neste período de transformações provoca um rompimento de paradigmas para novas formas de construção de saberes e de socialização. Além disso, “mudanças de comportamento no ciberespaço são imediatamente transferidas para a realidade presencial em que vivemos, num sistema de trocas e complementaridades em tempo real que os jovens praticam com desenvoltura” (SANTAELLA, 2013, p.34) tornando este período vivido como criador de novas formas de organização de comunidades e de socialização.

Compreendemos que alguns elementos presentes no ciberespaço são importantes na análise deste contexto paradigmático, intencionamos desta forma, para dar maior clareza da compreensão das interações que foram analisadas, explicitar sobre estes elementos, que são: tempo, espaço e fluxos.

Sobre a compreensão de tempo em nossa sociedade, vemos um paradoxo do que é vivenciado e do que é visto pela ciência, no sentido cronológico e histórico,

[...] o tempo histórico, caso o conceito tenha mesmo um sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações. Todos eles, homens e instituições têm formas próprias de ação e consecução que lhes são iminentes e que possuem um ritmo temporal próprio (KOSELLECK, 2006, p.14).

As informações presentes nos hipertextos transformam-se rapidamente à medida que o usuário o critica, o transforma diante de uma nova leitura, coloca desta forma o tempo em novo lugar, o da intemporalidade. “[...] A intemporalidade do hipertexto de multimídia é uma característica decisiva de nossa cultura [...] Portanto, é simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero [...]” (CASTELLS, 1999, p.554), compreendemos que este binômio eterno/efêmero demonstra o quanto as relações e os laços entre as pessoas são rapidamente modificados, sobretudo a partir das informações que dali são produzidas e/ou reproduzidas. “O tempo eterno/efêmero da nova cultura adapta-se à lógica do capitalismo flexível e à dinâmica da sociedade em rede, mas acrescenta sua camada poderosa, instalando sonhos individuais e representações coletivas em um panorama mental atemporal” (*Idem*, 1999, p.555) e esta atemporalidade, que não segue a rigor a sequência cronológica até então usada pelos mais variados calendários, nem tão pouco a sequência de uma lógica cartesiana de início, meio e fim, pois é nesta atemporalidade, que as efemeridades e a eternidade se encontram. “O tempo sagrado do mito, assim como o tempo real do ciberespaço, não é o tempo linear e progressivo da história, mas o tempo de conexões, aqui e agora, um tempo presenteísta, correspondente ao presenteísmo social contemporâneo” (LEMOS, 2008, p.134).

Manuel Castells (1999, p. 500) define espaço como “[...] um produto material em relação a outros produtos materiais – inclusive as pessoas – as quais se envolvem em relações sociais [historicamente] determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função e um sentido social”. Nesse sentido, o ciberespaço é produto material e que reproduz outros produtos materiais nos meios computacionais e que geram vivência social. As relações entre as pessoas presentes no ciberespaço, independentemente de sua extensão ou tempo, é capaz de dar sentido social, de transformação ou de manutenção de alguma ordem, ou mesmo de mudanças nas práticas sociais.

Entendemos que espaço, no sentido geográfico, no ciberespaço tem outra conotação, outro sentido, pois no sentido geográfico espaço e suas delimitações e fronteiras podem ser controlados, o Estado intervém e impõem regras como também procura centralizar as ações, intenciona direcionar atitudes, muda seus significados, “O ciberespaço não tem um controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias” (*Idem*, 2008, p.136). Destas comunidades ordinárias nominadas por André Lemos, vale ressaltar que o autor baseia-se no termo *qualquer* utilizado por Agamben (2013). Da mesma forma, André Lemos (2007, n.p.) alerta que “Não devemos compreender o ciberespaço como um espaço liso, ou apenas como um espaço de desencaixe e de compressão espaço-tempo, mas como lugar de quebra e criação de controle e de hierarquias, de territorialização e desterritorializações, pois o ciberespaço em sua dinâmica pode se constituir como um lugar onde as hierarquias presentes na sociedade se modifiquem. Em uma sala de aula, por exemplo, os alunos seguem as sugestões e pedidos do professor, devem realizar as atividades propostas a fim de resultar em uma nota para a sua aprovação; em uma Comunidade Virtual de Aprendizagem, em geral esta hierarquia é inexistente, os participantes podem modificar seus interesses compartilhados e temáticas, exceto quando esta CVA esteja vinculada a algum curso ou formação que já preexiste com um fim e uma programação estabelecida, seu espaço é dividido por pessoas que residem em variados lugares, distantes geograficamente e próximos no ciberespaço.

As informações geradas no ciberespaço são provenientes de interesses e fontes diversas, muitas informações compartilhadas neste sentido nasceram de comerciais de grandes empresas, de propaganda ideológica, ou mesmo de chat de adolescentes. As relações nascidas de comunidades que possuem como foco principal algum tipo de estudo também se insere à medida que nossos interesses compartilhados com outros nascem. Com isto, as informações refletem estes interesses e são geradas por fluxos que, segundo Castells (1999, p.501), caracterizam-se por “[...] sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade”. Fluxos gerados no espaço de fluxos (CASTELLS, 1999, p.501):

[...] Assim, proponho a ideia de que há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos.

Compreendendo que através deste espaço de fluxos as relações e trocas de informações ampliam as possibilidades de formas de aprendizagem e de socialização, a educação, no seu sentido mais amplo, ou seja, além dos bancos escolares, vive transformações paradigmáticas que se concretizam através das trocas de saberes, como emissores e receptores das informações apreendidas no ciberespaço. E por meio desses fluxos formaram-se novas formas de agregações sociais no ciberespaço, comunidades com novas formas de se criar vínculos, Comunidades Virtuais e Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

## **2.2 Comunidade e Comunidades Virtuais de Aprendizagem: do pertencimento ao ciberespaço**

### **2.2.1 Comunidade**

As sociedades humanas em todo o seu processo histórico caminharam em um sentido de construir relações que pudessem prover suas necessidades, tanto na questão da sobrevivência material, emocional, afetiva como também dos seus interesses particulares. A segurança é uma dessas características, manter-se seguro é estar próximo daqueles que fazem sentir-se protegido, acolhido. Através da comunidade, as sociedades humanas procuraram, e ainda procuram essa sensação de segurança, que é parte dos laços que formam uma comunidade, que compõem a relação de pertencimento, de sentir-se acolhido, em local conhecido e de proteção de seus iguais. Além disso, é através da comunidade que os indivíduos se identificam como algo a que pertencem e este pertencimento cabe às relações que por esta são criadas, ela “[...] produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra ‘comunidade’ carrega – todos eles prometendo prazeres e na maioria das vezes, espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas que não alcança mais” (BAUMAN, 2003, p.7). Não alcançar mais esses prazeres significa que as relações existentes nas sociedades contemporâneas mudaram e de forma muito acelerada, no passado, a aproximação entre as pessoas em uma comunidade era gerada por inúmeros fatores que faziam perpetuar ou manter relações mais duradouras. Nas sociedades atuais, sobretudo nas comunidades formadas no ciberespaço, estes laços mudam com muita velocidade, os valores se alteram e a sensação de criação de laços às vezes parecem ser demasiado superficiais. Por outro lado, através do ciberespaço esta nova forma de comunidade “[...] reuniria as pessoas on-line em torno de valores e interesses compartilhados, criando laços de apoio e amizade que poderiam se estender também à interação face a face” (CASTELLS, 2003, p.100).

Por outro lado, os laços que surgem através das relações entre as pessoas no ciberespaço podem possuir significados que se distinguem das relações interpessoais na forma física:

Uma distinção fundamental na análise da sociabilidade é entre os laços fracos e os laços fortes. A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo [...]. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento (CASTELLS, 2009, p.445).

As tradições, as regras do bom viver, os hábitos, a cultura de modo geral é parte desta trama que, de forma explícita ou implícita, gera ao indivíduo um sentimento de pertencimento. O conceito de pertencimento é destacado por Agamben (2013) diante das intervenções do Estado e das mudanças do mundo contemporâneo. No ciberespaço, o processo de emissão e recepção de informações decorre de forma sistemática e crescente frente a uma série de interesses, quer seja de grupos econômicos ou políticos, quer por um grande número de usuários de listas de discussões, blogs, redes sociais ou Comunidades de Aprendizagem que possuam interesses próprios, com identidade e afinidades às vezes antagônicas aos interesses de uma elite planetária, tornando este espaço lugar de possibilidade de liberdade ao expressar-se e no ato de criar nos mais variados sentidos, arte, literatura, música, enfim, nas áreas de conhecimento que possam ser produto de processos de aprendizagem de formas diversas e não formais. Os indivíduos que possuem interesses afins, que compartilham de espaços comuns buscam, portanto esta relação de pertencimento, sobretudo nas Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

Em períodos diferentes, o conceito de comunidade foi se alterando a partir de perspectivas teóricas distintas. Por um lado a comunidade pode ser vista como “[...] a forma da vida social caracterizada por um vínculo orgânico, intrínseco e perfeito entre os seus membros” (ABBAGNANO, 2007,p.192) onde as relações entre seus membros são muito íntimas, afetivas e de laços fortes, ou seja, relações do tipo *local*, notadamente nas comunidades pouco numerosas, onde a rotina e o cotidiano seguiam um ritmo mais lento. Porém, as sociedades contemporâneas seguem um ritmo de vida mais rápido, com mudanças nas relações no mundo trabalho, nas formas de comunicação, nas novas maneiras como a educação, o ensino e a aprendizagem se apresentam e nas maneiras como as pessoas se socializam, “[...] homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo.” (HOBSBAWM, 1996, p.40 *Apud* BAUMAN, 2003, p.20). Vale destacar que as mudanças das

sociedades contemporâneas, da vida em comunidade e da identidade do indivíduo ou do grupo ao qual ele pertença são determinadas por vários fatores, como o modo de produção e o avanço da globalização.

Em nossa líquida sociedade moderna, [...] a busca pela harmonia definitiva e pela permanência eterna foi redefinida simplesmente como uma preocupação equivocada. Os valores são valores desde que se ajustem ao consumo instantâneo, imediato. São atributos de experiências momentâneas (BAUMAN, 2005, p.150).

Compreendemos que as mudanças nas formas de ligação entre indivíduos, tanto do tipo *local* quanto *cosmopolita*, geram ligações de certa maneira fluidas nas relações entre as pessoas, nos dando a impressão que estas relações ocorrem de forma efêmera, fácil de ser criada e fácil de ser rompida diante de sua rapidez e de sua forma. Percebemos que o uso do termo comunidade em seu sentido mais usual foi alterado, tendo em vista que as formas de ligação e de sentimento de pertencimento surgem em novo formato, mais fluido, como consequência das rápidas mudanças geradas pelos meios computacionais presentes no ciberespaço, surgindo assim, novas comunidades denominadas Comunidades Virtuais.

Com os avanços tecnológicos e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) o ensino e a aprendizagem mostram-se em um momento paradigmático sendo este paradigma reflexo das alterações da vida social e dos avanços tecnológicos. Diante disto, o ensino e a aprendizagem que se apresenta no ciberespaço é fruto de uma cultura que é alçada por laços variáveis, frágeis diante da compreensão mais tradicional da educação, flexíveis diante daqueles que compreendem a cibercultura como fruto de nossa sociedade e que dela gera novos elementos presentes em nosso cotidiano. De acordo com Lévy (2010, p.174), “É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências”, onde perpassam saberes de formas variáveis em circunstâncias que não estão necessariamente ligadas à rotina das instituições escolares mas, sobretudo, dos interesses daqueles que autogerenciam sua busca pelo conhecimento.

Entretanto, através do ciberespaço são tomados novos moldes a partir dessas novas agregações sócias, pois, as formas de socialização, de ensino e aprendizagem tornaram-se mais flexíveis frente às novas necessidades da sociedade, dos valores e anseios apreendidos, e das novas exigências de mercado. Entendemos que esta flexibilidade apresenta-se a partir da criação de Comunidades Virtuais com interesses diversos e coloca seu usuário em uma situação de conforto, podendo retirar-se dela quando quiser ou ainda delinear novos rumos à CV, de dependendo de seu formato ou objetivo quando criada.

Procurando compreender como se apresentam aprendizagem e interações nestas novas formas de agregações sociais abordaremos a seguir as características das Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

### ***2.2.2 Comunidade Virtual de Aprendizagem***

O que é produzido no ciberespaço, de forma coletiva ou individual (que não deixa de ser coletivo, pois será compartilhado, dividido, criticado ou reproduzido) torna-se parte de um complexo de informações compartilhadas, reproduzidas ou visualizadas por aqueles que se interessam pela temática abordada. A cibercultura pode ser definida como “[...] produto social e cultural da sinergia entre a socialidade estética contemporânea [...] e as novas tecnologias” (LEMOS, 2008, p.88) e, este produto, ou seja, o que produzido por aqueles que navegam no ciberespaço fez gerar novas formas de relações sociais, dentre elas as Comunidades Virtuais e as Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

É através destas formas de socialização e de construção cultural que formam-se comunidades virtuais, e nestas, as relações comunitárias manifestam-se também com novas formas de espaço e tempo, “Como a comunidade virtual se forma e se mantém pelo compartilhamento de interesses, ela é delineada simbolicamente e não geograficamente” (MARCONDES FILHO, 2009, p.72) ao contrário de conceitos gerais de comunidade que trazem geralmente este vínculo com a espacialidade geográfica, o que prevalece neste sentido são os interesses comuns, as regras, os acordos e a própria vivência coletiva.

As comunidades virtuais podem ser definidas sucintamente da seguinte forma: “[...] são agregações culturais que surgem quando um número de pessoas se encontra com frequência suficiente no ciberespaço.” (RHEINGOLD, 1993, p.57 *Apud* PALLOFF e PRATT, 2004, p.38) e “Grupo de pessoas ligadas por interesses comuns, que se reúnem no ciberespaço, ou que frequentam os mesmos sites.” (BARBOSA e RABAÇA, 2001, p.179). Todavia, com a dinâmica do ciberespaço as apropriações de informações, a criação de laços e sentimento de pertencimento, as regras existentes nas comunidades se alteram de forma dinâmica, peculiar ao ciberespaço, e isto é decorrente do próprio funcionamento das Comunidades Virtuais, pois nestas “[...] os membros estão conectados através da rede e não dividem um espaço físico, mas apenas o espaço virtual que criaram para esse fim” (COLL, BUSTOS, ENGEL, 2010, p.274) resultando em mudanças de práticas e de referenciais a partir dos interesses compartilhados e o objetivo de uma dada Comunidade Virtual também acaba por delinear a vida desta comunidade.

Percebemos, portanto, que a frequência dos participantes de uma Comunidade Virtual e os interesses comuns são características marcantes para estas definições, as comunidades virtuais nascem assim, como “lugares de encontro” entre pares que possuem algum tipo de afinidade e de interesses. Essas surgem a partir de interesses em comum, das afinidades e das aproximações que são visíveis aos que pretendem se inserir em suas práticas: “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 2010, p.130).

As comunidades virtuais se mantem através das interações que daí surgem, do sentimento de pertencimento necessário à identidade do participante, “[...] pois, caracterizar-se-ia por suas interações recorrentes, por um sentimento de pertença compartilhado e pelo comprometimento do grupo com sua manutenção, e não por determinado espaço na internet” (MARCONDES FILHO, 2009, p.72). As Comunidades Virtuais “[...] podem ser entendidas como espaços de interação, de comunicação, de troca de informação ou de encontros associados às possibilidades que as TIC oferecem para criar um ambiente virtual [...]” (*Idem*, 2010, p.274) e dessas interações percebemos que a temporalidade e a territorialidade no ciberespaço, por possuir significados e sentidos diferentes, tornam-se muitas vezes mais atraentes do que as comunidades físicas.

Das práticas das comunidades virtuais podemos ainda destacar como característica, suas formas de comunicação que “[...] sintetizam a prática da livre expressão global, numa era dominada por conglomerados de mídia e burocracias governamentais censoras” (CASTELLS, 2003, p.48), onde o fluxo de informações, em velocidades até então não vivenciadas pela humanidade em nenhum período histórico, faz de suas interfaces meios de compartilhamento, de produção, reprodução de imagens, hipertextos, sons, que variam de intensidade a partir de grupos de interesses ou por interesses comunitários.

As interações que ocorrem em uma Comunidade Virtual fazem dela um meio de emissão e recepção de informações, a relação daquele que transmite e recebe traz à tona uma característica primordial da transmissão de informações no contexto da cibercultura, sua flexibilidade e mutação. Para compreender os fluxos que ali se constituem “[...] é preciso observar-se como os interagentes envolvidos negociam suas posições de produção e recepção e como elas se alteram (as condições de interação)” (PRIMO, 2013, p.27), tendo em vista que no ciberespaço há um grande número de interfaces disponíveis e que destas nascem uma dinâmica própria entre os interagentes.

Um bom exemplo dessas mudanças são os Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Com o tempo as funções dos AVA foram se alterando a partir do uso de novas interfaces, os interesses no seu uso foram se ampliando em tipos de cursos ou formações oferecidos, conseqüentemente as formas de interação foram se adequando à estas mudanças, notadamente como reflexo dos interesses de seus participantes. Ainda como exemplo, citamos as interações nas redes sociais “Aquilo que antes víamos como interação passou a constituir-se não apenas de ações verbais, mas de todo tipo de troca que sinalizasse, em algum momento, a participação, a tomada de turno e, mesmo, a legitimação do discurso [...]” (RECUERO, 2013, p.52), demonstrando dessa forma as mudanças que ocorreram nas formas de interação.

A cibercultura é marcada por excelência em sua conduta de não padronizar-se em suas variadas formas de socialização e troca de informações, “Os aspectos bidirecionalidade, coautoria, intervenção da recepção na emissão etc., encontram-se na literatura mencionada como graus mais elevados de interatividade ou como definidores mais precisos do termo” (SILVA, 2012, p.113), disso no ciberespaço é marcadamente o fenômeno definidor da comunicação, a interação é o elemento básico da relação entre os participantes de uma comunidade virtual.

Existe uma grande heterogeneidade de Comunidades Virtuais no sentido mais amplo que a define, entretanto um tipo específico nos chama a atenção frente às nossas necessidades para uma melhor compreensão dos fenômenos estudados neste trabalho, as Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). De acordo com Coll, Bustos e Engel (2010, p.278) existem três características marcantes nas CVA:

[...] a escolha da aprendizagem como objetivo explícito da comunidade; o uso que elas promovem das ferramentas tecnológicas, tanto para trocar informação e comunicar-se quanto para promover a aprendizagem; e o uso das potencialidades dos recursos tecnológicos para o exercício da ação educacional intencional.

Notamos que o foco em uma atividade educativa ou de aprendizagem é característica fundante de uma CVA, a promoção da aprendizagem, assim como também a comunicação e a informação podem ser geradas a partir das interfaces existentes onde esta CVA seja criada. Nas CVA “novas formas de participação, de relacionamento e interação entre as pessoas que ensinam e aprendem são criadas” (PASSARELLI, 2009, p.327) demonstrando esta dinâmica nos laços e nas formas de interação e aprendizagem. João Mattar (2009, p.116-118) elenca alguns tipos de interação existentes nas CVA, como: Aluno/professor; Aluno/conteúdo; Aluno/aluno; Professor/professor; Professor/conteúdo; Conteúdo/conteúdo; Aluno/interface. Além destes, há outros tipos de interação, o que nos mostra que há uma grande variedade nas formas de comunicar-se, aprender e ensinar em uma CVA.

Entretanto, nos casos de comunidades virtuais de aprendizagem e de prática inseridas no contexto da educação formal, no qual professores e alunos são cadastrados a partir de suas identidades no mundo real, os protocolos e regras que os regem constituem extensões da escola, embora novas práticas e comportamentos também estejam sendo forjados a partir da utilização de ambientes virtuais como extensões de atividades de educação presencial (*Idem*, 2009, p.327).

Com isto percebemos os limites das interações ou suas modificações a partir do formato de curso ou formação oferecido em uma CVA, sendo um AVA local de ensino e aprendizagem presente em um espaço além daquele delimitado pelas paredes de uma escola ou instituição de ensino superior.

Em linhas gerais, as Comunidades Virtuais surgiram como produto da cibercultura, da tentativa do alcance da popularização da informação, em uma rede de fluxos onde o compartilhamento de informações, de interesses, de possibilidades de socialização tomaram corpo. Estas Comunidades Virtuais foram se transformando à medida que os interesses de seus participantes foram se alterando e suas interfaces ampliadas com os avanços da indústria da computação. De suas características destacamos a possibilidade de agregação por interesses comuns, pois estas nascem “[...] sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em processo de cooperação ou de troca [...]” (LÉVY, 2010, p.130), que podem “[...] instituir um contato generalizado, uma relação de proximidade e de sentimento de comunitário, mesmo sem contato físico” (LEMOS, 2008, p.145).

Por outro lado, as Comunidades Virtuais de Aprendizagem nascem com uma função estabelecida, possuem uma intencionalidade educativa, são geridas com um fim, o aprendizado intencional. Muitas das CVA nascem do bojo de Instituições de Ensino Superior a partir de cursos oferecidos em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. As práticas educativas, de ensino e aprendizagem, são regidas por um programa que estabelece início e fim deste curso. Por outro lado, as hipermídias oferecem possibilidades de aprendizado de forma ampla, que ultrapassam os limites do AVA.

As comunidades virtuais de aprendizagem podem ser apreciadas como ambientes no qual práticas educativas estão sendo constantemente desenvolvidas. Estas proporcionam espaço para que interações e reflexões voltadas para o processo de aprender possa se dar em diversos âmbitos. Todos os componentes da CVA são agentes deste processo, trabalhando em prol de um mesmo objetivo. A sociabilidade e a sensação de pertencimento ao grupo, proporcionado pela comunidade virtual de aprendizagem, resultam em uma aprendizagem cada vez mais independente do espaço escolar tradicional. A tradicional concepção de sala de aula, com alunos-espectadores enfileirados diante de um professor-especialista detentor da informação, deve ser modificada tanto nos ambientes presenciais, semi-presenciais ou não presenciais. A interação, entre os participantes de uma comunidade virtual de aprendizagem, cria espaços que privilegiam a co-construção do conhecimento e, também, a consciência da ética ao interagir no conhecimento de outra pessoa. Isto significa uma nova concepção de aprendizagem (BEHAR; FLORES; MUSSOI, 2007, p.7).

As CVA tornam-se desta forma um espaço de socialização, de trocas de conhecimento, de promoção do aprendizado. Fazer parte de uma CVA inclui sentir-se parte dela, pertencer a uma comunidade onde há interesses comuns e dela envolver-se em um processo de aprendizagem baseado na dialogicidade e no aprender coletivo. Nas CVA destacam-se as seguintes características: a valoração do trabalho coletivo; sua dinâmica é voltada ao aprendizado; o tutor assume o papel de mediador e orientador nas ações dos participantes; a aprendizagem pode ser colaborativa; os participantes assumem um papel ativo nas ações que envolvem a aprendizagem e suas interações e; há uma interação permanente.

Entretanto, compreendemos que as Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA) enquanto espaço de agregação social e de aprendizagem, nasceram das Comunidades Virtuais (CV) em sua natureza cibercultural. Alguns dos elementos constitutivos das CV, como a interação, a colaboração e a ligação entre os participantes, baseada em interesses comuns, também são elementos que passaram a compor as características das CVA, o que nos mostra que ambas são fenômenos inseridos em um mesmo contexto da denominada Sociedade da Informação. No entanto, há que se distinguir que, em sua origem, as CV não possuíam um fim didático-pedagógico. Ou seja, sua reconstrução no campo da Educação a Distância (EaD) perpassa pela apropriação e adaptação de alguns elementos que constituem as CV.

As CVA utilizam-se de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) que muitas vezes, como sala de aula *online*, limitam as ações dos participantes com as normas e regras que muitas vezes são propostas como uma sala de aula presencial. As publicações dos participantes muitas vezes limitam-se aos temas propostos e os formatos das publicações muitas vezes também passam a ser limitados como, comentários em Fóruns de discussão apenas em formato de texto quando solicitado, ou vídeos e imagens também quando solicitados.

Por outro lado, os participantes das CVA trazem uma bagagem de práticas e conhecimentos que foram apropriadas no ciberespaço, através da participação em CV, redes sociais, blogs ou outras interfaces. Suas ações nestas interfaces não são limitadas, pois, as regras que surgem nestes espaços são construídas a partir dos interesses dos participantes. Na natureza dos AVA encontram-se inicialmente, em sua própria construção, a tentativa de simulação de uma sala de aula e, ao mesmo tempo, utilizando-se das hiper mídias presentes no ciberespaço. Estes AVA dispõem aos participantes interfaces de comunicação síncronas e assíncronas que possibilitam, como Ecossistema Comunicativo (MARTÍN-BARBERO),

espaço comunicativo, mas também, espaço de socialização, de práticas pedagógicas e de aprendizagem.

Ao contrário das CVA, as CV em sua forma de se apresentar e em seu funcionamento não possuem um fim didático pedagógico. As CV exploram novas formas de expressões, de opinião, são de uma heterogeneidade bastante ampla por agregarem pessoas de diferentes perfis sociais, culturais, etários e econômicos. Estruturam-se em diferentes interesses em todas as áreas do conhecimento, nas artes, nos esportes, nos hábitos e no cotidiano.

Essas CV foram reconstruídos no campo da EaD com fins específicos voltados para as práticas que envolvem a didática, o ensino e a aprendizagem. Com este intuito, foram criadas interfaces específicas para a utilização dos participantes nos processos que envolvem a comunicação, a pesquisa dos assuntos presentes nos conteúdos, nas ações que envolvem os interagentes a partir de atividades e discussões propostas. Percebemos que há nestas CVA uma tentativa de apropriação dos aspectos que envolvem a cibercultura, sobretudo no que concerne às relações sociais oriundas das interações mediadas por computador e, a intencionalidade da EaD na possibilidade de tornar estes participantes como alunos autores e autônomos.

Nos AVA, como interface comunicacional, existem os Fóruns de discussão. Sua funcionalidade assíncrona possibilita o compartilhamento de informações em variados formatos de mídias, tornam possível uma interação permanente entre os interagentes, discutem-se os assuntos propostos nas atividades existentes no cronograma, mediados por um tutor. De modo geral, os Fóruns de discussão possuem datas limites de início e fim, limitam as publicações dentro de um cronograma específico. Por outro lado, as CV emergem de interesses coletivos, suas regras são estabelecidas de forma dinâmica, não possuem fim até o momento que há interesses acerca do que esta se propõe. Sua dinamicidade interacional não possui mediador, os interagentes agem a partir de estímulos motivados por seus interesses, curiosidade ou necessidade.

## 2.3 Interações e Aprendizagem Colaborativa

### 2.3.1 Interações

O estudo dos fenômenos em questão até aqui levantados, envolvem formas de comunicação diretamente ligadas às TIC e nesta comunicação são alcançadas novas formas de interação, de aprendizagem e socialização. A Sociedade da Informação (CASTELLS, 1999) presente no ciberespaço constitui-se de uma sociedade interligada na rede mundial de computadores e dela se faz presente em vários espaços através de suas interfaces. Procurando melhor compreender essa comunicabilidade, consideramos oportuno trazer à tona o conceito de Ecosistema Comunicativo.

O Ecosistema Comunicativo, inserido na realidade descentralizada do ciberespaço, constitui-se a partir de dois aspectos fundantes:

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias - desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes *avenidas da Internet* - com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.54).

O Ecosistema Comunicativo possui como característica inicial a relação existente entre as pessoas e as TIC. O uso de dispositivos móveis, de computadores, de cartões de uso geral são, em geral, mais fáceis para as pessoas mais jovens. Cada vez mais pessoas utilizam-se desses equipamentos com muita familiaridade, resultando em uma maior proximidade das novas compreensões de tempo e espaço e de presença maciça no ciberespaço. Tendo em vista que as TIC de ordem computacional estão presentes nas mais variadas esferas do cotidiano da sociedade contemporânea, o Ecosistema Comunicativo apresenta-se com variados modos de linguagens, de formas de leituras não lineares, “[...] quem articulou o conceito de ecossistema comunicativo, não apenas conformado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal” (SARTORI; SOARES, 2005, p.5) e essa transversalidade no ciberespaço é dotada de múltiplas formas de ações entre aqueles que se comunicam.

Uma segunda dinâmica, que faz parte desse novo ecossistema no qual vivemos, e que é a dinâmica da comunicação, liga-se ao âmbito dos grandes meios, ultrapassando-os porém. Ela se concretiza com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos, não-centrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege e que tem muito claros seus dois centros: a escola e o livro (*Idem*, 2000, p.54).

No ciberespaço as informações e a comunicação são transmitidas em velocidades nunca vistos, até então, pela humanidade. Compreendemos que a descentralização da informação também torna o usuário como emissor-receptor das informações, as formas como poderá interagir com outros dependerá da via que ele optar nessa comunicação. A passividade ou a ação dependerá da escolha deste usuário, e sua comunicação com outros ocorrerá nesses moldes descentralizados. É oportuno lembrar que a educação vem sendo transformada diante deste paradigma, a EaD e o uso de AVA como espaço de aprendizagem fazem parte desta dinâmica transformadora.

A educação, mesmo que ainda não universalizada, haja vista que vivemos em uma sociedade excludente e discriminatória, procura neste contexto do ciberespaço adequar-se as novas formas de comunicação e interação, à expectativa de um modelo “[...] descentralizado e plural, cuja chave é o encontro do palimpsesto e do hipertexto” (*Ibidem* , 2000, p.58). Compreendemos que este encontro é baseado na esperança de uma educação que não tenha como único lugar de aprendizagem os bancos escolares. O ciberespaço torna-se lugar de aprendizagem tanto no âmbito formal com cursos de graduação, pós-graduação, profissionalizantes, de formação continuada e para grandes públicos, como os MOOCs, ou no âmbito informal com as Comunidades Virtuais. Dessa forma, compreendemos que entender o Ecosistema Comunicativo “[...] implica buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação. As relações devem buscar equilíbrio e harmonia em ambientes onde convivem diferentes atores” (SARTORI; SOARES, 2005, p.6). O Ecosistema Comunicativo possibilita a dialogicidade e as interações entre os interagentes.

Na organização e funcionamento das comunidades, a interação é algo vital, sem esta as relações, o contato entre os participantes não existiria. A literatura sobre cibercultura toma o termo interação a partir do termo interatividade. “O termo ‘interatividade’ em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação” (LÉVY, 2010, p.81). Estas informações podem ocorrer no contexto da cibercultura de forma bidirecional, e a forma como os participantes podem interagir pode ser definida como “Eventos mútuos que requerem pelo menos duas ações. Interações ocorrem quando esses objetos e eventos influenciam mutualmente uns aos outros” (WENGER, 1998, p.8 *Apud* CONRAD, 2014, p.382, tradução nossa). Alex Primo (2011) considera o termo interação distinto em duas formas: a interação mútua e a interação reativa.

Segundo o autor, “as interações mútuas apresentam uma processualidade que se caracteriza pela interconexão dos subsistemas envolvidos. Além disso, os contextos sociais e

temporais conferem às relações construídas uma contínua transformação” (PRIMO, 2011, p.101). Disso percebemos que a interação mútua é passível de constante transformação em seu processo, os atores envolvidos vivem uma relação bastante dinâmica. O autor prossegue afirmando que:

[...] os processos de interação mútua caracterizam-se por sua construção dinâmica, contínua e contextualizada. [...] As ações interdependentes desenvolvidas entre os interagentes, coordenadas a partir da historicidade do relacionamento, não são previsíveis, pois são criadas apenas durante o curso da interação (*Idem*, 2011, p.116).

Percebemos que as relações provenientes de um processo de interação mútua são imprevisíveis por serem dinâmicas, seu estudo exige maior atenção e cuidado na análise de dados a serem coletados e pesquisados. Essa interação poderá revelar o contexto social e econômico de um grupo de interagentes pesquisados, como também os laços existentes entre os participantes e suas afinidades no processo de estudo.

Em contrapartida, as interações reativas “[...] dependem da previsibilidade e da automatização nas trocas” (*Ibidem*, 2011, p.149) com máquinas ou dispositivos que se limitam a agir a partir de controles ou predeterminações. Através deste tipo as interações se tornam limitadas em um contexto que impede que as interações se alterem. Neste sentido, as interações reativas se diferem das interações mútuas, da seguinte forma:

Diferentemente da interação mútua que promove a invenção conjunta de soluções temporárias aos problemas, durante a própria interação e em virtude dos fatores contextuais envolvidos, o desenvolvimento da interação reativa depende de fórmulas previstas (que viabilizam a própria interação). Em vez de ser negociada, a relação insiste em perseguir os trilhos demarcados (*Ibidem*, 2011, p.154).

Para as interações reativas, as repetições podem ocorrer sucessivas vezes e seus resultados não serão alterados. As ações resultarão sempre no mesmo sentido não ocorrendo mudanças ao longo do processo de comunicação que possam envolver os interagentes que, neste caso pode inserir pessoa e máquina ou mesmo várias pessoas e máquinas.

As interações mediadas por computador são possíveis através de participação síncrona, quando a comunicação ocorre em tempo real, e assíncrona, quando a comunicação ocorre em tempos diferentes. As interações síncronas ocorrem em geral quando os participantes utilizam chats, videoconferências, bate-papos e assíncronas quando utilizam e-mail, listas de discussão ou fóruns.

Consideramos oportuno destacar que, “A interação social é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos interagentes que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal), mas também pelo relacionamento que existe entre eles” (PRIMO, 2007, p.11). Os processos educativos envolvem questões que

suscitam o surgimento de laços e relacionamentos e através destes os interagentes podem se aproximar através de suas ações que provocam uma aproximação.

O estudo que este trabalho se propõe insere-se na educação e no processo de aprendizagem que resulta das interações que ocorrem em um AVA. Consideramos que um Ambiente Virtual de Aprendizagem é um espaço de interação e aprendizagem e que, através dele os interagentes “[...] podem contribuir através do diálogo, incentivado pelo professor que desenvolva uma mediação propícia a intercâmbios colaborativos e trabalho compartilhado” (BARBOSA, 2012, p.94).

Os processos que envolvem a interação em espaços que tem como intuito primordial a aprendizagem e que, possuem as TIC como meio de comunicabilidade e socialização, tornam a interação mediada por computador parte significativa de seu processo de aprendizagem. Através da interação mediada por computador em AVA, os interagentes possuem, em geral, interfaces que possibilitam várias formas de linguagem que podem tornar as ações mais espontâneas mediante suas necessidades ou atividades propostas no AVA. Portanto, para o estudo das interações em uma CVA é importante percebermos as condições de interação, local e meio, onde as interações ocorrem e como estas ocorrem.

O atual cenário composto de uma amalgamada esfera midiática, com hipertextos e uma infinidade de interfaces possibilita novas formas de aprender e ensinar, onde as interações que surgem em processos desta natureza possibilite que a aprendizagem ocorra em espaços que ultrapassem os bancos escolares.

### ***2.3.2 Aprendizagem Colaborativa***

Através das variadas formas de agregações sociais organizadas pela humanidade ao longo da História, surgiram diferentes maneiras de aquisição de hábitos, atitudes e habilidades onde, através destas o conhecimento pôde ser construído. Estas vivências resultaram em experiências de ensino e, conseqüentemente, em processos que envolveram a aprendizagem.

A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exigem os resultados da aprendizagem. Quando se considera a vida em termos do povo, da comunidade, ou do indivíduo, por todos os lados são encontrados os efeitos da aprendizagem (CAMPOS, 1980, p.15).

Compreendemos que a aprendizagem provoca efeitos na vida do indivíduo, nos âmbitos individual ou coletivo. Nos processos que envolvem a educação na

contemporaneidade tais processos ampliam-se e abrangem o ciberespaço, o uso das TIC e o trabalho docente estão relacionados a estas mudanças. A aprendizagem, assim como outros aspectos da vida em sociedade, é inserida em um contexto que envolve diversos fatores.

A aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas, quanto mentais e afetivas. Isto significa que a aprendizagem não pode ser considerada somente como um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes aspectos são necessários (*Idem*, 1980, p.33).

Desta forma, percebemos que a aprendizagem inserida em um contexto social, *online e off-line*, envolve aspectos físicos, mentais e afetivos. Estes aspectos que não podem ser dissociados compõem um conjunto que poderá gerar ao indivíduo condições para uma transformação de seus hábitos, comportamentos, atitudes, habilidades, de novas competências ou mesmo de seu entorno social. O indivíduo, inserido em uma realidade social, se comunica, interage, socializa-se, aprende.

Inserido em um contexto social, o indivíduo estabelece relações através de ações como sujeito que interage e que resulta na aprendizagem. A compreensão sociointeracionista do cientista bielo-russo Lev Semionovich Vygotsky destaca a interação social como meio primordial para que se estabeleçam condições suficientes para o desenvolvimento cognitivo. “As relações entre interações sociais e o desenvolvimento cognitivo fazem parte de temas característicos de Vygotsky [...]” (IVIC; COELHO, 2010, p.27). O próprio indivíduo inserido em sua realidade interage com elementos culturais, tanto no plano individual como social. Para Vygotsky “[...] a dimensão sociohistórica do funcionamento psicológico humano traduz a natureza da aprendizagem como um processo que sempre inclui relações entre indivíduos” (DAVID, 2010, p.54). Um conceito importante para a compreensão do processo de aprendizagem desenvolvido por Vygotsky é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Segundo o autor:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p.97).

Através desse conceito, Vygotsky procurou estabelecer uma denominação para a área das funções mentais que ainda não estariam maduras, prontas. “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão presentemente em estado embrionário” (*Idem*, 2007, p.98). A solução de problemas de

forma independente, individual, encontra-se no limiar das soluções a serem encontradas sob alguma orientação ou sob a colaboração de seus pares.

Diante destas observações, percebemos que a aprendizagem em uma CVA que possui adultos como participantes, possibilita condições onde os aprendizes, sob a orientação/mediação de um tutor em circunstâncias que envolvem a Educação a Distância, aprendem a partir das contribuições de um coletivo de participantes.

As interações entre participantes de uma CVA são provocadas por ações baseadas na comunicação em um meio informacional que possui interfaces com funções específicas para a aprendizagem. Uma das principais interfaces neste sentido, no caso dos AVA, são os Fóruns de discussão. Através dos Fóruns de discussão são mantidos diálogos e debates a partir de temáticas propostas pelo tutor. Os Fóruns de discussão se tornam o espaço de diálogo entre os participantes de uma CVA e, como espaço de aprendizagem, este diálogo poderá colaborar na formação deste indivíduo na forma mais ampla de seu sentido.

A teoria dialógica desenvolvida pelo educador brasileiro Paulo Freire referencia nossa compreensão de diálogo nas interações mediadas por computador. “O diálogo é o encontro entre homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo” (FREIRE, 1980, p.82). Nesta compreensão de Paulo Freire sobre o diálogo, percebemos que o diálogo somente ocorre quando há este encontro, daqueles que fazem parte do mundo, que possam representá-lo, dar significado a este. Os significados que possam ser dados à realidade que o indivíduo está inserido é dada na sua capacidade de transformá-lo. “Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (*Idem*, 1980, p.82-83).

As relações criadas entre os homens que envolvem a sua comunicação e aprendizagem realçam, na perspectiva de Freire, ações em conjunto, de colaboração e desprendimento dos agentes envolvidos, “[...] na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração” (FREIRE, 1983, p.196). Nos processos educativos, a ação dialógica ocorre em colaboração e esta é resultante da ação entre sujeitos que se comunicam. “A colaboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação” (*Idem*, 1983, p.197).

Nas interações sociais os interagentes se tornam sujeitos porque agem, suas ações são decorrentes de processos que envolvem a comunicação. Na perspectiva freireana, o diálogo assim ocorre como parte de um processo que envolve aqueles que se propõem a

colaboração, portanto, “O diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração” (*Ibidem*, 1983, p.197).

Pautado na ideia que o conhecimento é construído socialmente e a aprendizagem é decorrente das interações entre os atores envolvidos em um processo dinâmico, consideramos como um dos alicerces para a realização deste trabalho compreendermos os principais aspectos que envolvem a Aprendizagem Colaborativa.

A Aprendizagem Colaborativa pode ser inicialmente definida como, “[...] uma situação em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender alguma coisa juntas” (DILLENBOURG, 1999, p.1, tradução nossa). Torres e Iarla comentam a observação de Dillebourg sobre este conceito de Aprendizagem Colaborativa, como passível de várias interpretações diante das situações que possam envolver a Aprendizagem Colaborativa:

[...] o número de sujeitos pode sofrer grande variação, podendo ser duas ou milhares de pessoas; aprender algo também é um conceito muito amplo, pois pode significar o acompanhamento de um curso ou também a participação em diversas atividades como, por exemplo, as de resolução de problemas; o aprender “em conjunto” pode ser interpretado de diversas maneiras, como situações de aprendizagem presenciais ou virtuais, síncronas ou assíncronas, esforço totalmente em conjunto ou com divisão de tarefas (TORRES; IARLA, 2007, p.70).

Cada situação que envolve a Aprendizagem Colaborativa pode gerar resultados diferentes, suas práticas podem ser caracterizadas de várias formas, os contextos em que estas práticas se inserem podem influenciar nestas práticas também de maneiras diferenciadas.

A colaboração é um processo de criação compartilhada: dois ou mais indivíduos, com habilidades complementares, interagem para criar um conhecimento compartilhado que nenhum deles tinha previamente ou poderia obter por conta própria. A colaboração cria um significado compartilhado sobre um processo, um produto ou um evento (SILVA, 2014, n.p.).

As ações que podem ser tomadas pelos atores envolvidos em uma situação de Aprendizagem Colaborativa compartilham seus interesses a fim de resolverem uma situação problema. O conhecimento prévio e as habilidades de cada participante podem auxiliar nesta construção de um conhecimento coletivo. A Aprendizagem Colaborativa apresenta-se, em nossa opinião, como uma das possibilidades mais eficientes para os processos educativos no ciberespaço, dando condições aos alunos há uma autonomia e reflexão tão necessárias.

Em situações diversas a divisão do trabalho na Aprendizagem Colaborativa envolve “[...] um engajamento mútuo dos participantes em um esforço coordenado para a resolução do problema em conjunto” (ROSCHELLE; TEASLY *apud* DILLENBOURG, 1996, p. 2, tradução nossa), ou seja, todos os participantes se envolvem na questão proposta com o intuito de encontrar a resolução do problema ou chegar ao objetivo final da situação em questão. As interações podem colaborar na aprendizagem com “[...] mais frequência na

aprendizagem colaborativa do que em condição individual [...]” (DILLENBOURG, 1999, p.5, tradução nossa) mesmo levando em consideração que a interação não aconteça em todos os momentos deste processo.

De certa forma, o sucesso ou o fracasso depende do envolvimento do grupo em colaboração. “Na colaboração, o processo é mais aberto e os participantes do grupo interagem para atingir um objetivo compartilhado” (TORRES; IARLA, 2007, p.74). Alguns benefícios da Aprendizagem Colaborativa são destacados por Torres e Iarla (2007, p.90):

No trabalho em colaboração os alunos assumem na sala de aula, a responsabilidade por sua própria aprendizagem e desenvolvem habilidades metacognitivas para monitorar e dirigir seu próprio aprendizado e desempenho. Quando há a interação entre pessoas de forma colaborativa, por meio de uma atividade autêntica, elas trazem seus esquemas próprios de pensamento e suas perspectivas para a atividade. [...] Esse modelo de aprendizagem enfatiza a construção de significados com participação ativa em contextos sociais, culturais, históricos e políticos. O elemento crucial de uma participação ativa é a troca de experiências por meio do diálogo. A interação dialógica entre indivíduos e o intercâmbio de idéias promove o desenvolvimento cognitivo do sujeito [...].

Ao criar responsabilidades em uma situação de Aprendizagem Colaborativa entendemos que é posto a autonomia do aprendiz e, no caso de situações que envolvem adultos em CVA, esta autonomia pode ser acompanhada pelo interesse do ator envolvido. As interações como parte do processo de comunicação entre os participantes na colaboração possibilitam os envolvidos trazerem suas expectativas e suas formas mais eficazes de apreender informações. Para a Aprendizagem Colaborativa, os contextos aos quais os participantes estão inseridos são determinantes, pois como seres sociais sua aprendizagem não pode ser dissociada de sua realidade. Suas ações como interagente, baseadas no diálogo, possibilitam o seu desenvolvimento cognitivo. Neste mesmo contexto, Dillenbourg considera que a eficácia da aprendizagem colaborativa “[...] depende de várias condições tais como a composição do grupo (o tamanho, idade, sexo, heterogeneidade), os recursos da tarefa e os meios de comunicação” (DILLENBOURG, 2002, p.2, tradução nossa).

O quadro a seguir traz mais alguns elementos que demonstram vantagens da Aprendizagem Colaborativa.

Figura 1 – Quadro comparativo entre a Aprendizagem Tradicional e a Aprendizagem Colaborativa

<b>Máximas sobre aprendizagem tradicional</b>	<b>Máximas sobre aprendizagem colaborativa</b>
Sala de aula	Ambiente de aprendizagem
Professor - autoridade	Professor – orientador
Centrada no Professor	Centrada no Aluno
Aluno - "Uma garrafa a encher"	Aluno - "Uma lâmpada a iluminar"
Reativa, passiva	Proativa, investigativa
Ênfase no produto	Ênfase no processo
Aprendizagem em solidão	Aprendizagem em grupo
Memorização	Transformação

Fonte: AKEL FILHO, 2006, p.40

No contexto da modalidade de educação a distância os elementos constituintes da Aprendizagem Colaborativa são bastante aplicáveis. Os AVA tornam-se espaços de aprendizagem adequados, pois nestes são presentes interfaces que possibilitam a comunicação, a interação e múltiplas formas de leituras. “Com a colaboração de cada um para a realização de atividades de aprendizagem, formam-se laços e identidades sociais” (KENSKI, 2003, p.112). O tutor, como interagente ativo, é apresentado neste processo, que a ele seja proposto executar a função como mediador/orientador das atividades e ações. O aluno, como partícipe ativo, é visto como um protagonista do seu processo de aprendizagem, que não depende exclusivamente de um professor que transmite conhecimento de forma unilateral. Seus interesses podem ser aguçados e ampliados dada a condição existente no ciberespaço de investigar, pesquisar ou aprofundar conhecimentos propostos a partir de atividades sugeridas. E, fundamentalmente, a aprendizagem em grupo, o coletivo colabora na aprendizagem de todos.

### **2.3.3 Comunidades, AVA e Cibercultura**

Consideramos pertinente observar que as dinâmicas que envolvem os processos de socialização, de formulações de novas agregações sociais, de interação e aprendizagem no

ciberespaço são originárias da cibercultura. “Podemos dizer que a cibercultura nasce pela apropriação tecnológica [...] favorável a novas formas de apropriação social dos objetos tecnológicos” (LEMOS, 2008, p. 238). No caso da educação a distância, as “apropriações” das CV pelo campo da EaD abrangem pelo menos dois níveis:

a) a apropriação dos educadores das práticas das CV com fins didático-pedagógicos visando a aprendizagem. Essas apropriações envolvem processos de interação mediada por computador, como forma de aproximação entre alunos e professores, abarcando processos de comunicação nas CVA a partir de objetivos de aprendizagem e de atividades de ensino. Isso em geral se traduz em atividades no fórum de discussão em que os alunos devem realizar uma tarefa proposta pelo professor (responder perguntas a partir da leitura de um artigo, por exemplo) mediada por um tutor;

b) a apropriação das CVA pelos alunos. Os alunos, hoje, estão imersos em práticas cotidianas no ciberespaço, o que inclui a utilização de hipermídias em suas comunicações, leituras e produção em hipertextos, o compartilhamento de informações com o intuito de auxiliar outro quando há dificuldade ou dúvida em alguma situação/atividade, a produção de materiais diversos podem se sentir instigados a explorar e ampliar estes textos, vídeos ou outras formas midiáticas. Essa vivência das práticas cotidianas no ciberespaço guarda traços das práticas de *hacking* (LEMOS, 2008), quando os agentes exploram as potencialidades comunicacionais do ciberespaço movidos por interesses vários, em alguns casos obtendo com isso o reconhecimento de seus pares na rede.

A prática *hacking*, dessa forma, constitui o coração mesmo das CV, pois trata da ação genuína e espontânea dos agentes que navegam pelo ciberespaço para buscar e compartilhar informações e construir conhecimento de forma colaborativa visando a solução de problemas, mas que também guarda suas características menos pragmáticas e racionais, seu caráter livre, festivo, caótico, permeada por excessos, não acumulação e irracionalidade.

No arcabouço teórico da cibercultura as práticas *outsider* ou a lógica pela *deviance* (desvio) estão relacionadas ao desvio social. “Os outsiders da cibercultura vão operar um desvio na lógica da produção e consumo de novas tecnologias contemporâneas” (*Idem*, 2008, p. 240). De certo modo, as práticas *outsiders* se chocam aos interesses mercadológicos, fogem às regras rígidas impostas pelos setores conservadores da sociedade. De acordo com Lemos:

*A deviance é produto da sociedade, é uma falha na obediência às regras impostas. Os grupos sociais criam a deviance, fazendo as suas próprias regras. Nesse sentido, a deviance não é uma qualidade do ato, mas a consequência da aplicação de regras comuns a grupos tidos como tal. Aí estão os outsiders (Ibidem, 2008, p.241).*

Outros conceitos importantes para a compreensão dos fenômenos que envolvem a cibercultura são a despesa e o excesso. “A cibercultura fornece vários exemplos de uma despesa excessiva, não cumulativa e irracional de *bits*” (*Ibidem*, 2008, p.243), dedicar-se horas à fio no ciberespaço em CV, participar de chats em redes sociais, invadir sistemas de computadores, trocar informações de toda ordem, produzir textos ou vídeos e publicá-los (ou mesmo pirateá-los). “Contra o segredo e a acumulação de informação, os *cyberpunks* propõem a orgia de dados, a dança de *bits* pelo ciberespaço, a contaminação improdutiva de vírus, o transe, a colagem, a pirataria” (*Ibidem*, 2008, p.244).

Entretanto, devemos destacar que a espontaneidade e a liberdade do *hacking* no ciberespaço e nas CV geralmente encontra-se em tensão com as ações propostas referentes ao aluno da Educação a Distância (EaD) no AVA e nas CVA. Isso ocorre porque na maioria dos casos os AVA e as CVA buscam simular, na virtualidade, espaços e práticas da sala de aula tradicional, algo bastante distinto das práticas e sociabilidades que se constituem no ciberespaço. Enquanto os atores vivenciam e apreciam a autenticidade, as práticas *outsider*, os desvios, as atividades improdutivas, a *deviance* e os excessos (LEMOS, 2008) no ciberespaço e, em certa medida nas CV, nos AVA e nas CVA ressaltam-se regras e limites que delimitam sua função ao longo de um processo didático com fins de aprendizagem.

No AVA a *deviance* do aluno-agente, por exemplo, é praticamente uma impossibilidade dada às condições deste espaço restrito de aprendizagem, propondo atividades, mediando as interações e direcionando as ações. O aluno-agente terá suas ações e autonomia em parte limitadas ao aderir às regras e procedimentos estabelecidos pelas práticas pedagógicas e regras de conduta. No ciberespaço, o excesso gera informações de toda ordem, provoca a geração de mais informações (talvez muitas delas resultantes da *deviance*), mas no AVA o aluno é motivado a realizar as atividades propostas e suas ações muitas vezes não ultrapassam isso, mantendo-se nos limites da racionalidade pedagógica da “aprendizagem”, através da qual recebe a nota máxima atribuída pelo tutor. Nada é mais distante da exuberância comunicativa, caótica e criativa articulada pelos agentes no ciberespaço real.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho adotou como método de pesquisa a Etnografia e a Etnografia aplicada a internet. A Etnografia permite ao pesquisador imergir no ambiente a ser pesquisado, de inserir-se no contexto sociocultural de forma concreta, a pesquisa empírica permite relativizar a situação a ser analisada. Através desta compreensão, percebemos que “[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p.4). Contudo, a realização desta pesquisa procurou, através da metodologia de pesquisa etnográfica aplicada para a internet, seguir a tradição teórica da Cibercultura.

A proposta desta pesquisa etnográfica aplicada para a internet intencionou compreender a natureza das interações de um grupo de alunos em um curso de graduação em licenciatura da UAB/UFC-Virtual, procurando entender este processo através da investigação das interações dos participantes nos Fóruns de discussão e de suas relações com a Aprendizagem Colaborativa.

O mundo e a sociedade, através do ciberespaço, dão aos cientistas sociais novos objetos de estudo que devem ter meios próprios de análise e compreensão baseados na tradição da pesquisa etnográfica. Através destas mudanças geradas no ciberespaço, nas relações e práticas sociais, na forma de se comunicar e de gerar laços e sentimento de pertencimento em comunidade, leva o pesquisador a compreender que seu trabalho “[...] demanda novas formas de observação [...]” (FRAGOSO; RECUERO E AMARAL, 2013, p. 13) e documentação. Sobretudo diante da condição de que o ciberespaço passa por mudanças constantes sendo “[...] necessário considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera [...]” (*Idem*, 2013, p.29).

Entendemos que o ciberespaço, e neste caso, nos restringimos à internet por ser a rede mais utilizada por boa parte da população mundial, possibilita um cabedal de informações e ações que se tornam campo fértil para a pesquisa empírica Fragoso, Recuero e Amaral (2013) delineiam três dimensões da internet: objeto de pesquisa; local de pesquisa e instrumento de pesquisa.

Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p.32) recomendam alguns cuidados na realização destas pesquisas, propondo:

Contextualizar dentro das tradições de pesquisa em mídia e tecnologia; [...] abordar o objeto internet responsabilmente, através de perguntas-chave que deixem à mostra questões relativas ao poder e a condição humana; Empenhar-se em observar quadros maiores do que aqueles relevantes a nossas condições locais. [...]; Manter o diálogo

e a troca de ideias mútuas com outras tradições de pesquisa [...]; [...] Primar pela reflexividade e pelos conceitos, definições, rótulos e metáforas [...]

Estas recomendações tratam da acuidade necessária para o bom andamento da pesquisa empírica em internet. No caso deste nosso trabalho, primamos pela tradição teórica da Cibercultura.

Da natureza do ciberespaço tal como local de pesquisa e no caso do olhar apurado do etnógrafo nesta empreitada devemos compreender que a cultura e as relações sociais vividas e produzidas no ciberespaço possuem peculiaridades e vicissitudes inerentes à dinâmica de uma sociedade que vive uma transição paradigmática. As novas formas de socialização, de comunicação, de sentimento de pertencimento em comunidade, de produção de hipertextos demonstram parte deste paradigma. Essas transformações demandam diferenciadas abordagens de pesquisa a partir da escolha dos recortes do objeto a ser pesquisado, dos métodos de coleta e de análise dos dados, da natureza de cada objeto e da metodologia a ser empregada pelo pesquisador. “Os modelos de cultura e de artefato cultural são utilizados para fornecerem uma estrutura para pensar sobre dois aspectos do ciberespaço que podem ser observados como campos para um etnógrafo” (Hine, 2000, p.14 *apud* Fragoso, Recuero e Amaral, 2013, p.41) revelando desta forma o ciberespaço como lugar onde a cultura é criada e ampliada em setores e grupos diversos.

Outro aspecto teórico importante para a realização desta pesquisa são os estudos feitos por Clifford Geertz, que toma a *descrição densa* como forma de pesquisa empírica ideal, baseada no esforço intelectual adotado pelo pesquisador a partir das práticas pertencentes ao trabalho do etnógrafo como, o estabelecimento de relações com aqueles que fazem parte do campo pesquisado, o contanto com os informantes, a transcrição de textos, a manutenção do diário, dentre outros. Geertz destaca como objeto da etnografia a “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (2008, p.5), ou seja, o produzido, o percebido e o interpretado na pesquisa. Esta estrutura relaciona os símbolos centrais aos aspectos ideológicos, as relações internas entre aqueles que fazem parte do contexto estudado, e o estabelecimento das relações a partir de suas peculiaridades. De forma subjetiva estes estudos/interpretações culturais podem colocar o etnógrafo em lugar mais seguro na chegada de suas conclusões.

Consideramos oportuno destacar a compreensão de Néstor Garcia Canclini sobre a perspectiva intercultural, pois esta, em sua opinião “[...] proporciona vantagens epistemológicas e de equilíbrio descritivo e interpretativo [...]” (2009, p.25), podendo ser apropriada como maneira eficaz de leitura e interpretação da realidade de um grupo ou

sociedade estudado, cabendo ao pesquisador ampliar seus olhares e fontes a pesquisar, “[...] deve-se descrever como se apropria dos produtos materiais e simbólicos alheios e os reinterpreta [...]” (CANCLINI, 2009, p.25).

Retomando as três esferas delineadas por Fragoso, Recuero e Amaral (2013), a internet como cultura caracteriza-se como abordagem que destaca as comunidades virtuais, seu contexto cultural daí decorrente; a abordagem qualitativa da internet como artefato cultural vê seu *locus* como reflexo da inserção das tecnologias no cotidiano das pessoas, observando os fenômenos tanto on-line como off-line, por último, a abordagem da internet como mídia, que analisa a convergência de mídias à vida cotidiana.

Entretanto este espaço, como local de pesquisa é “[...] particularmente difícil de recortar em função de sua escala [...], heterogeneidade [...] e dinamismo [...]” (*Ibidem*, 2013, p.55). Desta forma, percebemos que a maneira a qual baseamos nossa pesquisa tendo como pano de fundo o ciberespaço exigiu certa atenção, dada a complexidade de nosso objeto de estudo, desta maneira sentimos a necessidade de uma pesquisa de caráter qualitativo, “A pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social.” (*Ibidem*, 2013, p.67).

Em virtude da natureza peculiar de muitas investigações, os espaços observados para a coleta de dados podem se apresentar de diferentes formas. Desta maneira, é possível a utilização de técnicas de pesquisa da etnografia aplicada para a internet com outras técnicas de pesquisa e de coleta de dados que são próprias da ciência etnográfica. Desta forma, diante desta possibilidade de investigação que se apresentou, além do ciberespaço mas, também, nos encontros presenciais da turma de graduação escolhida, fez-se necessário a realização de entrevistas. “Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134). As entrevistas possibilitaram através da própria linguagem dos interagentes observados nos Fóruns de discussão presentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Solar, suscitar as suas impressões sobre suas ações, publicações e interações neste espaço e nos encontros presenciais.

### 3.1 Local e sujeitos pesquisados

A nossa pesquisa teve como *locus* dois espaços: os Fóruns de discussão presentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem Solar, de uma turma de um curso de graduação em licenciatura da UAB/UFC-Virtual; a sala de aula nos encontros presenciais no Polo da turma escolhida.

Da turma pesquisada foram escolhidos quatro alunos regularmente matriculados na disciplina em questão, dois alunos do sexo feminino e dois do sexo masculino. Os alunos pesquisados foram escolhidos de forma aleatória mas, consideramos como critério inicial a participação ativa nos Fóruns de discussão no AVA Solar. Estes alunos foram nomeados pelos códigos: A1, A2, A3 e A4, com o intuito de preservar o anonimato em suas entrevistas e publicações.

### 3.2 Coleta e análise de dados

Para o processo de análise de dados nos orientamos pela Teoria Fundamentada que propõe uma metodologia de análise que inclui “[...] aquela em que a teoria deve emergir dos dados, a partir de sua sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2013, p.83), levando em consideração que ao longo da experiência empírica os preceitos teóricos e as hipóteses podem ser levantados. Além disso, “[...] essa abordagem é interessante porque permite ao pesquisador focar inicialmente nos dados, libertando-se da necessidade de criar um referencial teórico a priori e ser obrigado a criar hipóteses e questões de pesquisa antes de ir a campo” (*Ibidem*, 2013, p.110). Além disso, esse método valoriza a pesquisa empírica.

Diante da coleta inicial de dados no ciberespaço percebemos a necessidade de ampliarmos a fonte de dados onde, além da observação dos Fóruns de discussão no AVA Solar, coletamos informações destes alunos através de entrevistas que foram feitas durante dois encontros presenciais no Polo da UAB/UFC-Virtual.

Os dados empíricos coletados ao longo da pesquisa foram basicamente: as publicações dos alunos nos Fóruns e as entrevistas feitas com os alunos. Os Fóruns de discussão coletados foram copiados utilizando-se a função *Print screen* e armazenados em arquivo específico. Destes Fóruns foram feitas as análises das interações dos participantes, suas publicações, comentários e respostas das atividades propostas pelo tutor. Como também as ações do tutor como mediador das atividades/discussões.

As entrevistas realizadas seguiram um roteiro previamente elaborado e, em algumas situações surgiram no decorrer da entrevista novos questionamentos. As entrevistas foram gravadas utilizando-se um gravador de voz em aparelho celular e, posteriormente armazenado em arquivo específico. Estas entrevistas foram analisadas inicialmente por sessões de audição e posteriormente transcritas.

Os dados empíricos coletados e analisados foram inicialmente divididos em categorias de análises e a partir destas categorias foram construídas as narrativas temáticas. Orientando-se pela Teoria Fundamentada, à medida que os dados eram analisados e comentados em suas narrativas correspondentes eram feitos os levantamentos bibliográficos sobre as temáticas específicas.

As categorias que dividiam as narrativas temáticas forma inicialmente nomeadas por: Interações; Compreensão de Interação; Interação e encontros presenciais; Interação e papel do tutor; Participação nos Fóruns; Padrões de postagens; Preocupação, influência e opinião dos colegas; Participação no Fórum 1 Aula 1; Participação no Fórum 1 Aula 2; Experiências pessoais trazidas para sala de aula e fórum; Pesquisa no ciberespaço e uso de outros materiais além do que é disponibilizado no AVA Solar; Aprendizagem Colaborativa; Comunidade; Aproximação, Pertencimento, Vínculo e Laços.

Na intenção de encontrarmos elementos que identificassem os laços e sentimentos de pertencimento constituintes de uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA) e as características fundantes desta forma de agregação social presente no ciberespaço, que configuram as novas formas de aprender, de se relacionar e de se comunicar, procuramos destacar estes fenômenos sociais existentes no ciberespaço que fazem parte de um contexto de inserção das tecnologias computacionais na vida cotidiana. Estas novas formas de socialização e de aprendizagem propostas como objeto de pesquisa para este trabalho de caráter etnográfico podem ser vistas como “[...] um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas e discursos que ocorrem como um processo de iniciação no qual interagem experiências *on-line* e *off-line*” (RIFIOTIS, 2010, p.22), as interações entre os participantes da turma escolhida puderam revelar algumas destas práticas que constituem uma CVA e o processo que envolve a Aprendizagem Colaborativa.

## **4 RESULTADOS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos dados empíricos que foram coletados em uma turma de um curso de graduação em Licenciatura da UAB/UFC-Virtual e seus resultados. Esta pesquisa e análise dos dados empíricos coletados foram feitas mediante a orientação teórica e metodológica da Etnografia (BOGDAN; BIKLEN, 1994; CANCLINI, 2009; GEERTZ, 2008) e da Etnografia Virtual (FRAGOSO; RECUERO E AMARAL, 2013; RIFIOTIS, 2010).

Este capítulo possui quatro seções: na primeira seção analisamos os dados que evidenciam a compreensão de Interação na visão dos alunos, as Interações entre os alunos e, entre alunos e tutor, percebendo como as ações dos interagentes ocorreram nos Fóruns de discussão existentes no Ambiente Virtual de Aprendizagem Solar e, nos encontros presenciais e analisamos as ações do tutor como mediador das ações dos alunos nos Fóruns de discussão.

Na segunda seção trazemos as análises feitas sobre a compreensão de Comunidade e de sentimento de pertencimento entre os alunos. E em seguida, analisamos os dados que puderam caracterizar o grupo como uma Comunidade Virtual de Aprendizagem.

Na terceira seção demonstramos as análises dos processos coletivos no AVA Solar que denotassem práticas da Aprendizagem Coletiva.

Na quarta seção, procuramos articular as principais conclusões dos dados analisados acerca das interações e aprendizagem nos Fóruns de uma CVA e sua relação com os paradigmas teóricos da Ciberultura.

### **4.1 Interação**

#### ***4.1.1 Compreensão de Interação***

Ao longo da análise dos dados pesquisados, percebemos que os alunos cursistas desta disciplina possuem uma compreensão de Interação diretamente associada à proximidade com os colegas de turma e as trocas de experiências que ocorrem nos Fóruns propostos no AVA Solar. Desta forma, inicialmente podemos estar vinculando estas definições trazidas pelos alunos através de suas falas, com o foco principal deste estudo, a compreensão dos alunos a cerca de Interação e suas formas como ocorrem. Além disto, os alunos de modo geral, compreendem as especificidades destas Interações a partir da modalidade de ensino adotado pelo curso. O aluno A2 destacou estas especificidades que marcam a Educação a

Distância (EaD) e o ensino semipresencial: “Eu acho que esse formato é muito bom, eu acho..., não consigo ver algo que poderia melhorar essa interação. Se por acaso nós nos encontrássemos mais nós estaríamos fugindo um pouco desta modalidade. Eu acho que é muito bom, aberto 24 horas, a gente pode compartilhar, pode comentar”. Diante desta fala, percebemos que são valorizadas: a modalidade de ensino, a flexibilidade de horários e o compartilhamento de informações e os comentários.

A emergência da Sociedade da Informação faz criar inúmeras formas de sociabilidade, novas maneiras de se relacionar, de ensinar e aprender. No convívio, percebemos que os indivíduos refletem (e ou são refletidos) pela realidade que os cercam, o “[...] desenvolvimento dos sistemas e das redes de comunicação transforma radicalmente a vida do homem contemporâneo” (SODRÉ, 2008, p.15). Por meio dos meios computacionais a educação vive transformações rápidas da imersão em redes computacionais, que aqui preferimos denominar ciberespaço, de alcance global mas, ainda, excludente, tendo em vista que o mundo globalizado, capitalista, excludente por excelência, não oferece as mesmas condições de vida, trabalho e educação a todos.

O conhecimento, a aprendizagem e a composição de novas formas de comunicação incluem a educação neste paradigma, assim apontado por Elsa Oliveira (2003, p.29):

O processo de construção, desconstrução ou reconstrução do conhecimento em rede aponta para a ultrapassagem da visão compartimentada, disciplinar, única e isolada, num esforço de reaproximar as disciplinas que devem se desencadear e se interconectar como uma rede – uma teia interligada e interdependente – composta por galerias temáticas transdisciplinares.

Por meio destas novas formas de comunicação as pessoas trocam informações, compartilham interesses em comum, enviam e recebem informações em uma velocidade jamais vista em toda a história da humanidade. Tornam-se autores e leitores ao mesmo tempo. Utilizam das hipermídias, dos hipertextos e de interfaces que os colocam em lugares e em tempos que exigem compreensão com um novo olhar, sendo que, para este trabalho, optamos pelo paradigma teórico da Cibercultura.

Diante de tais mudanças, de modo geral, as relações entre as pessoas, as interações sociais também se transformam, passam por mudanças em um contexto social e temporal que, permeadas pelas mídias digitais, pelo uso recorrente de redes sociais, dispositivos móveis e interfaces que trazem e levam as pessoas a lugares de toda ordem, tornam largas as possibilidades de novas formas de se relacionar, sobretudo, “[...] atualizadas

através da mediação por computador que potencializa um contato de abrangência global e independência temporal” (CAMPOS, 2013, p.163).

A literatura traz muitas definições de Interação, para a compreensão das interações do grupo analisado recorreremos inicialmente à definição de Interação Mútua:

Uma interação mútua não pode ser vista como uma soma de ações individuais. Entende-se pelo princípio sistêmico de *não somatividade* que esse tipo de interação é diferente da mera soma das ações ou das características individuais de cada interagente (diz-se até que a interação é mais que a soma de seus elementos constituintes) (PRIMO, 2011, p.101-102).

Em se tratando de interações, tratamos da forma como as pessoas possam se relacionar, ensinar e aprender, pois as ações, em geral, não são tomadas apenas de forma individual, há um coletivo que se propõe a participar das atividades/Fóruns que se tornam parte das ações necessárias ao curso em andamento na modalidade semipresencial, que utiliza para estas ações a distância um Ambiente Virtual de Aprendizagem denominado Solar. Aqueles que interagem nesta modalidade perpassam pelas interfaces no ciberespaço como interagentes que “[...] podem interagir realizando compartilhamentos e encontros de colaboração síncronos e assíncronos” (SILVA, 2008, p.70). Desta forma, as interações que ocorreram no percurso dos alunos estiveram localizadas tanto no AVA Solar como em sala de aula nos encontros presenciais.

As ações tomadas pelos alunos e suas interações no AVA Solar por meio dos Fóruns, trazem à tona um questionamento. As interações provocam algum tipo de proximidade no contexto da aprendizagem? Através da fala do aluno A3, sim: “Ah, com certeza, porque é... querendo ou não isso causa uma proximidade entre eu e a pessoa, ainda que virtualmente, não é à toa que quando a gente chega aqui no encontro presencial a pessoa já lhe cumprimenta pelo nome, já ocorreu uma proximidade, né?! Então isso facilita o relacionamento sim?”. Todavia, as ações tomadas por estes alunos, que são geradoras de relações interacionais, não podem ser vistas como ações unilaterais são sobretudo, coletivas. De acordo com Fisher as interações ocorrem quando “duas pessoas agindo entre si criam o fenômeno conhecido como *interação* – a conexão entre ações e, logo, entre pessoas que executam aquelas ações” (1987, p.198 *Apud* PRIMO, 2011, p.102).

Todavia, as interações são provocadas em sua grande maioria por questões propostas pelo tutor, daí, as postagens seguintes, poderão ou não gerar novos questionamentos, atitudes, compartilhamento de novas informações, links, textos ou vídeos. As ações e compartilhamentos feitos pelos alunos constituem uma forma própria de construção do conhecimento e da aprendizagem onde, por meio do tutor, estas ações são

direcionadas a um fim, à aprendizagem, “[...] o desenvolvimento satisfatório de saberes por meio da EaD depende também do uso de metodologias que valorizem processos de interação entre os atores envolvidos.” (DAVID; CASTRO FILHO, 2012, p.3). As atividades que compõem a programação da disciplina seguem um planejamento prévio do tutor, que por sua vez, segue uma estrutura criada por uma equipe multidisciplinar para tornar as ações e o ambiente propícios à aprendizagem. Esta aprendizagem possui como um de seus meios os Fóruns propostos no AVA Solar. É por meio desta interface assíncrona que as interações ocorrem em maior proporção.

Diante disto, a fala dos alunos a cerca das interações ocorridas no AVA Solar são motivadoras de debates, por meio delas os alunos percebem que a intenção dos Fóruns é estimular as discussões e conseqüentemente o aprendizado, as discussões em grupo e a aprendizagem colaborativa, que iremos discorrer mais à frente. O aluno A2 entende esta interação como: “[...], é..., assim, eu sinto que com essa interação, essa troca de ideias, a gente consegue absorver de uma forma melhor o que está sendo ensinado. É como se fosse a discussão em sala de aula só que dentro do fórum”. Participar dos Fóruns é exigência para aquisição de notas, há um número mínimo de participações, porém constatamos que os alunos ultrapassaram este número mínimo, utilizam do Fórum para aprofundar determinadas questões que consideram mais importantes ou, o que é de seu interesse.

Como os Fóruns são o principal meio de comunicação e de participação nas aulas e atividades da disciplina, há uma valorização dos alunos neste caso, eles percebem a importância do ambiente de aprendizagem, que possibilita estas interações. Podemos ver como, por exemplo, o que disse o aluno A4: “Sim, eu vejo assim que, nos fóruns a gente pode interagir, não necessariamente estar todos os dias, né?! No ambiente presencial o fórum ele possibilita essa interação, essa comunicação, também, tem a ferramenta da mensagem, aí quando a gente tem trabalho em dupla ou em equipe, a gente se comunica. Sempre estabelece assim uma comunicação com as ferramentas que tem lá no Solar”.

Sendo o AVA Solar e os Fóruns propostos como interfaces mais importantes para a interação entre os alunos e a aprendizagem que daí decorre, compreendemos que estes podem “[...]representar um espaço de aprendizagem onde os estudantes são capazes de aprender uns com os outros [...] quer em ambientes de aprendizagem totalmente online, quer em ambientes de aprendizagem mistos - *blended environments*.” (GARCIA, PEDRO, 2014, p.29), e isto se aplica de forma muito clara a este objeto de estudo pois, esta Modalidade semipresencial proporciona encontros presenciais em seu calendário além dos Fóruns no AVA. Diante disto, percebemos que “[...] os fóruns de discussão podem ser encarados como

uma implementação comum para uma abordagem construtivista à aprendizagem e um meio ideal para a construção colaborativa do conhecimento, promovendo a interatividade e a colaboração entre os estudantes [...]” (GARCIA, PEDRO, 2014, p.29) que percebem que sua participação e envolvimento nos Fóruns são essenciais ao seu aprendizado e à sua maneira de manter vínculos com os colegas.

Por meio das interações mútuas “[...] os interagentes reúnem-se em torno de contínuas problematizações. As soluções inventadas são apenas momentâneas, podendo participar de futuras problematizações” (PRIMO, 2005, p.13), e estas problematizações levantadas nos Fóruns geram uma dinâmica em que estes participantes podem colaborar na aquisição de informações, na forma como se relacionam (no AVA e nos encontros presenciais) e, sobretudo, na aprendizagem do grupo quando, por meio da resposta/publicação de um participante, outro opina, concorda ou discorda, acrescenta novas informações, ampliando o debate a cerca do tema proposto pelo tutor. Para Alex Primo, esta dinâmica presente nas interações mútuas é vista da seguinte maneira:

Devido a essa dinâmica, e em virtude dos sucessivos desequilíbrios que impulsionam a transformação do sistema, a interação mútua é um constante vir a ser, que se atualiza através das ações de um interagente em relação à(s) do(s) outro(s). Ou seja, a interação não é mera somatória de ações individuais. Como exemplo pode-se citar um debate na sala em um fórum de um ambiente de educação a distância (*Idem*, 2005, p.13).

Sobre esta dinâmica conceituada por Primo (2005), citamos duas situações, inicialmente, a fala do aluno A4 que disse: “Justamente o conteúdo que aborda, e a interatividade, na possibilidade de interagir com os outros alunos, trocar experiências e assim né, poder se aprofundar mais na disciplina”, quando se refere às interações nos Fóruns. Compreendemos que, quando o aluno diz “trocar experiências” percebemos que esta troca ocorre também de forma espontânea, sobretudo quando este aluno ultrapassa o número mínimo de publicações nos Fóruns, isto demonstra o interesse do aluno no assunto/tema abordado. A segunda situação, uma sequência de publicações geradas no Fórum sobre o tema Interdisciplinaridade. Esta sequência pode ser vista nas figuras a seguir.

Figura 2 – Publicações no Fórum de discussão referentes ao comentário do aluno A4 sobre as interações entre os alunos

The screenshot displays a forum thread with three posts:

- Post 1:** From 'Tutor a Distância - UAB' on 01/09/2014 at 21:00 h. The text asks: "Caro [redacted], e como você percebe que outras áreas do conhecimento poderiam associar-se ao ensino de línguas nesse processo de aprendizagem? O que facilitou essa sua aprendizagem?"
- Post 2:** From 'Aluno' on 09/09/2014 at 14:29 h. The text says: "Olá professora [redacted] Percebo que outras áreas do conhecimento poderiam associar-se ao ensino de línguas, por exemplo estou aprendendo um pouco mais com vídeos de músicas do youtube em inglês, depois pesquiso a tradução, escuto varias vezes então passo a compreender um pouco mais sobre a pronuncia correta e como escrever os textos em inglês e até cantar a música, os filmes também, tem me ajudado,assisto com audio em inglês e com legendas em português e isso me ajuda na compreensão de algumas expressões.Creio também que nós os alunos deveriamos organizarmos um grupo de estudos de conversação isso facilitaria bastante o aprendizado também, juntamente com o que já citei."
- Post 3:** From 'Aluno' on 02/09/2014 at 15:48 h. The text says: "Verdade caro [redacted] pois através da música feitas por artistas estrangeiros podemos diversificar nossas aulas e conhecimentos trabalhando e desenvolvendo a gramática da língua em questão(inglesa) ou mesmo aprendendo mais vocabulários.Com isto conseguimos a interdisciplinaridade onde podemos aprender além de uma mera tradução ou seja podemos fazer pesquisas sobre o tema da música entre outras coisas...."

Fonte: ABA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

Figura 3 – Publicações no Fórum de discussão sobre o tema Interdisciplinaridade

The screenshot displays a forum thread with three posts:

- Post 1:** From 'Aluno' on 06/09/2014 at 19:53 h. The text says: "Olá Professora e demais cursistas!  
A interdisciplinaridade em língua inglesa está muito ligada às artes, visto que é uma maravilhosa ferramenta de aprendizagem, pois podemos desenvolver a aprendizagem dos alunos com mais rapidez. Sabemos que, hoje em dia, é muito comum o uso de músicas e vídeos em aulas de língua inglesa.  
Penso ser interessante que o professor tenha um pouco de conhecimento da psicologia da aprendizagem, para que ele possa ter uma direção em sala de aula, e da psicolinguística, para que ele possa compreender os conceitos de leitura, aliados ao estruturalismo de Saussure e no gerativismo de Chomsky."
- Post 2:** From 'Tutor a Distância - UAB' on 07/09/2014 at 13:22 h. The text says: "Prezada [redacted], concordo quando afirma que a música e os vídeos é uma ferramenta importante na sala de aula do ensino del inguas. Mas que outras disciplinas consegue visualizar nessa interdisciplinariedade para o melhor aprendizado no ensino de línguas? Cite exemplos."
- Post 3:** From 'Aluno' on 08/09/2014 at 14:03 h. The text says: "Professora, o português é uma disciplina importante para que possamos aprender o inglês, visto que elas ( as duas línguas) possuem algumas similaridades em termos gramaticais.  
Acredito que a história e a geografia, como citou meu colega, são, também, importantes disciplinas que ajudam o aluno a conhecer a origem do idioma; sabemos que, a língua inglesa é uma fusão de línguas e dialetos trazidos pelos germânicos ( anglo-saxões) no século V."

Fonte: ABA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

Figura 4 – Publicações no Fórum de discussão sobre o tema Interdisciplinaridade

07/09/2014 22:32 h

Aluno

Olá

Não curso Letras\Inglês, e sim Português. Mas sou aluno a 3 anos de Inglês.

E como aluno digo que realmente as artes vem para ajudar, e ajudar muito no ensino desta disciplina (INGLÊS).

Antigamente crianças viam nas escolas uma disciplina chamada EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, que sinceramente não sei se hoje ela ainda é ministradas nas escolas de nível fundamental. Acredito que essa disciplina podem ajudar de forma bastante satisfatória o ensino\aprendizagem da língua inglesa.

Com relação a outras disciplinas professora que a senhora perguntou a Leidiane, me permita falar, que no ensino da língua inglesa, para se ter uma melhor interdisciplinaredade o ensino da disciplina Português já é bem proveitoso, se nesse processo, o professor souber saber \ saber fazer, com que o aluno veja as raizes em comum que estas disciplinas tem. A história também , como já falei em um comentário anterior, também facilita a visualização de o porque de determinadas coisas.

01/09/2014 20:54 h

Tutor a Distância - UAB

**Ola turma!**

**Iniciamos nossa aula 02 Fórum 01 e com ele vem a discussão sobre INTERDISCIPLINARIDADE.**

**Vamos ler os conteúdos, discutir o que compreendemos e como poderemos fazer aulas mais significativas através da Interdisciplinaridade.**

**Conto com a opinião de cada um para tornarmos nosso Fórum mais produtivo e interdisciplinar.**

Fonte: AVA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

Nesta segunda situação a partir do tema gerador, a Interdisciplinaridade, os alunos foram publicando seus comentários e trazendo elementos sobre o tema, tanto de suas realidades vinculadas ao seu trabalho como também da compreensão que possuíam a cerca do tema. Procuraram trazer elementos que estavam associados à Interdisciplinaridade. O constante “vir a ser” na interação mútua pode ser muito bem percebido nesta situação, há uma dinâmica atualização no Fórum de discussão a partir das ações dos interagentes que comentavam a opinião dos colegas, expunham sua visão.

Sobre o fato de a Modalidade do curso ser semipresencial e as interações que daí ocorrem, as participações dos alunos e suas publicações nos Fóruns podem revelar as suas intenções para sua formação e justificar as interações mediadas por computador a partir desta modalidade. O aluno A2 disse o seguinte sobre a modalidade de ensino: “Eu acho que pelo formato do curso, eu creio que o que está sendo proposto é suficiente sim, porque se a gente tem muita oportunidade de conversar, de debater, nós temos também muitas vezes atividades em grupo em que nós nos reunimos, fazemos visitas a escolas, tem os chats que nós podemos conversar também e..., eu creio que sim, é bem satisfatório, até por que..., não tem um horário

em que nós vamos entrar lá e comentar e falar a respeito de algum assunto, mas, podemos fazer isso em qualquer horário”.

Percebemos que a flexibilidade de horário destacada pelo aluno, à primeira vista é condição que facilita as suas interações, como interagente, o aluno publicou suas atividades ou opiniões nos Fóruns no momento que considera mais adequado ou que seu tempo o possibilite a isto.

A valoração dada ao compartilhar e aprender em grupo, de forma coletiva é clara na visão de A2, inclui-se neste aspecto mais uma vez as particularidades da EaD “[...] devemos perceber que estas devem considerar um princípio da educação, que é a construção do conhecimento exercida em processo coletivo” (MAGALHÃES JUNIOR, 2005, p.7). Entendemos que este processo coletivo é parte da Aprendizagem Colaborativa, tema que trataremos mais à frente.

No contexto da Educação a Distância compreendemos que as ações e interações entre os alunos são refletidas pela realidade que os cercam, as suas condições socioeconômicas, tempo e lugar propícios aos estudos e as suas regularidades nas ações das atividades propostas nos Fóruns. Estas condições trazem à tona as especificidades desta modalidade de ensino, cabendo ao tutor perceber que “[...] além de verificar a emergência das tecnologias da informação e comunicação (TICs) é fundamental, em cursos de graduação, que o docente considere as especificidades inerentes ao ensino de adultos [...]” (SOBOLL, 2010, p. 8).

Percebemos que os horários das publicações dos alunos variavam bastante, mas, ocorrendo em sua grande maioria no turno da noite. “Falar de aprendizagem em ambientes de aprendizagem *on-line* significa pensar no sujeito aprendente, que, neste caso é, em sua maioria, o adulto” (BRUNO, 2009, p.101). Observando os horários das publicações e as falas dos alunos constatamos que todos os alunos pesquisados são trabalhadores, por isso os horários das postagens são variados, porém, tendem a ocorrer com maior frequência no turno da noite. De modo geral, os alunos veem a EaD como uma alternativa para a sua formação acadêmica, pois há uma flexibilidade dos horários de estudo, e de suas participações nos Fóruns, entretanto é importante que este aluno, “[...] tenha consciência de questionamentos e inquietações suscitados pela aprendizagem *on-line*. O gerenciamento do tempo é um assunto importante sobre o qual os alunos devem pensar antes de começarem um curso” (PALLOF; PRATT, 2004, p.90). O aluno A3 considerou esta condição da seguinte maneira: “Tem, porque eu trabalho, aí eu chego em casa tarde da noite aí eu começo a estudar 10 horas, chego em casa às 10 horas começo a estudar 10 horas aí, por exemplo, antes de começar a postar eu

procuro ler, ler a apostila pra saber do que se trata, é exatamente por conta desse tempo pequeno que eu leio só a apostila, que é uma opção mais resumida, procuro ler mais a apostila. Aí eu leio a apostila e depois é que eu faço a postagem aí acaba sendo tarde.”

A flexibilidade dos horários de estudo e das ações que possam ocorrer nos Fóruns podem demonstrar que, o perfil dos alunos como trabalhadores traz à tona uma preparação do tutor a cerca deste público. “A nova lógica da sociedade da informação traz o professor para o meio do grupo de aprendentes. O professor passa a encarar a si mesmo e a seus alunos como uma ‘equipe de trabalho’, com desafios novos e diferenciados a vencer e com responsabilidades individuais e coletivas a cumprir.” (KENSKI, 2003, p.93). Para este aluno que possui além de suas obrigações acadêmicas, as mudanças que o ensino, por meio das tecnologias, vem sofrendo, facilitam sua organização e suas formas de aprender e participar nas atividades *on-line*. Como podemos perceber pelo o que é dito pelos alunos, como A2: “Como a gente tem essa liberdade de acessar na hora que nós pudermos é..., geralmente eu acesso mais à noite, só que sempre que eu tenho uma oportunidade, que eu tenho uma folga no trabalho, posso tá olhando durante o dia, ou no sábado ou domingo, que..., o que nós somos incentivados a fazer é entrar todos os dias, sempre que nós pudermos e também porque eu gosto de fazer, porque a gente mantém o contato com a disciplina, com o que está sendo ensinado”.

Notamos que esta modalidade de ensino faz deste aluno um componente em uma realidade que exigirá dele algumas habilidades muitas vezes desconhecidas, e se tratando de EaD, este aluno necessitará de novas características para atuar nesta modalidade, como é destacado da seguinte forma:

Os alunos em processos de educação a distância não contam com a presença cotidiana e continuada de professores, nem com o contato constante com seus colegas. Embora possam lidar com os temas de estudo disponibilizados em diferentes suportes, no tempo e no local mais adequados para os seus estudos, num ritmo mais pessoal, isso exige determinação, perseverança, novos hábitos de estudo, novas atitudes em face da aprendizagem, novas maneiras de lidar com as suas dificuldades (ALVES *et al.*, 2014, p.190).

Embora estejamos tratando de um curso na modalidade semipresencial, a IES exige deste aluno e dos tutores prazos a cumprir para as postagens, entrega de portfólios, trabalhos a serem apresentados, assiduidade nos encontros presenciais e avaliações presenciais. Todavia, estes atributos citados pela autora nos auxilia na compreensão da realidade destes alunos que claramente utilizam do tempo que possuem disponível para cumprir suas atividades e prazos e manter esta interação constante com os outros interagentes neste contexto de aprendizagem. O aluno A4 percebe sua realidade da seguinte maneira:

“Meu horário, assim, é bem flexível digamos. Eu tenho um horário livre no trabalho, eu já acesso no trabalho, quando chego em casa também dou uma olhadinha, já acesso em casa, mais assim, trabalho e casa”. Trabalho e casa, esta fala torna evidente que os lugares e tempos disponíveis por este aluno variam de acordo com a dinâmica de seu cotidiano.

Por outro lado, há situações de apreensão por parte de alguns alunos sobre como as publicações poderão ser vistas pelos colegas. O aluno A3 diz: “Acredito que sim, (...) eu procurava sempre postar logo, né, mas quando eu não era o primeiro eu tinha a necessidade de olhar primeiro como eram as postagens, qual era a linha de raciocínio pra postar, porque é..., a minha preocupação era fugir do tema, né. Sempre eu tenho essa preocupação, será que eu tô..., eu sou do segundo semestre e estou cursando a disciplina do quinto semestre eu tinha essa preocupação de, será que eu tô entendendo certo, aí, como os alunos eram já do quinto semestre tavam mais habituado, eu procurava dar uma lida pra ver como era o teor e aí formava a minha opinião, aí isso acaba influenciando a minha opinião”.

Compreendemos que, embora o aluno demonstre um compromisso de aprender e trocar informações nos Fóruns, há indícios de uma sensação de inquietação, devido a uma preocupação sobre o que será visto pelos outros alunos. A opinião do outro e as discussões que poderão surgir no Fórum tem relação com ação do aluno, levando inicialmente a ler as publicações dos colegas e em seguida descrever sua opinião. Ao utilizarem essa estratégia os interagentes discorrerem suas opiniões, evitando assim fugir do tema proposto.

Diante dos dados analisados percebemos ser necessário analisar a função do tutor no que se refere às trocas com os alunos e às interações que partem de suas ações em um contexto de aprendizagem formal no ciberespaço e nos encontros presenciais, assunto que abordaremos no tópico a seguir.

#### ***4.1.2 Interações e ações do tutor***

As interações que no AVA surgem numa trama baseada com fins de aprendizagem, colocam os interagentes envolvidos nas relações didáticas em um contexto que exige do professor/tutor utilizar-se destes meios interacionais e didáticos de forma adequada:

A Didática *on-line* abarca os processos de formação das relações humanas em ambientes digitais que são co-construídas por meio das relações didáticas, ou seja, relações entre os sujeitos (ou atores) sociais envolvidos no processo educativo: educador e educando. Tais relações decorrem de processos interativos e dialéticos, alicerçados no que podemos chamar de comunicação didática ou, para Torre (1993) e Mallart (2001), interação comunicativa (BRUNO, 2009, p.101).

Na visão dos alunos o papel do tutor é essencial para o bom andamento das discussões, assim como também, servindo como suporte essencial para a aprendizagem, embora que, para o aluno A1, os alunos possuam uma certa autonomia nesta modalidade de ensino, A1 discorreu sobre esta autonomia da seguinte forma: “Com certeza, se essa interação do tutor não houver, não houver esse incentivo do tutor a gente se sente, porque já é um curso a distância, aí a gente se sente, cadê a motivação!?! Claro, que por ser um curso a distância, a autonomia da gente é maior, mas agente tem um acompanhamento, porque, tu tá falando pra quem? Eu vou tá sendo avaliada de que forma? É que, infelizmente a gente sabe que a gente (nem?) é avaliado, tanto nos portfólios, mas nos portfólios eles vão dar também um, um upgrade, ali na nossa interação, se agente não for bem naquele portfólio o professor que interagiu com a gente vai entender, ela sabe, é porque ela deve ter passado por alguma coisa. Embora o ambiente seja virtual o professor vai passar a conhecer o nosso (saber?)”.

A autonomia que a EaD enseja aos alunos nesta modalidade, poderá se refletir também nas formas de interação em que esse aluno poderá se engajar. As ações de um interagente partem, sobretudo, de seu interesse nos assuntos abordados nos Fóruns. “Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os fóruns são de grande utilidade para tirar dúvidas, trocar informações, para a discussão de temas específicos e para a troca de experiência entre os participantes” (ROZENFELD; VELOSO, 2014, p.564).

Das ações realizadas pelo tutor percebemos que ela utilizou de meios para mediar as discussões nos Fóruns, e motivar os alunos em suas participações. Percebemos assim que “[...] o papel mais importante do professor em ambientes virtuais, entre os que identificamos, é o de mediador, entendido como alguém que proporciona auxílios educacionais ajustados à atividade construtiva do aluno, utilizando as TIC para fazer isso” (MAURI; ONRUBIA, 2010, p.129-133). Na compreensão do aluno A1, esta participação do tutor foi essencial para seu aprendizado: “Com certeza, interferem de uma maneira positiva, porque se você posta algo que não condiz com o contexto da aula, ela vai, não, não será que é isso mesmo, né? A gente vai passar a repensar, eu tenho que estudar mais, eu tenho que ver o que realmente postei, se eu absorvi a ideia do conteúdo da aula, então essa interação ela tem que existir, ela é de suma importância. Ela é, e..., eu creio que ela é uma interação positiva, quando o tutor se dedica”. Como dito pelo aluno A1, a interferência do tutor é positiva no sentido de direcionar as postagens/comentários para que estes alunos não se percam diante do que foi proposto e, conseqüentemente, o processo de aprendizado ocorra de forma satisfatória. Destacamos que, quando perguntado ao aluno se há interferência do tutor no aprendizado, tínhamos a intenção de instigar este aluno, de perceber até onde este conseguia enxergar a função do tutor, se dela,

as interações ocorriam de forma satisfatória ou não. Além disto, encontramos uma visão mais geral de um aluno sobre as funções e ações dos tutores, sobre isto, o aluno A2 fala: “Sim, com certeza, até porque o tutor geralmente instiga-nos a falar mais ou ser mais específicos com o que estamos comentando, nos instiga ir além a..., o tutor eu vejo, a maioria dos tutores que eu tive a oportunidade de ter que eles geralmente não dão uma resposta para aquilo que está sendo discutido, mas eles buscam puxar mais de nós, fazer com que nós nos expressemos mais sobre um determinado assunto”.

A motivação empreendida pelo tutor proporciona um estímulo a novas publicações, instigando novas reflexões e interações entre os alunos, tendo em vista que a modalidade EaD insere-se “[...] como um fenômeno pedagógico no qual se pressupõe a necessidade de uma ação fundamentada que possua diferenças distintivas e qualitativas em relação a um curso presencial” (SOBOLL, 2010, p.2), daí as particularidades surgem e exigem ações do docente/tutor que se adequem a esta realidade. Os *feedbacks* dados pelo tutor nos Fóruns são um bom exemplo disto. Por meio deles o tutor estimula os alunos às suas reflexões sobre o tema proposto, tira dúvidas, direciona os alunos quando estes fogem ao tema mas, também entendemos que “ Os alunos não sabem de maneira automática o que é necessário fazer para dar e receber um bom *feedback*. Precisam também entender a importância de fazê-lo na comunidade *on-line*” (PALLOF; PRATT, 2004, p.92), e no caso estudado os *feedbacks* que são parte das relações entre os interagentes, alunos e tutor, devem possuir uma intenção voltada à aprendizagem, tanto individual como coletiva.

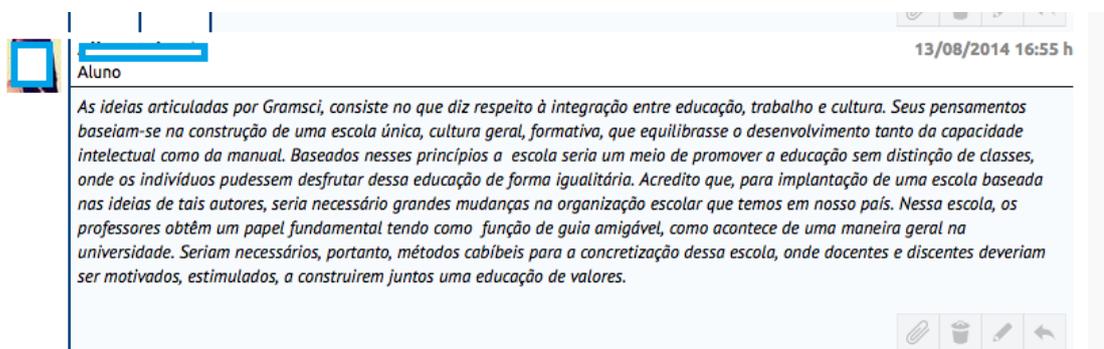
Ainda nesta perspectiva de o aluno conferir destaque aos *feedbacks* dados pelo tutor, o aluno A3 disse o seguinte: “Acredito que mais a questão de expor a minha opinião e saber o que a professora vai..., porque é assim, o *feedback* é que vai ser a minha correção, entendeu? Então, eu posto aquilo que eu acho, e aí a professora vai e dá a opinião dela, na opinião dela é que eu vou saber se eu vou tá errado ou não. É através da minha postagem no fórum que eu vou saber, não, eu tô, eu entendi e saber se estou indo pelo caminho correto nesse raciocínio, ou então a professora, tutora vai e, não..., e direciona para outro lugar que eu veja que tava imaginando que seria outra coisa, mais ou menos isso”. O aluno A3 percebe que neste contexto de aprendizagem, a presença do tutor é fundamental para o seu direcionamento.

Sendo o Fórum uma interface assíncrona é possível aos alunos reverem suas postagens, fazerem novas pesquisas, inserir links e ou outros materiais que por ventura considerem necessário ao tema, procurando colaborar com os colegas no seu aprendizado e no aprender coletivo. Vejamos como o aluno A2 discorre sobre esta situação: “Geralmente eu

utilizo tanto o material da aula, os anexos que são dados como, como..., dentro da aula também, para nós estudarmos e, eu acesso também a web buscando alguma coisa a mais a respeito do assunto”. Quando o aluno A2 se refere a “buscando alguma coisa a mais a respeito do assunto”, entendemos que há um interesse de ir além do material proposto pelo tutor, buscar novas fontes de informação que são disponíveis no ciberespaço.

Podemos ainda considerar para esta situação de pesquisas feitas pelos alunos a procura de novas fontes de informações no ciberespaço, em que os alunos acharam necessárias para o aprofundamento dos assuntos abordados nos Fóruns de discussão e outras atividades, por meio da fala do aluno A4. Quando perguntado a este aluno sobre seu comentário publicado no Fórum 1 da Aula 1, ele relata: “Em parte sim, outras eu...também abri, tive que abrir um documento em Pdf e li algumas partes sobre a teoria de Gramsci”. Neste caso, o aluno A4 se refere à pesquisa que considerou necessária fazer para encontrar subsídios necessários e publicar seu comentário no Fórum de discussão. Esta publicação pode ser vista na figura a seguir.

Figura 5 – Publicação no Fórum de discussão referente à pesquisa feita por um aluno com o intuito de aprofundar a discussão sobre o tema proposto



Fonte: AVA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

A aprendizagem na modalidade de ensino pesquisada possibilita que inúmeras informações possam ser apropriadas. O ciberespaço como lugar de troca de fluxos e informações, torna o professor/tutor parte do processo, e não mais como o detentor único da informação e única fonte a que o aprendente possa chegar. Os hipertextos, os vídeos, a hipermídia e modo geral é parte deste processo de aprendizagem. Diante disto, os alunos da turma analisada percebem a importância destas possibilidades de acesso à informação através do ciberespaço. Podemos citar como exemplos as seguintes afirmações dadas pelo aluno A2: “Geralmente eu utilizo tanto o material da aula, os anexos que são dados como, como..., dentro da aula também, para nós estudarmos e, eu acesso também a web buscando alguma coisa a mais a respeito do assunto”. Nesta situação o aluno A2 fala de um modo geral sobre

suas pesquisas feitas com a finalidade de ampliar suas informações sobre um dado assunto, com o intuito de aprender mais. Em outra situação o mesmo aluno, A2 diz o seguinte sobre suas participações no Fórum 1 da Aula 2: “Não, nesse caso eu busquei, eu li o texto que foi proposto e eu busquei alguma coisa relacionada na web”. Mais uma vez o aluno recorre à busca de informações além do que é disponibilizado ou proposto pelo tutor, e além daquilo que é compartilhado com os colegas. Há, de certo modo, uma intenção deste aluno de aprofundar-se constantemente sobre os assuntos abordados.

As ações do tutor são valorizadas pelos alunos como figura de destaque para seu aprendizado, embora percebam a sua autonomia, vê-se o tutor como referência. Vejamos a visão do aluno A3: “Eu acredito que sim, porque eu tenho ela ainda como referência, entendeu? Ela é minha referência, dessa disciplina ela é minha referência, quando ela comenta alguma coisa, positiva ou negativa, mas quando ela comenta ela tá..., ela tá me servindo como referência, pra eu aprender”. Comprendemos que através desta fala o aluno A3 faz a referência ao tutor como mediador das ações propostas nos Fóruns, de orientador na aprendizagem dos alunos.

Sendo este curso pesquisado ambientado em lugares distintos, no ciberespaço e na sala de aula presencial, mas, que convergem para o mesmo fim, o da aprendizagem, trataremos no tópico seguinte das Interações que ocorrem nos encontros presenciais.

#### ***4.1.3 Interação e encontros presenciais***

As interações que ocorrem em lugares, além do ciberespaço, que incluem desde as interfaces midiáticas a encontros em sala de aula geram situações de aproximação, concordância e discordância entre os interagentes. Esta dinâmica de informações compartilhadas em um AVA que podem se tornar geradoras de conhecimento para a formação de futuros docentes, tendo em vista que tratamos de um curso de Licenciatura, faz deste AVA um ambiente propício à aprendizagem. Porém, diante da modalidade de ensino proposto, há encontros presenciais que possibilitam aos interagentes outras formas de Interação.

O destaque dado pelos alunos nos faz revelar que a visão destes sobre esta dinâmica é geradora de aprendizagem, tendo em vista a valorização dada por eles sobre suas postagens, como podemos ver o que foi dito por A4: “Sim, também nas discussões é... estabelecendo assim uma reflexão sobre, sobre o tema né?! No presencial também ocorre isso, a gente vem abordando o tema e discutindo também como acontece nos fóruns”. De acordo

com o aluno A4, o encontro presencial também gera discussões sobre as temáticas trabalhadas pelo tutor.

Os encontros presenciais são vistos muitas vezes como uma continuidade ou uma extensão das discussões online, sobre esta questão o aluno A1 nos relatou que considera que existe uma forma de se relacionar nos fóruns, e esta forma se reflete nos encontros presenciais por meio dos debates. Os comentários de discordância nos fóruns não refletem a forma de se relacionar entre os alunos nos encontros presenciais, porém, enriquecem as discussões.

O enriquecimento destas discussões pressupõe uma possibilidade de aprendizagem, tanto no aprendizado individual como em grupo. Na compreensão do aluno A4, a existência de uma forma de relacionamento se reflete nos encontros presenciais e os comentários ou publicações discordantes não afetam suas formas de se relacionar com os seus colegas de turma. Isto pressupõe uma norma de convivência implícita, característica de uma comunidade que se manifesta no ciberespaço e em sala de aula.

Além disto, há um destaque na figura do tutor, como interagente e mediador destas interlocuções feitas tanto no AVA como nos encontros presenciais. De acordo com A2 o seu aprendizado se estende ao encontro presencial de forma pontual, necessária quando afirma: “que é mais discutido com relação às disciplinas é dentro do fórum então, quando nós chegamos no encontro presencial nós temos a oportunidade de conversar sobre aquilo novamente e também complementar com alguma coisa a mais ou até mesmo com a ajuda do tutor, é onde nós temos a oportunidade de fixar aquele conhecimento que foi..., e revisar o já discutido”. Quando A2 afirma “fixar aquele conhecimento”, compreendemos que esta visão é significativa à medida que este “fixar” refere-se ao manter o apreendido, quer seja nas discussões no Fórum, quer seja nos materiais compartilhados pelos colegas ou tutor, há de forma contundente a ligação entre os dois ambientes, o que é disponível no AVA Solar e o que é disponível no encontro presencial.

Os Fóruns de discussão podem se tornar lugares de discordância, podem se tornar lugar de ampliação de informações e conhecimento e também de conflitos quando surgem opiniões divergentes. Entretanto, o aluno A2 acredita que as discordâncias não afetam as relações entre os alunos quando estes estão nos encontros presenciais: “Não, eu acho que não, na verdade isso é uma oportunidade pra você defender sua ideia e até mesmo agregar porque, às vezes, o colega discorda mas a..., de certa forma a gente pode agregar ao nosso conhecimento, ao nosso comentário”. Se há discordância e respeito entre os interagentes, percebemos que os ambientes de aprendizagem proporcionam espaço para a discussão e aprendizado.

Como dito anteriormente, as falas dos alunos indicam que os encontros presenciais possibilitam uma continuidade do que é discutido nos Fóruns, porém percebemos outro aspecto relevante a partir da seguinte fala do aluno A3: “Sim, influenciam sim, com certeza, sem sombra de dúvidas, não é à toa que, se eu não... se a gente não..., tem... a gente sempre tem... algum aluno que não interage em algum fórum, por algum motivo, e quando chega aqui a gente não tem, não sabe o nome, não tem nenhuma referência, não sabe qual a linha de raciocínio dele, porque, aquela questão de..., a gente..., eu gosto muito disso, de... não concordar com você mas respeitar o direito de opinar a sua opinião, falar. E aí a gente sente falta, e eu...mesmo sem a pessoa (inaudível), ah com uma metodologia mais linha dura ou mais liberal”. Percebemos por meio da fala deste aluno que a identificação de um aluno por outro, por meio do Fórum, facilita a aproximação no encontro presencial, tornando esta relação de proximidade geradora de novas ações de aprendizagem entre os interagentes.

Os encontros presenciais, como parte integrante da dinâmica de funcionamento do curso analisado, fazem gerar novas formas de interação, que são tomadas inicialmente no AVA, sobretudo nos Fóruns de discussão. Todavia, os encontros de caráter presencial revelam que esta ampliação das discussões não somente se tornam continuidade das interações mediadas pelo computador, mas, também, estreitam laços entre os interagentes. Por meio da percepção destes laços, percebemos que há a possibilidade de investigar estas Interações e laços na compreensão destes ambientes, AVA e sala de aula presencial, como Comunidade, assunto que abordaremos a seguir.

## **4.2 Comunidade**

Com o advento das Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, os vínculos e laços comunitários vêm se alterando. Os ambientes educativos, como IES e escolas da educação básica tornaram-se apenas parte de um todo. Imersos no ciberespaço, o aluno ver passarem e serem geradas informações de seu interesse em outros lugares além da sala de aula física. “A construção de outros espaços de conhecimento, de outras territorialidades, é o grande desafio posto pela contemporaneidade aos sistemas educacionais” (BONILLA, 2009, p.37). Compreendemos que por meio das Comunidades Virtuais surgidas no ciberespaço, a construção do conhecimento e a aprendizagem tomaram novos significados e destes, as Comunidades Virtuais de Aprendizagem um sentido mais restrito à aprendizagem.

Por meio dos dados coletados intencionamos num primeiro momento perceber quais as características gerais de uma Comunidade, em um sentido geral, identificadas por

meio das falas dos alunos entrevistados e, a partir destas, perceber as características presentes de uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA) nas experiências vividas por esses alunos no contexto da EaD.

Consideramos relevante enfatizar que, o aluno encontra-se inserido em um Ecosistema Comunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2000) marcado por dois aspectos: a forma como os alunos se relacionam com as novas tecnologias e, a imersão em um ambiente de informações e conhecimentos múltiplos. A EaD, embora ainda em fase de amadurecimento por persistir em trazer elementos da educação presencial, se esforça em descentralizar o processo de aprendizagem, outro elemento constitutivo do Ecosistema Comunicativo. Diante disto, o entorno educativo no qual os alunos estão inseridos neste Ecosistema Comunicativo possui ainda outra característica além do AVA Solar, a sala de aula presencial.

As Comunidades surgidas ao longo da história da humanidade foram se compondo a partir de laços constituídos por afinidades, sentimento de pertencimento, identidade e por interesses comuns. No âmbito do *lócus* desta pesquisa os interagentes que se dispuseram a participar dos Fóruns no AVA tinham motivos para esta participação, uma vez que, no AVA, há uma intenção que é a aprendizagem, tendo em vista que a participação dos Fóruns é componente obrigatório nas atividades do curso de graduação observado. Desta forma, identificamos uma característica importante, o interesse em comum. Este interesse parte do princípio que todos ali presentes fazem parte de uma comunidade com o foco nos mesmos interesses: a aprendizagem e a formação acadêmica. O aluno A4 compreende sua ligação com os outros da seguinte maneira: “Sim acho que... sim, sério assim numa comunidade bem... acadêmica né?! Comunidade universitária onde a gente aborda diversos temas, trás pra nossa realidade esse tema e debate assim”. Os temas e debates aos quais o aluno se refere encontram-se, além dos encontros presenciais, principalmente nos Fóruns de discussões, sendo assim, a presença no AVA torna-se o principal meio de ligação entre os alunos, além disto, o interesse em comum com fins de aprendizagem é uma das características de uma CVA. Desta maneira, para tornar-se membro desta Comunidade há um quesito inicial: ser aluno regularmente matriculado nesta disciplina mas, além disso, percebemos que identificar-se como membro desta “comunidade universitária”, como dito por A4, implica dizer participar ativamente das ações propostas. Em um Ecosistema Comunicativo o uso das TIC faz-se necessário, é o que se percebe nesta pesquisa tendo em vista a presença em uma AVA.

Nesta perspectiva de ver o Fórum como principal meio de ligação entre os interagentes e de sua compreensão de Comunidade o aluno A2 diz: “Eu acho que sim, acho

que sim, até porque nós estamos lá todos os dias, nós vemos o que os colegas comentam, as ideias deles e, eu acho que pode ser considerado sim um tipo de comunidade, até porque nós quando tratamos uns com os outros nós conversamos pelo nome, chamamos pelo nome, elogiamos os comentários, enfim, acho que sim”. Tratar pelo nome, de acordo com o aluno A2, revela a impressão de ser um indício de aproximação, de laço entre estes alunos. Se há laços entre os interagentes nas discussões nos Fóruns, estes laços poderão se estender nos encontros presenciais. Além de os laços, que são marcantes em comunidades, a constante Interação é também algo presente tanto nas Comunidades, em um sentido mais geral, como também nas CVA.

Embora esta pesquisa tenha tido como *locus* uma disciplina didática em um curso de graduação em Licenciatura, o aluno A2 nos apresenta um exemplo interessante, na tentativa de demonstrar as extensões destes laços por meio de outros meios de Interação presentes na convivência e comunicação entre os alunos, nesta e em outras disciplinas: “Eu creio que sim, não sempre, mas sim, muitas vezes tem interação por meio do Facebook, tem os grupos, tem grupos no WhatsApp e..., geralmente sim, geralmente sim. Em todas as turmas tem algum tipo de grupo em que os alunos conversam além do, do... propriamente da Universidade”. Quando o aluno A2 se referia aos grupos existentes, ele indicava que estas situações fizeram constituir uma Comunidade composta por seus pares, que dialogam em múltiplos lugares com o uso de interfaces e dispositivos diferentes, que alargam suas Interações, estreitam seus laços e que podem colaborar em sua comunicação e aprendizagem.

Percebemos que os alunos entrevistados possuíam uma visão de seu entorno como Comunidade mas, vinculam esta visão à aprendizagem e a sua formação acadêmica. O aluno A1 “destacou a questão da aprendizagem em vários momentos, denominou o Fórum como uma ‘Comunidade de Aprendizagem’ e, percebeu que existe uma sensação de pertencer ao grupo, como uma comunidade, destacou, ainda, que existe uma sensação de identificação e um objetivo em comum”. O objetivo em comum citado ressalta a valorização desta Comunidade para o aprendizado dos participantes, identificando-os como pertencentes ao mesmo nicho. Como Comunidade de Aprendizagem, valoriza-se este interesse maior, o de aprender e de concluir um curso de graduação.

Por meio das publicações e das ações dos interagentes, o AVA Solar torna-se elo de ligação, lugar comum daqueles que possam se comunicar enquanto membros de uma Comunidade, a proximidade que possa surgir entre seus membros perpassa das publicações nos Fóruns, na presença no AVA e chegando aos encontros presenciais. Nos encontros presenciais estes interagentes se identificam como tal, vejamos o que afirma o aluno A2:

“Sim, sim, até porque, ah..., pelo menos pra mim eu conheço os colegas pelo nome e..., pelo Fórum, é pelo Fórum que nós aprendemos o nome daquele colega, como ele pensa, como ele é, e, muitas vezes, nós não nos encontramos e quando nós estivemos na sala de aula parecia que a gente já conhecia aquela pessoa a muito tempo”. Percebemos, a partir desta fala do aluno A2, que compreender o que o outro pensa é importante para essas relações com a finalidade da aprendizagem, como elemento constituinte de um coletivo que aprende em grupo. Outro aspecto relevante que percebemos a partir desta fala é uma constância nas Interações que provocam esta aproximação. Destacamos que a Interação permanente é uma característica muito importante em uma CVA.

Uma outra situação semelhante pode ser vista da seguinte maneira, o aluno A3 fala sobre proximidade: “Ah, com certeza, porque é... querendo ou não isso causa uma proximidade entre eu e a pessoa, ainda que virtualmente, não é à toa que quando a gente chega aqui no encontro presencial a pessoa já lhe cumprimenta pelo nome, já ocorreu uma proximidade, né?! Então isso facilita o relacionamento sim”. O entrosamento, a proximidade a partir das duas situações começa pela identificação do outro pelo nome, de acordo com A2 e A3. E quando estes estão presentes nos encontros presenciais os interagentes dão uma continuidade de suas interações, inicialmente provocadas nos Fóruns de discussão. Entretanto, a dinamicidade nos locais de encontro, *on-line* e presencial, possuem ações diferentes tendo em vista que, para a manutenção de laços em uma CVA é necessário uma ação constante do aluno para sua aprendizagem pois a aprendizagem no ciberespaço requer esforços necessários a este tipo de ambiente. Esta ação constante faz parte de uma dinâmica para o alcance do objetivo em comum.

A participação nos Fóruns era elemento obrigatório para o andamento do curso, entretanto identificamos uma situação relevante para este estudo. Vejamos o que diz o aluno A2: “Sim, de certa forma eu sinto porque, todos os dias ou constantemente eu sinto a necessidade de entrar lá, pra comentar, não só por causa da presença que tem que garantir ou da participação mas, acho que sim porque é uma coisa que eu lembro automaticamente, não é uma coisa forçada”. Para A2 estar presente nos Fóruns tornou-se uma prática constante, que não necessariamente é provocada pela obrigatoriedade, tornou-se algo espontâneo, criando-se uma expectativa das participações futuras, de ampliar sua aprendizagem e de colaborar com o outro. Há portanto, um papel ativo deste interagente pois, se está presente constantemente no AVA, ele assume um papel ativo na aprendizagem, tanto dele mesmo como do grupo quando este passa a publicar nos Fóruns novas informações, diante disto identificamos uma outra característica de uma CVA.

À medida que ocorrem as ações entre os interagentes a uma tendência de alguns alunos de aumentarem suas participações e publicações, no intuito de não somente aprender, mas também de estreitar laços, manter as Interações de forma a constituir um local de observação do que o grupo está a fazer, uma Interação permanente que é algo marcante nas CVA. O aluno A3 discorre sobre esta situação desta forma: “Não, porque, a partir do momento que eu..., quando há um fórum ativo né, ... não, não, eu digo assim, quando é um fórum que eu posto, que infelizmente tem gente que posta apenas por obrigação, infelizmente, de ah...são duas postagens são necessárias pra falta, beleza, aí reduz e ponto final, né? Mas eu procuro tá sempre , tá ali observando que é a opinião da pessoa então, quando a gente interage, conversa, expõe isso vai causando acho que uma ligação maior entre aqueles que estão no grupo, entendeu?”. Percebemos que uma ligação maior entre os interagentes poderá resultar em maior aproximação e esta aproximação é resultante da Interação permanente, algo necessário às CVA.

Observamos que houve, de maneira geral, um destaque nas falas dos alunos entrevistados à aproximação por meio de suas Interações nos Fóruns, entretanto, esta aproximação somente poderá ocorrer se houver um envolvimento do grupo. Como uma CVA, o trabalho em grupo deve necessariamente existir para que seus objetivos em comum possam ser alcançados. Quando perguntado ao aluno A3 se, como comunidade, o Fórum lhe ajuda a se aproximar dos colegas, ele responde de forma bastante direta: “Me ajuda, me ajuda sim”. Compreendemos desta forma que, o aprendizado na compreensão destas falas está diretamente ligado aos laços que constituem uma Comunidade.

Observando as publicações dos alunos pesquisados, foi perguntado ao aluno A4 se, através das participações nos Fóruns, existia algum tipo de relacionamento, e ele relatou da seguinte forma: “Sim, na medida que interagem, né?!, acho que constitui um tipo de relacionamento”. Na convivência e nas relações sociais os seres humanos compreendem como vital para sua sobrevivência a forma como se relacionam, percebemos, observando A4, que as relações são mantidas ou criadas a partir das Interações, e neste caso, a partir das ações empreendidas nos Fóruns. Disto há uma relação entre as Interações, a forma de se relacionar e a existência de uma Comunidade no sentido mais amplo de sua compreensão.

Além das questões expostas até este momento, devemos destacar outro aspecto presente nas relações entre os interagentes, a identificação entre pares. Quando perguntado ao aluno A4 se ele conseguia perceber algum tipo de identificação ou sentimento de pertencer a algo, na perspectiva de Comunidade A4 responde: “Sim, no caso eu me identifico muito com algumas postagens, né?! E me sinto parte da comunidade acadêmica, da Universidade”.

Identificar-se com as publicações dos colegas revela que há a presença de algo que o aproxima dos outros, o construir coletivo com fins de aprendizagem, esta fazendo parte de uma comunidade a qual ele define de “comunidade acadêmica”.

Entretanto, as Interações que ocorreram entre os alunos, além daquelas ocorridas no AVA, fizeram os encontros presenciais terem um sentido de aproximar ainda mais estes Interagentes, ou de pelo menos se revelar outras formas de perceberem suas relações. Os encontros presenciais fizeram gerar um tipo de exercício de uma extensão de convivência, anteriormente mantida em um AVA, mas que se revelou quando ocorreram de uma forma a ser materializada, como diz A3: “Pois é..., quando a gente vem pro encontro presencial a gente materializa essa sensação”. Esta fala ressalta o termo materialização quando também perguntado a A3 sobre perceber algum tipo de identificação ou sentimento de pertencer a algo, na perspectiva de Comunidade por meio da presença e ação nos Fóruns.

Além dos vínculos ligados às ações voltadas pela disciplina pesquisada, há uma expectativa de manutenção dos laços e da extensão destes laços entre alunos de outros semestres ou de polos. É o que relatou o aluno A3: “Dessa disciplina, que é complicado porque..., pode dar exemplos de outras disciplinas? Só exemplos? Vou dar exemplos, só exemplos. Em outra disciplina que fiz do primeiro semestre eu acredito que vai criar um vínculo, porque eu tô com um pessoal de várias disciplinas desde o primeiro semestre, eu já tô no segundo e já acaba criando vínculo. O que acaba acontecendo nessa disciplina hoje, eu tenho eu no segundo semestre e sou desse Polo, e tem outra menina que é de outro Polo mas tá fazendo aqui que é Letras/Português, então...(inaudível), ou seja, tem muita gente lá adiantando e que provavelmente não vão mais se encontrar em outra disciplina, aí o vínculo fica mais difícil mas, é o que eu lhe disse, o vínculo permanente né?!, assim todo dia eu tá lá assim perguntando mas o vínculo da aprendizagem, da tira dúvida acho que vai ficar porque eu sou do segundo semestre e eu tenho certeza que quando eu tiver no meu quinto semestre fazendo meu estágio se eu tiver necessidade eu vou ligar pra eles, entendeu? Porque, por exemplo, tem a menina de Letras/Português, tem o colega ali que já tá no oitavo semestre, tá terminado já, aí eu acredito que eu vou ter a liberdade de mandar um e-mail porque eu tenho o e-mail deles né”. Notamos que o processo de aprendizagem entre os alunos nesta modalidade e de suas comunicações é configurado pelo uso das TIC, além disto, o aluno criou uma expectativa futura de manter estes laços com o intuito de aprendizagem. O fazer em grupo, o aprender coletivo, o colaborar.

Compreendemos que, sendo estas interações ocorridas em um curso de licenciatura que se insere no contexto da educação formal, um aspecto relevante deste

processo que envolve as ações dos interagentes é a sua aprendizagem que decorre das ações coletivas, desta maneira, abordaremos a seguir o assunto Aprendizagem Colaborativa.

### 4.3 Aprendizagem Colaborativa

Ao longo da História as sociedades se organizaram em Comunidades e, por meio desta vivência em grupo informações passaram a ser trocadas e acumuladas. Trocas de experiências tanto de forma individual como a partir do conhecimento coletivo passaram a formar um conjunto de conhecimentos, das tradições e da educação formal, este conjunto de conhecimentos adquiridos fez gerar a aprendizagem.

Celso Antunes (2001, p.82) define aprendizagem da seguinte forma:

Aprendizagem – Conjunto de atividades que conduz a pessoa a transformar-se, adquirindo novos hábitos, atitudes e habilidades decorrentes da construção do conhecimento. Mudança relativamente duradoura do conhecimento, comportamento ou compreensão que resulta da experiência. Existem diferentes *modelos de aprendizagem* (construtivistas, gestaltistas e outros) determinados por experiências de ensino.

A transformação, os novos hábitos e atitudes que por ventura possam surgir ao longo de um processo de aprendizagem, de forma contínua, na educação formal ou em seu cotidiano, faz as pessoas passíveis de transformar sua realidade, o seu entorno. Diante disto, percebemos que através do ciberespaço e da aprendizagem que daí surge, novos modelos de aprendizagem vão sendo criados/estudados na tentativa de compreender melhor estes fenômenos e, conseqüentemente, ampliar as formas de aprendizagem daqueles que interessam. Neste caso, para a educação formal estes modelos passam a seguir um determinado padrão, uma orientação teórica e, fundamentalmente um interesse de aplicação para aqueles que o adotam a partir das necessidades, quer seja da instituição de ensino ou do docente.

Através do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação a sociedade compreende que o uso adequado destas tecnologias na educação pode se tornar fator gerador de mudanças benéficas aos aprendizes, independente do nível e da modalidade de ensino. “Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos na sociedade da informação. O amplo acesso e o amplo uso das tecnologias condicionam a reorganização dos currículos, dos modos de gestão e das metodologias utilizadas na prática educacional” (KENSKI, 2003, p.92).

Para este estudo intencionamos compreender a relação das Interações ocorridas no AVA Solar e nos encontros presenciais da turma escolhida com a aprendizagem associada à

colaboração entre alunos e tutor. A aprendizagem colaborativa compreende métodos e técnicas de um processo educativo, e para este estudo, tratamos da educação formal, de um curso de graduação superior, onde compreendemos que, além de métodos e técnicas são necessárias “[...] estratégias de desenvolvimento de várias competências, será utilizado em grupos estruturados que estarão diretamente relacionadas à aprendizagem” (SÁ; COURASOBRINHO, 2006, p.4).

Das informações levantadas por meio das entrevistas realizadas com os alunos, percebemos o valor dado pelos entrevistados às questões relacionadas ao aprender em grupo, às trocas de informação com os colegas, ao aprender juntos, à colaboração com os colegas tanto nos encontros presenciais como, principalmente nos Fóruns. Inicialmente, observemos o relato do aluno A2 sobre a aprendizagem no Fórum: “Sim, claro, eu acho que é só aprendizagem em grupo porque, você comenta, você comenta o comentário do, do..., fala a respeito do comentário do colega, responde e assim nós vamos em grupo, aprendendo.” Percebemos, observando a fala do aluno A2, que as ações entre os interagentes gera uma dinamicidade de ações, de comentários que possam gerar mais comentários que, na compreensão do aluno A2 os interagentes aprendem em grupo. Por meio do compartilhamento das informações, compreendemos que havia um certo grau de responsabilidade, que há uma percepção deste processo dito pelo aluno A2 das ações coletivas que constituem aprendizagem colaborativa, “[...] criando-se uma situação em que os alunos são também professores entre si, cria-se uma responsabilidade sobre a relação ensino-aprendizagem” (*Idem*, 2006,p.5).

Notamos que, como uma CVA, a aprendizagem como elemento fundante é percebida pelos próprios alunos e o Fórum como propício à aprendizagem. Para esta situação o aluno A1 considerou “(...) que os fóruns são um ambiente de aprendizagem, que a participação dos colegas auxilia na aprendizagem do grupo e em sua formação acadêmica”. Perceber que o Fórum é um ambiente de aprendizagem poderá gerar situações em que os interagentes se envolvam em uma dinâmica de ações que possam promover a aprendizagem tendo como motivo gerador as atividades/perguntas propostas pelo tutor.

Segundo Parrilla (1996, *apud* ARNAIZ, HERRERO, GARRIDO e DE HARO, 1999), grupos colaborativos são aqueles em que todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesses (DAMIANI, 2008, p.214).

Para nosso estudo é importante destacarmos que tratamos de um conjunto de situações que fazem parte da realidade de um curso de graduação superior, onde os indivíduos

envolvidos são adultos e a participação das atividades e Fóruns propostos constituem uma realidade previamente planejada embora que, as situações geradoras de maior ou menor interação, de maior ou menor interesse de aprendizagem não são previsíveis. É provável que esta imprevisibilidade exija do tutor ações direcionadas, que pontuem a aprendizagem da CVA em questão. “Bem orientada, em nível pessoal a aprendizagem colaborativa tenderá a diminuir o sentimento de isolamento e de temor à crítica, aumentando a autoconfiança, a autoestima e a integração no grupo” (*Ibidem*, 2006, p.5).

O processo que envolve as ações no AVA observado, na opinião do aluno A1, é gerador de uma expectativa das discussões que possam surgir nos Fóruns. O aluno A1 discorre sobre esta situação: “Com certeza, porque você fica, como se diz..., você, quando você posta uma coisa no fórum, e que alguém vai um comenta em cima, Opa! É sinal que deu certo, que alguém esta interessado no que eu falei. Se você posta e ninguém comenta no seu comentário e comentar em outro, será que eu boiei aqui? Aí fica parecendo que você participou por participar, e não é essa a ideia, a ideia é que a gente possa ter as discussões”. Além desta expectativa das discussões que possam surgir diante das publicações, percebemos através desta fala havia uma certa preocupação (ou talvez compromisso) do que seria publicado e, conseqüentemente observado pelos outros alunos. Para esta situação podemos utilizar como exemplo uma das publicações do aluno A1 e os comentários que se seguiram.

Figura 6 – Publicação no Fórum de discussão relacionada ao comentário do aluno A1 sobre as expectativas dos comentários nas discussões no Fórum

The image shows a screenshot of a forum discussion on AVA Solar. It contains three posts from students, each with a date and time stamp. The first post is from 21/08/2014 18:18 h, the second from 29/08/2014 18:02 h, and the third from 28/08/2014 20:25 h. Each post is preceded by a small profile picture icon and the word 'Aluno'.

**Post 1 (21/08/2014 18:18 h):**  
 Trabalhar com educação nos faz refletir qual o nosso papel enquanto educador, nos faz pensar que o mundo muitas vezes se torna mais gigante do que é.  
 Devemos acreditar que tudo na vida é aprendizado, até mesmo as dificuldades, somos vencedores quando acreditamos que podemos potencializar as capacidades individuais. Não deixemos de lado o currículo, mas que possamos adaptá-lo às necessidades do educando.

**Post 2 (29/08/2014 18:02 h):**  
 Amigos,  
 Hoje estive na Escola Profissionalizante Jaime Alencar de Oliveira (2º Grau), no bairro Eng. Luciano Cavalcante, onde tive a oportunidade de acompanhar alguns Juizes do Trabalho que levam, através do Projeto Trabalho Justiça e Cidadania, o conhecimento básico dos direitos trabalhistas para estudantes de escolas profissionalizantes.  
 Nesta oportunidade pude ver o que faz a diferença: medidas que fogem da rotina do estudantes, algo novo que os deixe curiosos, acreditado que é um dos caminhos certos, aguçar a curiosidade do estudantes, fazer com que o aluno tenha interesse pelo conhecimento.  
 Os alunos receberam o incentivo da coordenadora do projeto, Juiza Kelly Porto, que disse ser filha de Diretor de Escola Pública e que teve uma vida difícil, usava transporte pública, mas nunca deixar de acreditar que poderia vencer.  
 Mais profissionais deveriam visitar as escolas em projetos sociais como esse.

**Post 3 (28/08/2014 20:25 h):**  
 Boa noite, colega concordo com você devemos sim inovar porque se as aulas forem somente com lousa e ler livro e uma explicação básica não terá muito êxito com os alunos, e nem nos possíveis processos seletivos como o ENEM e Vestibular, porque hoje as questões envolvidas requer um conhecimento bem atual envolvendo fatos e inovações do dia a dia, por isso sim é preciso que o professor fique por dentro nas novas tecnologias e formas de ensino que envolva uma interação com os alunos.

Para a situação exposta na figura acima, compreendemos que o compartilhamento de opiniões e a expectativa gerada pelos alunos a cerca do que foi visto pelos colegas faz parte deste processo colaborativo, tendo em vista que, o objetivo geral do Fórum era participar das discussões sobre o tema e atividade propostos pelo tutor, um objetivo em comum e compartilhado. “Na colaboração, o processo é mais aberto e os participantes do grupo interagem para atingir um objetivo compartilhado” (TORRES; IARLA, 2007, p.74). Desta forma, a partir da publicação do aluno A1, outros alunos discorreram sua opinião sobre o tema proposto, compartilhando seu interesse com o intuito de alcançarem seu objetivo em comum, tomar algumas conclusões sobre a temática que é componente do conteúdo estudado. Compreendemos que, através da Aprendizagem Colaborativa “Estudantes aprendem expressando suas questões, prosseguindo numa linha da investigação juntos, ensinando uns aos outros e vendo como os outros aprendem” (STAHL, KOSCHMANN, SUTHERS, 2008, p.2, tradução nossa).

Diante das situações problemas que surgiram a partir das atividades propostas pelo tutor, e as Interações que surgiram por meio de suas publicações, há um diálogo permanente entre os interagentes, esta dialogicidade empreendida nasce deste processo de aprendizagem dinâmico, entretanto, sendo neste caso, um processo de aprendizagem inserido em uma CVA.

Uma alternativa metodológica de modificar a forma de ensinar e de aprender é utilizar a influência entre os pares, chamada de aprendizagem colaborativa. Esta estratégia de ensino-aprendizagem vê o aluno como um sujeito ativo e participante do processo de aprendizagem, onde este interage com os outros colegas e professor, assimilando conceitos e informações e construindo o conhecimento (ALCANTARA, SIQUEIRA, VALASKI, 2004, p.3).

Partindo deste entendimento, a aprendizagem colaborativa como forma de troca e construção de saberes e neste caso, saberes docentes em formação, servem como uma maneira de contribuir neste processo de estudo/formação, elaboração e execução de projetos pedagógicos e planejamento escolar, necessários ao processo de aquisição de conhecimento teórico, amadurecimento epistemológico e a *práxis*, agregando valores que ultrapassam aqueles absorvidos apenas na consecução do professor transmissor unilateral de conhecimento. Para a Aprendizagem Colaborativa a aprendizagem ocorre entre pares e, em nosso entendimento, incluímos as ações no processo de aprendizagem que envolvem suas interações entre aluno-aluno e aluno-tutor.

A modalidade de ensino a distância, e neste caso estudado, semipresencial, oferece, além do AVA Solar, a sala de aula nos encontros presenciais. Observamos que os estudantes de licenciatura procuraram manter a mesma conduta nas participações, na

colaboração, na aprendizagem e na partilha de conhecimento entre seus pares nos encontros presenciais. “Para a transformação das informações em conhecimentos é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que é mais facilmente conduzido quando partilhado com outras pessoas” (KENSKI, 2003, p.123). Entretanto, é importante observarmos da atenção que deve ser dada ao uso das tecnologias digitais, não apenas como instrumentos mas, como interfaces que contribuem em uma construção de conhecimento tanto individual como coletivo.

No processo de aprendizagem colaborativa, aqueles envolvidos em situações problema e ou atividades propostas, utilizaram-se de meios que possam agregar mais informações e conseqüentemente sua aprendizagem e, a atuação do tutor neste processo foi merecedora de destaque tendo em vista que a contribuição de Vigotski sobre o conceito de ZDP “[...] resignificam o papel do professor e não deixa dúvidas sobre as dimensões colaborativa e dialógica da aprendizagem” (PORTO; ORTH, 2012, p.3) que resulta no envolvimento do aluno em todo este processo. O papel dos aprendizes em colaborar com o outro pode ser compreendido a partir desta descrição do aluno A2: “Sim, sim, ajudam com certeza, muitas vezes eu tirei dúvidas com um comentário de um colega, é muitas vezes. Muitas vezes eu não tinha entendido e a pessoa foi lá, explicou e eu puder compreender determinada parte do assunto que não estava tão claro”. Isto torna evidente em nossa análise, as questões propostas partem do tutor e, que por sua vez, geraram as publicações dos alunos, a partir destas surgiram suas ações, os interagentes procuraram publicar seus comentários e, quando possível tiraram dúvidas de seus pares.

A literatura indica que o desenvolvimento de atividades de maneira colegiada pode criar um ambiente rico em aprendizagens acadêmicas e sociais tanto para estudantes como para professores, assim como proporcionar a estes um maior grau de satisfação profissional. O trabalho colaborativo possibilita, além disso, o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade – que se foram perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista (DAMIANI, 2008, p.224-225).

Desta forma, percebemos que estes valores que motivam o compartilhamento e a solidariedade dos alunos, estão presentes, onde um aluno, como citado por A2, possui uma dúvida e esta poderá ser elucidada por um de seus pares no AVA. Além do tutor que tem função preponderante neste processo de aprendizagem *on-line*. Os desafios a serem enfrentados por alunos e tutores nesta modalidade de ensino se iniciam com a tentativa de romper com o individualismo tão recorrente em nossa sociedade, dividir com o outro o que se sabe, trazer novas informações a seus pares e reconhecer, que através destes, como uma via de mão dupla, também se aprende. Sobre este aspecto o aluno A3 relata: “Vem, vem porque, eu

não tinha formação, não tenho formação superior, né, e, eu antes era muito individualista e o individualismo na questão do estudo às vezes se torna prejudicial porque eu não tenho como dialogar com ninguém e saber até que ponto eu estou certo ou não e a partir do momento que eu tenho isso nos fóruns, isso facilita muito a minha vida, na questão de parar e conversar, estudar em grupo e saber a opinião de outro, minha opinião mudar ou então mudar a opinião de outro por causa da minha visão ou da visão de outra pessoa, isso acho, hoje acho muito importante”.

Da compreensão do individualismo citado pelo aluno A3, a sua condição como um aluno em uma esfera com novos moldes diferenciados da educação presencial traz à tona outra questão relevante, a dialogicidade presente nas ações dos interagentes. “Na educação dialógica freireana, a autossuficiência dá lugar à construção de um saber coletivo que acontece no encontro de pessoas movidas por um objetivo comum” (DAVID; CASTRO FILHO, 2012, p.8). O aluno A3 compreendeu ser necessário o diálogo com os colegas de turma, percebeu que o diálogo nos Fóruns proporcionou uma relação de aprendizagem por meio da colaboração mútua no momento em que as ações entre os interagentes possuíam uma tentativa de aprender e colaborar na aprendizagem do outro. Outro aspecto relevante é que este processo torna-se dialético, pois o confronto de ideias existe, de uma ação poder interferir na mudança de opinião do outro ou vice versa. Esta troca mútua de informações por meio da colaboração e do diálogo de forma sistemática torna-se geradora de aprendizagem através da colaboração dos pares.

Colaborar, ensinar e aprender em grupo nem sempre é tarefa fácil, requer dos agentes envolvidos (tutores e alunos) uma constante disposição à participação e ao desprendimento dos afazeres de forma totalmente individualizada, muito pelo contrário, agir de forma colaborativa é partilhar com o outro o que se aprende, e se aprende através da dúvida do outro ou de si mesmo, da relação interacional com o tutor e colegas, “A auto-suficiência é incompatível com o diálogo” (FREIRE, 1983, p.95), e este diálogo demonstrou ser constante nas ações dos interagentes. Na modalidade em que se insere o grupo estudado a utilização do AVA deve ser previamente planejada pelo tutor, que por sua vez foi elaborado por uma equipe multidisciplinar que, em geral, é composta por técnicos das mais variadas áreas do conhecimento, procurando assim, tornar este ambiente favorável à produção do conhecimento e da aprendizagem.

Das ações empreendidas pelos alunos por meio de suas publicações no Fórum, vemos em alguns casos a intenção dos alunos em trazer elementos novos para a discussão.

Observando estas publicações percebemos que estes enriquecem as informações dadas anteriormente pelo tutor.

Figura 7 – Publicação do tutor no Fórum de discussão e comentários dos alunos sobre o tema proposto

**Tutor a Distância - UAB** 14/09/2014 19:17 h

Meus caros, de acordo com o que estamos estudando "[...] interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação de disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global do mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual". (LUCK, 1994, p. 64).  
E para vocês, o que compreendem com interdisciplinaridade? Contem-nos como fariam uma aula interdisciplinar com sua turma.

---

**Aluno** 16/09/2014 06:33 h

Olá professora,  
Uma aula de Língua Portuguesa pode trazer assuntos relacionados ao meio ambiente (conteúdo de Ciências). Trazendo um texto para leitura e interpretação, pode-se, além de estimular a oralidade, também discutir um assunto relevante, gerando debates significativos e até exposições artísticas.  
Neste caso, três disciplinas estariam contempladas em um mesmo tema.

---

**Aluno** 16/09/2014 22:18 h

Verdade [redacted].  
Recentemente passou na TV, uma reportagem sobre a interdisciplinaridade, onde um professor de educação física, usava conhecimentos que os alunos adquiriam na física, ou na química, e aplicava em suas atividades como educador físico.  
  
Da mesma maneira isso é feito por professores que utilizam da língua portuguesa em suas áreas de atuação.  
O estímulo da oralidade também é muito importante nesse quesito.  
  
Numa sala de aula, poderíamos ter esta interdisciplinaridade de diversas formas.  
Um exemplo simples, é o fato de os alunos expor palavras que tiveram influências de outras línguas e o porque dessas influências. Os alunos iram concluir com a disciplina de HISTÓRIA do BRASIL, quais foram os colonizadores do Brasil, e como eles influenciaram. Também iriam perceber que muitas palavras tem origem indígena.

Fonte: AVA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

Figura 8 – Demonstração de interação entre tutor e aluno a partir de um publicações no Fórum de discussão

**Tutor a Distância - UAB** 21/09/2014 21:44 h

Muito bom [redacted]. Essa sua contribuição! Um professor de educação física se utilizando da química e da física, assim, como outros professores em outras disciplinas podem utilizar-se de metodologias diferenciadas e com outros estudos aprimorar a aprendizagem em sala de aula, levando para o cotidiano do estudante.

---

**Aluno** 17/09/2014 22:03 h

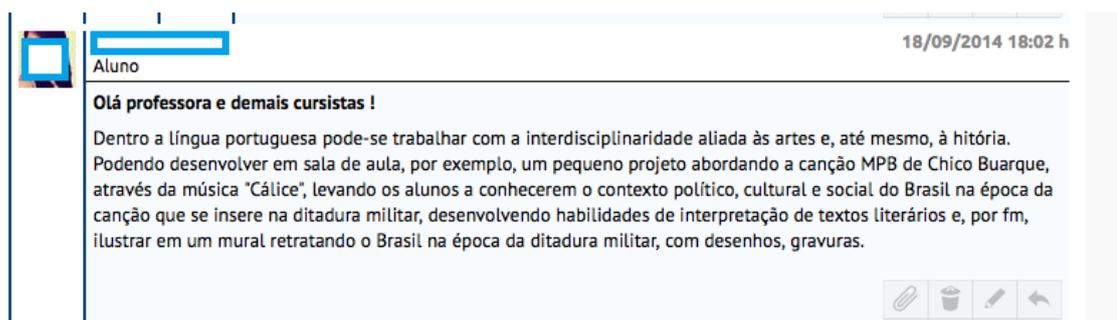
Oi [redacted]  
demos ótimos exemplos de muitas disciplinas que podem ter seus conteúdos complementados em outras.  
Não podemos esquecer que falamos de professores de áreas específicas, enquanto que o Pedagogo desempenha esta função desde a Educação Infantil. E essa interdisciplinaridade ainda contempla a ludicidade na aprendizagem.

Fonte: AVA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

Esta situação no Fórum 1 da Aula 2 trouxe como temática central a interdisciplinaridade. Os alunos envolveram-se trazendo elementos que encontraram em um telejornal e na experiência profissional, tendo em vista que um dos alunos é pedagogo. Desta situação destacamos como importante: o diálogo sobre o tema, a mediação do tutor e os exemplos trazidos por fontes que não estão presentes no AVA. Nessa medida, a colaboração entre os alunos ficou evidente tendo em vista que, os interagentes perceberam a necessidade de, além de participar do Fórum para obter uma nota ou presença na disciplina, viu-se a intenção destes em enriquecer o Fórum.

Compreendemos que as experiências anteriores dos alunos ao curso pesquisado são também levadas às discussões nos Fóruns.

Figura 9 – Publicação no Fórum de discussão relacionada às pesquisas dos alunos e experiências anteriores



Fonte: AVA Solar <http://www.solar.virtual.ufc.br/>

Quando perguntado ao aluno A4 sobre esta publicação no Fórum que tratava do tema interdisciplinaridade, ele relata: “No caso desse comentário foi uma breve lembrança da minha vivência escolar que os professores adotaram muito a questão da interdisciplinaridade, e a gente teve uma aula bem parecida assim, foram outras músicas mais relacionadas ao tema da ditadura, traz também esse contexto histórico e isso influenciou”. O aluno trouxe nesta publicação a música *Cálice* de autoria de Chico Buarque como uma estratégia de uma aula interdisciplinar, desta forma, há a intenção do aluno A4 em colaborar na atividade proposta onde os colegas possam ampliar seu entendimento de uma atividade desta natureza.

Sobre a importância dada às publicações dos alunos e da forma como estas poderiam contribuir em seu aprendizado, o aluno A4 compreendeu da seguinte forma: “Acredito que sim, acredito que cada postagem, né?! Quando a gente..., tanto postando quanto lendo o que o outro postou a gente adquire mais conhecimento, troca experiências e isso acrescenta muito em nosso ensino”. Compreendemos que é oportunizado ao aluno

circunstâncias onde é permitido a ele o papel de produtor, emissor e transmissor de informações que poderão contribuir em sua formação no percurso de seu curso de graduação, dando significado às informações apreendidas, ou como dito pelo aluno A4, “acrescenta muito em nosso ensino”. Acrescentar neste sentido para A4 pressupõe a qualidade e a percepção que ele possa ter das publicações dele e dos colegas em seu processo de formação no curso de graduação, dando importância a suas ações, interagindo de forma a colaborar com o outro.

Das possibilidades de aprendizagem presentes na modalidade de ensino semipresencial, as ações dos interagentes foram múltiplas, tendo em vista que, utilizaram de meios informacionais e também do encontro presencial. Para o aluno A2, esta modalidade de ensino é satisfatória, como relatou: “Eu acho que minha graduação está sendo bem proveitosa com relação ao meu aprendizado, apesar de ser semipresencial, eu creio que esta participação dentro dos fóruns é, tem..., ajuda muito, quase que substitui..., talvez até mais do que nós discutiríamos dentro de uma sala de aula. Acho que, a atitude, o ato de nós buscarmos o conhecimento, de conversarmos entre si, isso faz com que nosso aprendizado seja muito bom”. Neste contexto relatado por A2 percebemos que foi destacado: o aproveitamento satisfatório do aluno frente às suas expectativas; a importância dada às participações nos Fóruns de discussão; a ênfase dada à presença nos Fóruns e da relevância às discussões, valorizando “talvez até mais do que nós discutiríamos dentro de uma sala de aula”; e, por último, a atitude levantada pelo aluno em sentir ser necessário procurar o conhecimento e por meio dele, dialogar com seus pares, interagindo com o intuito de aprender e enfatizar sua satisfação neste processo. A aprendizagem torna-se então, “[...] um processo de construção do discente que elabora os saberes graças às interações com outrem” (SANTOS; SILVA, p.23).

Diante das situações que puderam surgir nos Fóruns de discussão e de sua intencionalidade, as ações dos interagentes promoveram trocas de informações, de conhecimentos que os alunos investigaram a partir das atividades propostas, desta maneira, o aluno A4 relata como percebeu estas ações nos Fóruns: “Não, acho que ,comentar, se eu concordo, se eu não concordo, já estabelece uma discussão sobre o assunto, né?!”. Estabelecer uma troca de experiências e uma discussão sobre o tema é parte do processo da aprendizagem por meio da colaboração mediada por computador. Os alunos trouxeram informações em suas publicações na intenção de responder a atividade em questão e de discutir com os demais participantes. Neste mesmo contexto o aluno A2 relatou: “Sim, claro, é muito melhor do que aprender apenas lendo, ou estudando sobre um determinado assunto, é..., porque com os fóruns nós temos esta oportunidade de sair da caixa, não ficar apenas no que nós pensamos,

nas nossas ideias”. Entendemos que o aluno A2 intencionou afirmar utilizando a expressão “sair da caixa”, o poder revelar-se diante de seus pares, de expor suas ideias e compartilhá-las. Esta condição de dividir com o outro, funciona no sentido contrário, demonstra o quanto o aluno está receptivo às informações dos outros alunos.

Na perspectiva de trazer elementos em formatos de mídias diferentes para os Fóruns, o aluno A1 fez o seguinte comentário acerca de sua publicação: “É... a gente fez uma discussão sobre como que, qual professor você quer ser, né, era uma reflexão sobre, como a gente agiria em sala de aula e esse vídeo de uma maneira engraçada, satirizando, ele vai (postar?) é, falando do professor que é preguiçoso..., de vários tipos de professor, como acho que tinha haver com o conteúdo da aula, na hora mesmo que vi no *YouTube* peguei o link e joguei no fórum, aí joguei e já fiz o comentário em cima. Porque era..., é aquela questão mesmo, quantas vezes a gente não se percebe em sala de aula com um daqueles professores ou pra sempre ou sempre agindo dessa forma ou algumas vezes agindo desta forma”.

Figura 10 – Publicação do aluno A1 no Fórum de discussão utilizando de fonte em outro formato de mídia (vídeo)

The screenshot displays a forum thread with three messages:

- Message 1:** From 'Aluno' (Student), dated 17/08/2014 11:31 h. The text reads: "Olá queridos. De uma maneira bem humorada esse grupo produziu um vídeo que fala dos tipos de professores. Achei que tinha um pouco a ver com o que foi discutido em nosso encontro presencial sobre como pretendemos ser como professores. <http://www.youtube.com/watch?v=O37sNe3Svfs> Bom Domingo!!!!".
- Message 2:** From 'Tutor a Distância - UAB' (Tutor), dated 18/08/2014 20:04 h. The text reads: "Muito bom, [redacted] sua iniciativa! E qual a sua opinião sobre os tipos de professores apresentados no video? Qual deles você considera ser o professor ideal?".
- Message 3:** From 'Aluno' (Student), dated 21/08/2014 18:12 h. The text reads: "Talvez estas descrições possam se encaixar em um ou outro aspecto de algum professor, mas percebo que, por vezes o professor deve trazer o bom humor para a sala de aula e despertar a reflexão, tanto nos alunos como ele próprio deve ser um ser que repense suas práticas continuamente. Um educador deve ter uma postura discreta e agir com respeito para que possa exigí-lo."

Diante deste comentário, a intencionalidade de publicar um vídeo pode realçar nossa compreensão sobre a colaboração. Ilustrar ou diversificar o formato da publicação em forma de vídeo poderia gerar aos outros interagentes uma certa curiosidade sobre o assunto, na tentativa de instigar novas abordagens, dinamizando as ações entre os interagentes.

Diante dos dados analisados inferimos que, na modalidade de ensino em questão as Interações ocorridas na Comunidade Virtual de Aprendizagem pesquisada fizeram parte de um processo de aprendizagem coletiva, o qual é denominado de Aprendizagem Colaborativa. Esta relação, entre Interações, CVA e Aprendizagem Colaborativa, discutiremos a seguir.

#### **4.4 Interação, Aprendizagem, Comunidades e a Cibercultura**

As Interações mediadas por computador, e no caso apontado por nossa análise, as interações mútuas, ocorreram de forma sistemática em Fóruns de discussão em um Ambiente Virtual de Aprendizagem de um curso superior em Licenciatura. Estas Interações promoveram uma aproximação dos alunos mediante seus interesses e mediante as ações propostas pelo tutor. Fundamentalmente, estas ações estavam voltadas para a resolução e participação de questões propostas pelo tutor e, por meio destas ações dos alunos e da mediação do tutor, o processo de aprendizagem ocorreu de forma coletiva. As ações entre os interagentes resultaram de um conjunto de propostas que compõem um cronograma previamente estabelecido pelo curso. Estas ações estavam presentes no AVA, nos Fóruns de discussão e, na sala de aula, nos encontros presenciais.

O contexto analisado está inserido na modalidade Ensino a Distância e, neste caso, caracterizado por ser semipresencial, pois há encontros presenciais mediante um calendário prévio e, com a “presença” em um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Deste modo, compreendemos que as interações decorrentes dos Fóruns de discussão se estenderam para a sala de aula presencial. Os laços que se constituíram tinham como referência a aprendizagem dos pares.

O processo que envolveu a aprendizagem de forma colaborativa ocorreu entre alunos que se dispuseram às ações de ensinar e de aprender contribuindo para a aprendizagem do outro. Os envolvidos neste processo constituíram uma Comunidade Virtual de Aprendizagem mediante as características que foram apontadas anteriormente. Acreditamos que, o processo analisado insere-se em um novo contexto de aprendizagem, que insere o ciberespaço e as interfaces neste processo de uma educação que reflete as transformações da Sociedade da Informação.

Pautados no paradigma teórico da Cibercultura, consideramos oportuno levantarmos algumas questões relacionadas a elementos e práticas da cibercultura. Percebemos a apropriação tecnológica dos agentes envolvidos, alunos e tutor.

Constatamos a apropriação pelos agentes envolvidos de algumas práticas comuns nas CV, dentre elas a interação mediada por computador. A aproximação, os laços e o sentimento de pertencimento foram possíveis a partir das interações ocorridas inicialmente nos Fóruns de discussão e que se estenderam nos encontros presenciais. Os processos que envolveram a comunicação e a aprendizagem colaborativa partiram em geral destes Fóruns, mediados por um tutor que utilizou esta apropriação na tentativa de possibilitar esta interação. Como nas CV, os laços e o pertencimento surgiram destas interações mediadas por computador.

Mesmo que de forma circunscrita, esta apropriação também pode ser vista a partir das ações dos alunos que, em alguns casos, identificaram elementos que não estavam presentes no AVA e os compartilharam nos Fóruns de discussão a partir de pesquisas feitas em outras interfaces no ciberespaço, publicando comentários a partir de textos pesquisados ou publicando links de vídeos sobre temáticas específicas, exercitando certa autoria e certa autonomia.

Por outro lado, diante da natureza do contexto pesquisado, o AVA Solar, não identificamos situações que indicassem a ocorrência das práticas de *deviance* ou a do *outsider* (LEMOS, 2008). Como práticas que denotam o “desvio social” criativo, a *deviance* ou a figura do *outsider*, características da cibercultura, não foram identificadas. Essa ausência no AVA pode ter relação com as normas de conduta existentes na CVA, tais práticas não eram incentivadas no contexto do curso e até mesmo poderiam gerar algum tipo de prejuízo ou punição a estes alunos, podendo comprometer sua avaliação pelo tutor. As ações dos alunos ficaram restritas às discussões dos Fóruns de discussão, limitadas às temáticas e às atividades propostas.

As práticas de *excessos* e de *despesas* (LEMOS, 2008) também não foram identificados. Foi observado uma limitação nos horários de pesquisa e publicações dos alunos, suas rotinas laboral e de estudante em geral são longas e possuem pouco tempo livre para explorar outras práticas durante o período letivo. Os excessos, como práticas *hacking*, são reflexos da liberdade desta forma de conduta que utiliza de sua espontaneidade e de sua dedicação por várias horas diárias a atividades que despertem interesse e curiosidade dos agentes. Estes navegam no ciberespaço e produzem, reproduzem ou pirateiam informações de seu interesse nos mais variados formatos midiáticos. Estas práticas podem ser vistas em

tensão constante com os limites impostos nos espaços utilizados pelos alunos, AVA e sala de aula, pois nestes espaços há regras de conduta e limites espaço-temporais que simulam aquelas existentes na sala de aula tradicional, inibindo práticas em geral associadas à Cibercultura .

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de Comunidades ao longo da História da humanidade fez surgir várias maneiras de organização social e, destas, inúmeras formas de se comunicar. Neste estudo compreendemos que, por meio do ciberespaço novas formas de agregações sociais são advindas deste múltiplo espaço desterritorializado. As Comunidades Virtuais de Aprendizagem surgem assim, neste contexto de novas formas de comunicação e sociabilidade, com novas compreensões de construção de saberes e de aprendizagem.

Com as TIC as interações mediadas por computador possibilitam não somente a comunicabilidade mas, a sociabilidade e a aprendizagem em espaços múltiplos. O Ecosistema Comunicativo abarca esta dinâmica da comunicação e do uso das TIC e, por meio das Interações e ações dos interagentes surge um ambiente propício à aprendizagem.

Do surgimento das Comunidades Virtuais e dos interesses específicos para cada uma delas as Comunidades Virtuais de Aprendizagem passaram a surgir destas com um objetivo específico, a aprendizagem. Muitas Instituições de Ensino Superior, com o intuito de criar espaços específicos para a aprendizagem, criaram Ambientes Virtuais de Aprendizagem com este objetivo. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem utilizam de várias interfaces, hiperlinks, hipertextos, vídeos, materiais didáticos e Fóruns de discussão no intuito de possibilitar a aprendizagem por meio da Educação a Distância.

A análise dos dados empíricos coletados, entrevistas e a observação das publicações nos Fóruns de discussão da disciplina em questão, focaram aspectos concernentes às interações mediadas por computador, às características de uma CVA e às práticas que envolvem a Aprendizagem Colaborativa.

Inicialmente as análises dos dados empíricos relativos às interações mediadas por computador, revelaram:

- A comunicabilidade entre alunos e tutor por meio do AVA Solar e suas implicações diretas, positivas, para o processo de aprendizagem;
- As ações dos interagentes e as trocas de informações que possibilitam a aprendizagem individual e colaborativa;
- A importância dada pelos alunos ao papel do tutor como um mediador das ações dos interagentes;

- A compreensão dos alunos do uso do AVA Solar como espaço de aprendizagem dada a modalidade de ensino semipresencial possuir características próprias, tais como: as distâncias geográficas, a possibilidades dos horários de estudo, pesquisa e participação nos Fóruns poderem se adequar a sua rotina;
- Os encontros presenciais tornam-se uma extensão das ações empreendidas nos Fóruns de discussão e contribuíram para as interações e para a aprendizagem.

A utilização de um AVA para a modalidade de ensino semipresencial possibilitou o uso de interfaces presentes neste ambiente para a comunicação entre os alunos. Observando esta comunicação compreendemos que as Interações mediadas por computador propiciaram trocas comunicativas importantes que tornaram possíveis as relações entre estes e contribuíram para a aprendizagem.

Embora a presença dos alunos nos Fóruns de discussão fosse obrigatória nesta Comunidade Virtual de Aprendizagem pesquisada, consideramos que, como um Ecosistema Comunicativo, tornar-se-ia necessário um desprendimento e envolvimento dos alunos e do tutor com o uso das TIC, o que foi percebido a partir de nossa observação, tendo em vista que, uma das características do Ecosistema Comunicativo é a relação do indivíduo com as novas tecnologias.

De modo geral, as ações dos alunos partiram das atividades propostas pelo tutor, motivador dos Fóruns de discussão, com base em conteúdos específicos escolhidos a partir dos assuntos abordados na disciplina. Percebemos que estas ações levavam a situações que geraram uma situação de aprendizagem, já que as trocas entre os participantes foram significativas como parte desse processo.

A função do tutor, como orientador e mediador das ações dos alunos, foi considerada, ao longo dos comentários dos alunos nas entrevistas, fundamental para sua aprendizagem. Suas ações e *feedbacks* foram voltadas às temáticas e ao *feedback* das ações dos alunos havendo, portanto, uma Interação constante entre os interagentes, aluno-aluno e aluno-tutor.

Percebemos que os alunos compreendem que a modalidade de ensino semipresencial possui características próprias, que é necessário uma Interação constante no AVA por intermédio dos Fóruns de discussão. Tais interações entre os alunos constituem processos de aprendizagem e socialização muito próprios, cabendo ao tutor, no andamento dos Fóruns, direcioná-los para um fim de aprendizagem. Além disto, os encontros presenciais, na visão dos alunos, tornam-se uma extensão das discussões inicialmente realizadas no AVA, percebendo que formas de interagir no ciberespaço e na sala de aula presencial se

complementaram no processo de aprendizagem, pois ambas fizeram parte do mesmo processo de aprendizagem e de relações sociais entre os alunos.

Sobre Comunidade no sentido mais amplo e as características de uma Comunidade Virtual de Aprendizagem, concluímos que:

- Os alunos percebem os laços existentes criados por intermédio de suas ações e Interações;
- A sensação de pertencimento é entendida pelos alunos pesquisados como algo presente nas suas relações;
- Compreendem que fazem parte de uma Comunidade;
- As características de uma CVA são existentes, em particular: a aprendizagem como objetivo maior, as Interações, o interesse em comum voltado à aprendizagem, o uso de interfaces computacionais como meio para as ações voltadas a educação, o uso de um Ambiente Virtual de Aprendizagem, o tutor assume um papel de orientador, a aprendizagem colaborativa e os participantes assumiram um papel ativo no processo de aprendizagem.

Os laços entre os interagentes foram se constituindo inicialmente no AVA. Por meio de suas ações os alunos passaram a se identificar como participantes de uma Comunidade, alguns deles a denominam “Comunidade Acadêmica” pois se incluem como alunos de um curso de graduação da UAB/UFC-Virtual. Consideram relevante o fato de poderem identificar pelo nome os colegas quando se encontram na sala de aula presencial, reputando esta situação como a concretização dos laços inicialmente feitos no ciberespaço.

Os alunos conceberam o senso de pertencimento como um sentimento de pertencer a algo, a uma Comunidade, e esta Comunidade era orientada a um fim comum voltada aos interesses coletivos. As suas relações que emergem de suas formas de interagir, no AVA e no encontro presencial, passam a fazer parte de sua rotina frente às suas necessárias participações nos Fóruns de discussão.

Como um Ecossistema Educativo, a utilização do AVA Solar e as Interações mediadas por computador que decorreram das ações dos interagentes constituíram-se como parte do processo de comunicação e de aprendizagem presentes em uma CVA. Desta maneira, a aprendizagem, tanto no AVA, como nos encontros presenciais, delimitaram esta primeira característica de uma CVA.

Os interesses em comum dos alunos, com fins de aprendizagem e as ações intencionais com o intuito de aprendizagem, também puderam ser identificados ao longo desta

pesquisa. Estas ações intencionais, notadamente, partiram das publicações e atividades propostas pelo tutor, que exerceu um papel de mediador e orientador. Em um processo de aprendizagem que ocorre no ciberespaço é importante o papel ativo do indivíduo que nele está inserido. Desta maneira, percebemos que as ações dos interagentes nos Fóruns de discussão foram geradoras de uma Interação permanente. Nas CVA a Interação permanente é necessária e, neste estudo observamos que as ações entre os interagentes observados tendiam a seguir esta característica. Os alunos entrevistados perceberam o quão era necessária esta Interação e, que, influenciou na sua forma de perceber seu aprendizado em grupo, a colaborar com os demais alunos pertencentes a sua turma. Concluímos que, diante de tal exposto, a turma observada no AVA Solar se constitui como uma CVA.

No que se refere à Aprendizagem Colaborativa constatamos:

- A valoração dada pelos alunos ao aprendizado de forma a colaborar com o outro;
- A percepção dos alunos da aprendizagem em grupo;
- A intenção de Interação permanente entre os interagentes;
- A procura de se manter um respeito mútuo a partir da opinião dos alunos;
- Objetivos gerais relacionados a aprendizagem;
- Embora a Aprendizagem Colaborativa não mantenha uma hierarquia para a organização e execução das ações mas, os alunos valorizam os *feedbacks* do tutor;
- Foi atribuída ênfase no processo de construção do conhecimento por intermédio das ações dos alunos.

Observando os dados empíricos analisados percebemos que algumas características marcantes da Aprendizagem Colaborativa estavam presentes neste contexto pesquisado. Estas características iniciais são: o tutor que não centralizou todas as ações, de forma unilateral mas, potencializou a participação dos alunos por intermédio de suas publicações que protagonizaram o processo de aprendizagem. Portanto, o processo foi centrado nas ações dos alunos. Foi conferida ênfase ao processo de aprendizagem, pois as publicações dos alunos, em alguns casos, foram geradoras de novas publicações sobre uma temática, o que demonstrou uma intencionalidade dos alunos em aprofundar suas informações. Ocorreu a aprendizagem em grupo, pois nos Fóruns, foram compartilhadas informações de interesse comum, centradas em uma temática previamente escolhida pelo tutor em cumprimento de um cronograma estabelecido pelo curso.

A partir dos dados analisados percebemos a valoração dada pelos alunos ao aprendizado de forma a colaborar com o outro. Nas falas dos alunos entrevistados,

identificamos a intenção dos alunos em ajudar os colegas e de tirar suas dúvidas nos Fóruns de discussão observando as publicações de seus pares.

De modo geral, os alunos compreenderam que suas ações são muitas vezes coletivas pois, por meio de suas publicações e de suas observações as informações geradas nos Fóruns fazem parte de um processo de aprendizagem em grupo. Uma ação muitas vezes gerou novas ações. O grupo aprendeu com um grupo, as dúvidas foram elucidadas com um grupo e ou com a mediação do tutor.

No decorrer de nossa observação e análise dos dados percebemos que houve a intenção de Interação permanente entre os interagentes, eles sentem ser necessária uma presença constante no AVA. Em sua rotina, alguns alunos consideram ser relevante sempre observar as publicações dos outros alunos. Na aprendizagem colaborativa as ações dos interagentes geram situações que fazem parte da dinamicidade de um AVA, além disto, o envolvimento dos pares é necessário.

Ao que se refere às regras de respeito mútuo e de considerar importantes as opiniões dos colegas, observamos que na opinião geral dos alunos entrevistados, tanto nos Fóruns de discussão como nos encontros presenciais este respeito é constante.

Em relação aos objetivos gerais relacionados a aprendizagem, que é parte importante de um processo de aprendizagem colaborativa, a CVA observada se referencia neste objetivo em comum, aprender, e deste aprendizado poderão concluir seu curso de graduação.

Na Aprendizagem Colaborativa não há uma hierarquia entretanto, os alunos valorizam os *feedbacks* do tutor, considerando importante seu papel na mediação de suas ações. O suporte necessário à aprendizagem colaborativa enfatiza uma condição de situações que envolvam o interesse dos alunos, da motivação e desprendimento do tutor. Percebemos que é dado ênfase no processo de construção do conhecimento através das ações dos alunos, suas publicações são geradoras de conhecimento que será lido por seus pares. Suas publicações são baseadas nas leituras prévias do material disponibilizado pelo curso, por textos e vídeos pesquisados no ciberespaço, e de suas experiências anteriores, da vida escolar e da vida profissional.

Ainda que as práticas de aprendizagem praticadas no AVA, de modo geral, e no Fórum de discussões, mais particularmente, se norteiem por uma proposição didático-pedagógica que busca cumprir objetivos acadêmicos da instituição educadora, é importante buscar compreender os limites interativos e colaborativos de tais vivências em rede, particularmente diante da riqueza comunicacional e autoral que se processa na cibercultura

hoje. Não há dúvidas de que processos de aprendizagem mais abertos, menos centrados na instituição e no tutor, com maior autonomia dos alunos, poderá gerar não apenas comunidades virtuais dotadas de maior vitalidade e autenticidade, mas é possível antever tais benefícios para processos de aprendizagem, ainda que estes se constituam a partir de lógicas menos previsíveis e controláveis. Eis um desafio para o futuro da educação a distância que busca se aproximar da essência da cibercultura que se constitui nas interações e agregações do ciberespaço.

Concluindo, nosso trabalho se encerra com a percepção de que as Interações dos alunos pesquisados são geradoras de relações que tramitam entre a sociabilidade, a comunicação, a criação de laços e a aprendizagem. A sensação de pertencimento dos alunos é parte constituinte dos laços que auxiliam na constituição de uma Comunidade. Que foram identificadas características relevantes e necessárias a uma CVA. E, por último, as ações do tutor e dos alunos se inserem em um processo de aprendizagem colaborativa.

No decorrer da análise dos dados coletados ao longo da pesquisa empírica, percebemos que o número de Fóruns analisados foi limitado, pois haveria a possibilidade de ampliar as nossas percepções das Interações entre os alunos. Assim, o contexto educativo com fins de aprendizagem poderia assim ser melhor elucidado, sobretudo no contexto da Aprendizagem Colaborativa. As ações dos interagentes nos Fóruns de discussão foram pesquisadas no intuito de percebermos as nuances destas interações mútuas, ocorrendo assim uma análise pontual destas ações. Mas, assumimos que essa análise poderia ter sido mais aprofundada mediante o número de Fóruns pesquisados.

No entanto, a pesquisa empírica ocorre em um contexto que não é engessado no tempo e espaço. O pesquisador arrisca-se na tentativa de imprimir da melhor maneira sua análise mediante os dados coletados, correndo assim um risco. Mesmo diante de tais riscos o estudo das Interações mediadas por computador em Comunidades Virtuais de Aprendizagem pode contribuir na compreensão dos fenômenos mais recentes que envolvem a aprendizagem no ciberespaço. A Cibercultura assim contribui nesta análise, de uma sociedade em profundas e constantes transformações, que se modifica por meio de novas formas de socialização, comunicação, agregação social, laços e aprendizagem. Concluimos este estudo acreditando na possibilidade de um aprofundamento destas questões levantadas para a compreensão dos novos fenômenos da aprendizagem no ciberespaço.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. Ed. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Título original: Dizionario di filosofia.

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Tradução e notas: Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, 103p.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução: Vinícius Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, 92p.

AKEL FILHO, NAIM. **Aprendizagem colaborativa baseada em ambientes virtuais: Possibilidades na construção de conhecimentos de neurociência**. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em :  
<[http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=704](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=704)>. Acesso em: 01 jun. 2015.

ALCÂNTARA, Paulo Roberto; SIQUEIRA, Lília Maria Marques; VALASKI, Suzana. **Vivenciando a aprendizagem colaborativa em sala de aula: experiências no ensino superior**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.12, p.169-188, maio/ago. 2004. Disponível em:  
<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=627&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

ALVES, Ângela Maria *et al.* **Educação a distância: aspectos positivos e análise a favor da modalidade**. Cadernos de Educação, v.13, n. 27, jul.dez.2014. Disponível em:  
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/cadernosdeeducacao/article/viewFile/5437/4468>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

ANTUNES, Celso. **Glossário para educadores (as)**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, 199p.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

BARBOSA, Cláudia Maria Arôso Mendes. **A aprendizagem mediada por TIC: interação e cognição em perspectiva**. 2012. Disponível em:  
<[http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2012/artigo\\_07\\_v112012.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2012/artigo_07_v112012.pdf) >. Acesso em: 01 jun. 2015.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, 141p.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2005, 171p.

BEHAR, Patricia Alejandra; FLORES, Maria Lucia Pozzatti; MUSSOI, Eunice Maria. **Comunidades virtuais: um novo espaço de aprendizagem**. 2007, RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/reote/article/view/14241>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994, 336p. Título original: Qualitative research for education.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente: comunidade em fluxo**. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção (org). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 119p. (Coleção leitura, escrita e oralidade)

BRUNO, Adriana Rocha. **Aprendizagem do adulto: contribuição para a construção de uma didática on-line**. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção (org). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 119p. (Coleção leitura, escrita e oralidade)

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, 243p. Título original: The internet galaxy: reflections on the internet, business and society.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 698p. ,v.1.

\_\_\_\_\_. CASTELLS, M. (2009). *A sociedade em rede*. 2º vol. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 288p.

CAMPOS, Aline de. **Os conflitos em processos colaborativos de escrita coletiva na web 2.0**. In: PRIMO, Alex (org). A internet em rede. Porto Alegre, Sulina, 2013, 279p. (Coleção Cibercultura)

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 284 p.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

COLL, César; BUSTOS, Alfonso; ENGEL, Anna. **As comunidades virtuais de aprendizagem**. In: COLL, César; MONEREO, Carles. Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Tradução: Naila Freitas; consultoria Milena da Rosa Silva. Porto Alegre: Artmed, 2010, 365p.

CONRAD, Dianne. **Interaction and Communication in Online Learning Communities: Toward an Engaged and Flexible Future**. In: ANDERSON, Terry; ZAWACKI-RICHTER, Olaf. *Online distance education : towards a research agenda*. 2014. Series: Issues in distance education series ; 8.

DAMIANI, Magda Floriana. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Curitiba: Educar, n. 31, p. 213-230, 2008. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

DAVID, Priscila Barros. **Interações contingentes em Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. 2010, 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/3184>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

DAVID, Priscila Barros; CASTRO-FILHO, José Aires de. **Sistema de análise de interações contingentes: uma contribuição para práticas interativas em cursos a distância**. São Paulo: Revista e-curriculum, São Paulo, v.8 n.1, abril 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum> >. Acesso em: 01 jun. 2015.

DILLENBOURG, Pierre. **Over-scripting CSCL: The risks of blending collaborative learning with instructional design**. In: P. A. Kirschner. *Three worlds of CSCL. Can we support CSCL?*, Heerlen, Open Universiteit Nederland, pp.61-91, 2002. Disponível em <<https://telearn.archives-ouvertes.fr/hal-00190230/document>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **What do you mean by 'collaborative learning'?** 1999. Disponível em: <<http://tecfa.unige.ch/tecfa/teaching/aei/papiers/Dillenbourg.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

DILLENBOURG, P., BAKER, M., BLAYE, A. & O'MALLEY, C. (1996) **The evolution of research on collaborative learning**. In E. Spada & P. Reiman (Eds) *Learning in Humans and Machine: Towards an interdisciplinary learning science*. (Pp. 189- 211). Oxford: Elsevier. Disponível em: <<http://tecfa.unige.ch/tecfa/publicat/dil-papers-2/Dil.7.1.10.pdf>> . Acesso em: 03 jun. 2015.

FILANTRO, Andrea. **As teorias pedagógicas fundamentais em EAD**. In: FORMIGA, Manuel Marcos Maciel; LITTO, Fredric Michael (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 239 p. Coleção Cibercultura.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3.ed. Tradução: Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Moraes, 1980. 102p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 218p. (Coleção O Mundo, hoje, v.21)

GARCIA, Pedro; PEDRO, Neuza. **Interação Online e Resultados Acadêmicos: Uma Relação Inexistente, Positiva ou Prejudicial?** (p.29-35) Aprendizagem Online. Atas do III Congresso Internacional das TIC na Educação. Lisboa, Portugal. 14 a 16 de novembro de 2014. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://ticeduca2014.ie.ul.pt>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.323p.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 336p. Título original: On history.

IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (org). Lev Semenovich Vigotsky. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 140p. (Coleção Educadores)

JOHNSON, Allan G **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução: Ruy Jungmann; consultoria: Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. Título original: The Blackwell dictionary of sociology (a user's guide to sociological language).

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 3ed. Campinas, SP: Papirus, 2003, 157p. (Série Prática Pedagógica)

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira; revisão de tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, 368p. Título Original: Vergangene Zukunft.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, 295p.

\_\_\_\_\_. **Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. In Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda. (orgs), Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática, Porto Alegre, Editora Sulina, 2007, pp. 277-293. Versão n.p. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/territorio.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p. Coleção TRANS.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. **Avaliação e educação a distância: conceitos e propostas**. In: MERCADO, Luis Paulo. Vivências com aprendizagem na Internet. Maceió : EDUFAL, 2005, v.1, p. 71-83.

MAURI, Teresa; ONRUBIA, Javier. **O professor em ambientes virtuais: perfil, condições e competências**. In: COLL, César; MONEREO, Carles; Tradução: Naila Freitas. Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010, 365p. Título original: Psicología de la educación virtual: Enseñar y aprender com las tecnologías de la información y la comunicación.

MARCONDES FILHO, Ciro (org). **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação a educação. 2000, Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

MATTAR, João. **Interatividade e aprendizagem**. In: FORMIGA, Manuel Marcos Maciel; LITTO, Fredric Michael (orgs). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. **Educação a distância na transição paradigmática**. Campinas: Papirus, 2003,143p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

PALLOF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Tradução: Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004, 216p.

PASSARELLI, Brasilina. **A aprendizagem on-line por meio de comunidades virtuais de aprendizagem**. In: FORMIGA, Manuel Marcos Maciel; LITTO, Fredric Michael (orgs). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PRIMO, Alex. **Interação mediana por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. 3. ed. . Porto Alegre: Sulina, 2011, 239p. (Coleção Cibercultura)

\_\_\_\_\_. **Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática**. In: PRIMO, Alex (org). Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013, 279p. (Coleção Cibercultura)

\_\_\_\_\_. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. Nº 45, 2005. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques\\_desfoques.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

PORTO, Liana Barcelos; ORTH, Miguel Alfredo. **Formação de professores a distância: relato de experiências**. 2012. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/view/114>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

RECUERO, Raquel. **Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet**. In: PRIMO, Alex (org). Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013, 279p. (Coleção Cibercultura)

RIFIOTIS, Theophilos. **Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade**. In: RIFIOTIS, Theophilos *et al* (orgs). Florianópolis: Editora UFSC, 2010. 174 p.

ROZENFELD, Cibele Cecílio de Faria; VELOSO, Fernanda Silva. **A comunicação em**

**fóruns de um curso a distância de formação de professores para uso de TDICS: Análise da presença de ensino.** Revista Ibero Americana de Estudos em Educação v. 9, n. 3 (2014) Disponível em: <<http://seer.fc.lar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6765>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores.** 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. 319p. (Coleção Cibercultura)

SÁ, Robsônia Ribeiro de; COURA-SOBRINHO, Jerônimo. **Aprendizagem colaborativa assistida por computador- CSCL: primeiros olhares.** 2006. Disponível em: <[http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema1/TerxaTema1Artigo15.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo15.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** Coordenação Valdir José de Castro. São Paulo: Paulus, 2003,357p.

SANTAELLA, Lucia. **Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação.** In: PRIMO, Alex (org). Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013, 279p. (Coleção Cibercultura)

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Saete Prado. **Concepção Dialógica e as Ntic: A Educomunicação e os Ecossistemas Comunicativos.** 2005 . Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco. **A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa.** In: TORRES, Patrícia Lupion [org.]. Algumas vias para entretecer o pensar e o agir – Curitiba: SENAR-PR, 2007. 196p.

SERAFIM, Maria Lúcia; PIMENTEL, Fernando Sílvio Cavalcante; DO Ó, Ana Paula de Sousa. **Aprendizagem colaborativa e interatividade na web: Experiências com o google docs no ensino de graduação.** Recife: 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Multimodalidade e Ensino, 2008. Anais eletrônicos, 1ª ed. , Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Maria-Lucia-Serafim\\_Fernando-Pimentel-e-Ana-Paula-do-O.pdf](https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Maria-Lucia-Serafim_Fernando-Pimentel-e-Ana-Paula-do-O.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2015.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica...** . 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, 270p. (Coleção práticas pedagógicas)

SILVA, Marco. **Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, dezembro de 2008, nº 37. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4802/3606>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SILVA, Marcos José Diniz. **O conflito social e suas mutações na teoria sociológica.** Qualit@s Revista Eletrônica, vol.1. N°2(2011). Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/375/588>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

SILVA, Antonio Carlos da. **Educação e as novas linguagens tecnológicas: Aprendizagem colaborativa e construção do conhecimento.** Revista Científica Digital da FAETEC - Rio de

Janeiro/RJ - Ano VIII - No 01 - 2º semestre/2014, n.p. Disponível em: <<http://www.faeterj-caxias.net/revista/index.php/edutec/article/viewFile/116/114>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SOUSA, Socorro Claudia Tavares de. **As formas de interação na internet e suas implicações para o ensino da língua materna**. In: RODRIGUES-Júnior, Adail Sebastião et al. *Internet & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

SOBOLL, Renate Stephanes. **Metodologia andagógica e docência transdisciplinar na educação a distância**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010184616.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2015.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, 268p.

STAHL, G, KOSCHMANN, T., & SUTHERS, D. **Computer-supported collaborative learning: An historical perspective**. In R. K. Sawyer (Ed.), *Cambridge handbook of the learning sciences*, p. 409-426, 2006. Cambridge, UK: Cambridge University Press. Disponível em : <[http://gerrystahl.net/cscl/CSCL\\_English.pdf](http://gerrystahl.net/cscl/CSCL_English.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2015.

STOCKINGER, Gottfried. **A interação em Ciberambientes e Sistemas Sociais**. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (orgs). *As janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001, 280p.

TORRES, Patrícia Lupion; IARLA, Esrom Adriano F. . **Aprendizagem colaborativa**. In: TORRES, Patrícia Lupion [org]. *Algumas vias para entretecer o pensar e o agir*. Curitiba : SENAR-PR, 2007. 196p.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Organizadores: Michael Cole [et al]. Tradução: José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182p. Título original: *Mind in society: the development of higher psychological processes*.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Após ser esclarecido, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

Título do Projeto: “INTERAÇÕES E APRENDIZAGEM EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE REFERENCIADA NO PARADIGMA TEÓRICO DA CIBERCULTURA”

Pesquisador: MARDEN CRISTIAN FERREIRA CRUZ

Orientador: Prof. PhD Eduardo Junqueira

Contatos: [mardencristian@gmail.com](mailto:mardencristian@gmail.com) ; [mardencristian@yahoo.com.br](mailto:mardencristian@yahoo.com.br)

Telefones: (85) 8812-95-54; (85)9919-90-91

**DESCRIÇÃO DA PESQUISA:** A pesquisa pretende compreender a natureza das interações em uma Comunidade Virtual de Aprendizagem no paradigma teórico da Cibercultura. Tendo como sujeitos participantes alunos da disciplina (XXXXX) do curso de Licenciatura em (XXXXX) da Universidade Aberta do Brasil/ Universidade Federal do Ceará.

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Os dados coletados nas diferentes etapas da pesquisa, além de comporem o texto da dissertação de mestrado do pesquisador, poderão ser utilizados por este na escrita de diferentes artigos e trabalhos científicos que serão apresentados em eventos acadêmicos, científicos e didáticos, e encaminhados para publicação, tanto na área de educação, quanto em áreas afins.

Os (as) participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a eles (as) mesmos (as) e ao pesquisador. Asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_,

telefone: \_\_\_\_\_ declaro que li este documento e entendi os propósitos da pesquisa e sinto-me esclarecida (o) a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Local e Data

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual o seu nome?
2. Nome do curso e o semestre em curso. Qual o seu Polo?
3. Descrição da ação do aluno no Fórum. Orientar-se por:
  - a. Me conte como você fez essa postagem...
  - b. O que motivou a postagem/resposta;
  - c. Onde pesquisou (aula; material disponibilizado pelo tutor; pesquisa em outras fontes);
  - d. Existe alguma influência em suas respostas a partir da leitura das postagens dos colegas ou dos comentários do tutor;
  - e. Algum motivo aparente para a escolha do dia/horário da postagem da resposta;
  - f. Posição do tutor
4. Destacar o primeiro fórum e depois retoma o segundo fórum (mostrar ao aluno suas postagens).
5. O que você acha das interações entre os alunos nos fóruns? Elas colaboram nas relações entre você e os alunos? A maneira de interagir com os colegas através dos fóruns é suficiente na sua relação com eles? Nos encontros presenciais estas interações se refletem na convivência, por exemplo: Se você discorda do posicionamento/opinião da resposta de um aluno ou do tutor, no encontro presencial isso se manifesta em algum debate sobre o assunto proposto, ou na forma de tratamento entre este aluno ou tutor e você?
6. Os comentários do tutor nos fóruns contribuem ou interferem na sua aprendizagem? Relate.
7. Você acha que o pessoal no fórum forma uma comunidade?
8. Você percebe que existe alguma sensação de pertencer a algo (neste sentido da comunidade)?
9. São criados vínculos entre os alunos?
10. Você percebe se através dos fóruns os membros estão de alguma forma se relacionando?
11. Você percebe alguma forma de proximidade e identificação entre os alunos?
12. Destacar os elementos presentes em uma comunidade: Afinidade, Pertencimento, Aproximação, Relacionamento, Laços, Integração, Identificação, Vínculo, CP Interesse compartilhado (processo coletivo).
13. Você acredita que através dos comentários nos fóruns existe uma forma de aprendizagem em grupo? A forma de aprender em grupo (de forma colaborativa),vem contribuindo de alguma maneira na sua formação acadêmica/profissional? Como? Caso não: De que maneira isto poderia ocorrer?

14. Você acredita que as contribuições dos colegas nos fóruns, através do uso do AVA Solar, contribui para a aprendizagem do grupo? Como?
15. Estas interações auxiliam na sua forma de aprender em conjunto com o grupo?
16. O que poderia ser feito para melhorar estas interações?
17. As interações e a aproximação ou divergências dos alunos nos fóruns, de alguma maneira altera as interações nos encontros presenciais? Se possível exemplifique.
18. Destaque pontos negativos e positivos da forma de ensinar e aprender em grupo (através da colaboração), quando a participação dos alunos de alguma forma contribui na aprendizagem do grupo.
19. Na sua opinião, a participação do tutor nos fóruns auxilia nas interações entre os alunos?
20. Você acredita que nesta modalidade de ensino (EaD – semipresencial) a aprendizagem em grupo através das contribuições dos colegas é possível?